

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

HELDER JOHN

**A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL  
NA LITERATURA ALEMÃ CONTEMPORÂNEA:  
A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE HÍBRIDA**

Porto Alegre  
2015

HELDER JOHN

**A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL  
NA LITERATURA ALEMÃ CONTEMPORÂNEA:  
A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE HÍBRIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann

Linha de Pesquisa: Literaturas Estrangeiras Modernas

Porto Alegre  
2015

### CIP - Catalogação na Publicação

John, Helder

A imigração alemã no Rio Grande do Sul na literatura alemã contemporânea: a formação de uma identidade híbrida / Helder John. -- 2015.

122 f.

Orientador: Gerson Roberto Neumann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Literatura alemã. 2. Literatura de migração. 3. Literatura regional. 4. Imigração alemã no Rio Grande do Sul. 5. Híbridismo. I. Neumann, Gerson Roberto, orient. II. Título.

HELDER JOHN

**A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL  
NA LITERATURA ALEMÃ CONTEMPORÂNEA:  
A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE HÍBRIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Aprovada em 24 fev. 2015.

---

Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann – Orientador

---

Profa. Dra. Elaine Barros Indrusiak – UFRGS

---

Profa. Dra. Isabel Cristina Arendt – UNISINOS

---

Prof. Dr. Michael Korfmann – UFRGS

*À Betina, com todo o meu amor.*

*A Anton Paulata e a Michel John, sem os quais,  
nada disto existiria.*

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer ...

... ao meu orientador, professor Gerson Roberto Neumann, que confiou em meu trabalho e esteve sempre presente para conversar, trocar ideias e iluminar meu caminho nos momentos em que achei que não saberia mais como continuar.

... aos demais professores e colegas que dividiram comigo seus conhecimentos, me mostraram caminhos e deram palavras de incentivo.

... aos meus pais e à minha irmã pela compreensão e pelo incentivo.

... à minha futura esposa, Betina, pela paciência, pelo carinho e pela atenção desde que nos conhecemos.

... ao Herr e à Frau Adams pela indicação do romance *Menschen im Aufbruch*.

... à família Boos pelo presente que foi a obra *Das Mädchen am Rio Paraíso*.

*Ich bin ein Stein, der bewegt worden ist;  
unmöglich wird sein für mich, zurückzukehren  
dorthin, wo ich hingefallen war, als es anfing,  
mich zu geben. (TSCHINAG, 2001, p. 39)*

*Eu sou uma pedra que foi movida; impossível  
será para mim, voltar para onde eu havia caído,  
quando comecei a existir. (tradução nossa)*

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar como a cultura do imigrante alemão é constituída em duas obras da literatura alemã atual que abordam a emigração do Hunsrück para o Rio Grande do Sul. Para isso, realizou-se, inicialmente, uma breve revisão dos contextos históricos alemão e brasileiro na primeira metade do século XIX. Em seguida, foi apresentado o processo de migração, a partir de cinco locais que representam esse movimento, desde a saída de sua terra até a chegada ao novo lugar. Além disso, sob o olhar pós-colonial presente na teoria literária atual, procurou-se destacar os conceitos de hibridização e de Terceiro Espaço relacionados ao contato de culturas e ao surgimento, a partir de então, de uma cultura híbrida. Posteriormente, após a apresentação das obras *Menschen im Aufbruch* (1998) e *Das Mädchen am Rio Paraíso* (2010), selecionadas como *corpus* da pesquisa, foram identificados os elementos principais que caracterizam os cinco locais do romance de migração e os elementos que estão relacionados ao contato entre as culturas brasileira e alemã e, principalmente, que indicam como é construída a cultura do imigrante alemão na Colônia de São Leopoldo. Por fim, a partir dos dados encontrados, foi realizada uma análise relacionando os elementos de ambas as obras que se aproximavam ou que divergiam. Desse modo, a partir dessa análise, verificou-se que, em ambas as obras, podem ser encontrados os cinco locais que constituem o movimento de migração, havendo, inclusive, aspectos semelhantes entre os romances. Com base na teoria pós-colonial, também se identificou, como ocorreu nas obras literárias o contato entre as culturas brasileira e alemã e, a partir das relações entre elas, como foi construída a cultura híbrida do colono alemão nos romances.

Palavras-chave: Literatura alemã. Literatura de migração. Literatura regional. Imigração alemã no Rio Grande do Sul. Hibridismo. Terceiro Espaço.

## ABSTRACT

This thesis aims at analyzing how the German immigrant culture is made based on two books of current German Literature which approach Hunsrück emigration to Rio Grande do Sul. In order to make it possible, a brief revision of both German and Brazilian historical context was made related to the first half of the nineteenth century. Afterwards, the process of immigration was introduced from five places which represent this movement, from the moment of leaving the land to the arrival at the new place. Besides, based on a post-colonial perspective present in current literary theory, the research focused on highlighting the concepts of hybridization and Third Space related to culture contact and to the ensuing beginning of a hybrid culture. Then, after the presentation of the books *Menschen im Aufbruch* (1998) and *Das Mädchen am Rio Paraíso* (2010), selected as research corpus, the main elements which characterize the five places of the Romance of Migration and the elements which are connected to the German and Brazilian culture were identified. As a result, they indicate how the culture of the German immigrant is built at São Leopoldo Colony. Finally, based on the data found, an analysis of convergent and divergent elements in both novels was made. Therefore, from this analysis, it was observed that the five places which constitute the migration movement were found in both books. There are even similar aspects in the novels. The post-colonial theory helped highlight the contact between Brazilian and German cultures as presented in the literary books and, from these connections, how the hybrid culture of the German settler is built in the novels.

Keywords: German Literature. Literature of Migration. Regional Literature. German Immigration in Rio Grande do Sul. Hybridity. Third Space.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1</b>	<b>ALEMANHA E BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: O CONTEXTO MIGRATÓRIO</b> .....	14
1.1	ALEMANHA E EMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX .....	14
<b>1.1.1</b>	<b>Os Motivos da Emigração para o Brasil</b> .....	16
<b>1.1.2</b>	<b>A Onda Migratória no Hunsrück até a Primeira Metade do Século XIX</b> .....	19
1.2.	BRASIL E IMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX .....	20
<b>1.2.1</b>	<b>Os Motivos da Imigração Alemã no Brasil</b> .....	21
<b>1.2.2</b>	<b>A Imigração Alemã no Rio Grande do Sul na Primeira Metade do Século XIX</b>	23
<b>2</b>	<b>CULTURAS EM MOVIMENTO</b> .....	28
2.1	A CARTOGRAFIA DE UM MUNDO EM MOVIMENTO .....	29
<b>2.1.1</b>	<b>O Conceito de “Local”</b> .....	29
2.1.1.1	Os Locais da Literatura de Viagem .....	30
2.1.1.2	A Literatura de Viagem e o Romance de Migração .....	32
2.1.1.3	Os Locais de um Romance de Migração .....	33
<b>2.1.2</b>	<b>Os Conceitos de “Entre-lugar” e de “Fronteira”</b> .....	34
2.2	SOBRE HIBRIDIZAÇÃO E TERCEIRO ESPAÇO .....	36
<b>2.2.1</b>	<b>Culturas em Contato</b> .....	37
<b>2.2.2</b>	<b>Hibridização e Terceiro Espaço</b> .....	39
<b>2.2.3</b>	<b>Terceiros Espaços</b> .....	41
<b>3</b>	<b>A EMIGRAÇÃO ALEMÃ DO HUNSRÜCK PARA O RIO GRANDE DO SUL EM ROMANCES DA LITERATURA ALEMÃ ATUAL</b> .....	44
3.1	LITERATURA DE MIGRAÇÃO E LITERATURA INTERCULTURAL .....	45
<b>3.1.1</b>	<b>Espaços de Recordação</b> .....	47
<b>3.1.2</b>	<b>Literatura Regional</b> .....	50
3.2	<i>MENSCHEN IM AUFBRUCH</i> .....	54
<b>3.2.1</b>	<b>Autor</b> .....	55
<b>3.2.2</b>	<b>Obra</b> .....	56
3.3	<i>DAS MÄDCHEN AM RIO PARAÍSO</i> .....	57
<b>3.3.1</b>	<b>Autora</b> .....	57

3.3.2	Obra .....	59
<b>4</b>	<b>OS MOVIMENTOS EM DOIS ROMANCES</b> .....	<b>60</b>
4.1	OS LOCAIS E OS ESPAÇOS EM <i>MENSCHEN IM AUFBRUCH</i> .....	60
<b>4.1.1</b>	<b>Locais</b> .....	<b>60</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Espaços</b> .....	<b>66</b>
4.1.2.1	Alemanha e Brasil .....	66
4.1.2.2	Práticas Sociais .....	70
4.1.2.3	Indivíduos .....	76
4.2.	OS LOCAIS E OS ESPAÇOS EM <i>DAS MÄDCHEN AM RIO PARAÍSO</i> .....	80
<b>4.2.1</b>	<b>Locais</b> .....	<b>81</b>
<b>4.2.2</b>	<b>Espaços</b> .....	<b>88</b>
4.2.2.1	Alemanha e Brasil .....	88
4.2.2.2	Práticas Sociais .....	91
4.2.2.3	Indivíduos .....	98
<b>5</b>	<b>ANÁLISE CONTRASTIVA DAS OBRAS</b> .....	<b>104</b>
5.1	CULTURAS EM MOVIMENTO .....	106
5.2	O TERCEIRO ESPAÇO .....	111
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>115</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>118</b>

## INTRODUÇÃO

Atualmente, em especial na Alemanha, o tema migração tem sido muito abordado, principalmente sobre o asilo a vários exilados fugidos de seus países devido às guerras civis, como, por exemplo, na Síria. Em 2014, a Alemanha recebeu cerca de 200.000 pedidos de asilo e, para 2015, calcula-se que receberá novamente a mesma quantidade de pedidos<sup>1</sup>. É importante observar que várias pessoas emigram para a Alemanha com o intuito de procurar melhores condições de vida.

Nas últimas décadas, percebeu-se a intensificação do processo de imigração na Alemanha. Com isso, notou-se um reflexo também na produção literária. Na literatura de língua alemã, houve um aumento do número de obras de autores estrangeiros que, por exemplo, moram na Alemanha e escrevem em língua alemã, trazendo em seus trabalhos suas peculiaridades, sejam acontecimentos, cenas, idioma, costumes ou forma de escrever (MECKLENBURG, 2013).

Aparentemente, o tema migração é um problema da sociedade atual. Contudo, esse é um fenômeno antigo. As pessoas que não tinham as condições mínimas de sobrevivência em sua terra procuravam melhores condições em outro lugar. Muitas pessoas emigraram para outros locais ao longo da história, seja por motivos religiosos, econômicos ou políticos. Inclusive os países de língua alemã foram marcados por esse movimento. Ao longo da história, a Alemanha passou de local de origem de emigrantes para país de destino para muitos imigrantes.

O reflexo da migração na literatura, como apontado anteriormente, não é restrito ao período histórico atual. No início do século XIX, intensificou-se nas regiões de língua alemã o movimento de emigração para o além-mar, como por exemplo, para os Estados Unidos, Brasil, Argentina e Chile. Na época, os moradores dessas regiões de língua alemã estavam deixando sua terra para procurar condições prósperas. Como o fenômeno da migração tem reflexo na produção literária atual, também naquele período surgiram obras que traziam a temática da emigração, conforme apresenta Neumann (2005) em sua tese de doutorado.

Cada vez mais, a literatura de migração, assim como a literatura regional, estão ganhando espaço dentro dos estudos literários, conforme apontam Chiappini (2013) e Mecklenburg (2013). Porém, na Germanística, ainda se encontram grande resistência e pouca

---

<sup>1</sup> ASYLPOLITIK IN STICHPUNKT. In: DEUTSCHE WELLE. Bonn: Deutsche Welle, 2014. Disponível em <<http://www.dw.de/asylpolitik-in-stichpunkten/a-18040458>>. Acesso em: 06 jan. 2015.

abertura para o trabalho com esse tipo de literatura, especialmente a partir do olhar teórico proporcionado pelas teorias pós-coloniais (BACHMANN-MEDICK, 2009).

Em um primeiro momento, os estudos pós-coloniais, particularmente o trabalho de Bhabha (2013), não têm relação com a literatura de migração dentro da literatura de língua alemã, uma vez que a Alemanha, assim como os demais países de língua alemã, não tem grande tradição na colonização como, por exemplo, o tem França, Inglaterra, Portugal e Espanha (BABKA; MALLE; SCHMIDT, 2012). Contudo, é necessário ressaltar que tanto a Alemanha quanto a Áustria tiveram colônias nos mesmos moldes que os países citados anteriormente, com produção literária nas colônias tão expressiva quanto as demais<sup>2</sup> (BABKA; MALLE; SCHMIDT, 2012).

A teoria pós-colonial não foi pensada inicialmente para um contexto de migração. Porém, ela propõe a análise de elementos que são importantes também para a migração, como hibridização e Terceiro Espaço, por exemplo. Com isso, a teoria pós-colonial pode auxiliar nos estudos de literatura de migração, permitindo verificar não apenas aspectos sobre a representação dos sujeitos nas obras, mas também sobre a construção desses sujeitos a partir da relação entre as diferentes culturas, uma vez que todo e qualquer contato entre culturas envolve relações de poder e hierarquização (BHABHA, 2013).

Também na instalação das colônias alemãs no sul do Brasil, pelo governo brasileiro, estão envolvidas relações de poder e interesses que não são tão imparciais quanto possa parecer. Principalmente a análise da literatura de migração, mais especificamente das obras que abordam a temática da imigração alemã no Rio Grande do Sul, a partir de um olhar pós-colonial, permite verificar como as diferentes culturas se articulam e como os sujeitos envolvidos são construídos na literatura a partir dos contatos entre as culturas.

Até o momento, foram realizadas diferentes pesquisas cujo objeto de estudo é a literatura que aborda a imigração alemã no Rio Grande do Sul e os descendentes de alemães no estado. Um exemplo é a dissertação de Clarissa Mombach (2008), que analisa como a cultura brasileira teuto-gaúcha é representada na literatura sul-rio-grandense contemporânea, a partir de obras produzidas por descendentes de imigrantes alemães. Também sobre a análise da representação do imigrante alemão e da etnia alemã em obras da literatura sul-rio-grandense, é importante citar as pesquisas de Renate Schreiner (1996) e Ivânia Campigotto Aquino (2007). Porém, esses trabalhos procuram identificar como o teuto-brasileiro é representado nas obras e não como ocorre a constituição cultural desses sujeitos.

---

<sup>2</sup> As colônias alemãs no Brasil, cuja instalação se deu por interesse do governo brasileiro e em outros moldes, não têm nenhuma relação com as colônias aqui citadas.

Além desses trabalhos, Neumann (2005) se dedicou à pesquisa de obras sobre a emigração que foram produzidas na Alemanha durante o período da emigração para o Brasil. Em sua tese de doutorado, ele procura verificar como o movimento social que estava ocorrendo na época se refletiu também na literatura.

A partir da representação do movimento de migração e da representação da cultura teuto-brasileira nas obras, o objetivo deste trabalho é analisar como a cultura dos colonos alemães é construída no Rio Grande do Sul, com base na análise de obras atuais da literatura de língua alemã. A análise, fundamentada na teoria pós-colonial, consiste em verificar como ocorre o contato das culturas brasileira e alemã e, a partir desse contato, como se constitui a cultura do imigrante alemão no Rio Grande do Sul. Como critérios de seleção, foi estabelecido que as obras a serem analisadas deveriam ter sido escritas em língua alemã, publicadas nos últimos anos na Alemanha e que tratassem da emigração do Hunsrück para a Colônia de São Leopoldo.

A migração é um movimento que, diferente de qualquer outra viagem, não tem retorno previsto ao local de origem. Dessa forma, depois da partida, as pessoas sabem que não retornarão para o lugar de onde saíram. As pessoas que migram estão envolvidas em um processo que se inicia desde o momento em que decidem migrar até o momento em que chegam ao novo local. Todo esse processo envolve locais, não como espaço físico, mas como momentos de reflexão, de ultrapassar fronteiras e de contatos, todos eles necessários para a realização do ato de migrar. Assim, para auxiliar na identificação de elementos e na análise das obras, foram utilizados os estudos de Ette (2001) sobre os locais na literatura de viagem, com o objetivo de verificar como são constituídos os espaços, as fronteiras e os contatos e entender como eles contribuem para a construção de uma identidade híbrida.

O presente trabalho foi organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, é feita uma breve revisão histórica da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Para o presente trabalho, apenas a primeira metade do século XIX é importante para a análise; por isso, foi dado destaque aos contextos históricos alemão e brasileiro durante esse período. Dessa forma, identifica-se em que situações ocorreu a emigração do Hunsrück para a Colônia de São Leopoldo.

Como o ato de migrar proporciona movimento, no segundo capítulo, são apresentadas as culturas em movimento. Nele, apresentam-se os locais identificados na literatura de viagem e o modo como eles podem ser encontrados também na literatura de migração. Então, enfatizam-se a formação do processo de migração por esses locais e a influência deles na constituição da cultura em questão. A partir da teoria dos locais, são apresentados os estudos

pós-coloniais, em especial os conceitos de hibridização e de Terceiro Espaço, verificando como a teoria pós-colonial entende o contato entre culturas e como, a partir desse contato, os sujeitos são constituídos na literatura.

No terceiro capítulo, a partir de uma revisão dos conceitos de literatura de migração e de literatura regional, procura-se verificar se a emigração alemã do Hunsrück para o Rio Grande do Sul está presente na literatura de língua alemã atual. Com isso, são apresentadas as obras literárias que constituem o *corpus* do trabalho: *Menschen im Aufbruch* (1998) e *Das Mädchen am Rio Paraíso* (2010), escolhidas a partir dos critérios indicados anteriormente.

No quarto capítulo, são identificados os elementos apontados na teoria e que servem de base para a análise realizada no capítulo seguinte. A partir dos teóricos citados, são identificados os locais da literatura de migração em ambas as obras, assim como os elementos que constituem o contato entre as culturas e que propiciam a construção da cultura híbrida dos imigrantes alemães.

Por fim, no quinto capítulo, é feita a análise dos elementos encontrados. Na análise, com o auxílio dos textos teóricos, é verificado como ocorre o contato entre o imigrante alemão e os diferentes brasileiros: o descendente de portugueses, o negro e o índio. Além disso, é observado também como acontece a adaptação desse imigrante ao novo lugar. Então, a partir da análise das relações e da inserção do imigrante em um novo local, procura-se entender como o imigrante alemão passa a se constituir culturalmente como colono alemão.

# 1 ALEMANHA E BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: O CONTEXTO MIGRATÓRIO

Entre os anos de 1822 e 1950, cerca de 255.000 alemães entraram como imigrantes no Brasil. Nesse período, aproximadamente 5 milhões de pessoas imigraram para o Brasil (CUNHA, 2004). Então, o número de alemães equivale a cerca de cinco por cento do número total de imigrantes que o Brasil recebeu no mesmo período. Contudo, apesar de ser em menor número comparada a outras etnias, como italiana, portuguesa, espanhola e japonesa, a importância da imigração alemã no Brasil é muito significativa (CUNHA, 2004; SEYFERTH, 1994).

No presente trabalho, será contextualizada apenas a corrente migratória alemã para o Brasil no século XIX, em especial durante a primeira metade do século, uma vez que esse espaço de tempo será importante para a análise das obras literárias, realizada nos capítulos seguintes. Aqui, procura-se também utilizar os conceitos de emigração e imigração para identificar a saída de alemães rumo ao Brasil (emigração) e a entrada de imigrantes alemães no Brasil (imigração).

## 1.1 ALEMANHA E EMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX

Primeiramente, é importante mencionar que, na primeira metade do século XIX, a Alemanha ainda não existia como país da forma que conhecemos atualmente. Apenas no ano de 1871, com o surgimento do Segundo Império Alemão, a Alemanha passou a ser vista como um Estado-nação (DREHER, 2014). Dessa forma, no presente trabalho, utiliza-se o termo “Alemanha” para se referir às regiões de língua alemã que, no século XIX, compreendiam o território alemão como configurado atualmente.

Seyferth (1974) aponta que, no século XIX, a emigração de alemães ocorreu em grande escala e “coincidiu com o período de grandes crises que antecederam à unificação da Alemanha [...] a partir de 1871.” (SEYFERTH, 1974, p. 18). Com a Guerra da Libertação [*Befreiungskrieg*], entre 1813 e 1815, Napoleão foi vencido, e a principal consequência disso para a Alemanha foi a criação da Confederação Alemã [*Deutscher Bund*], sob hegemonia da Áustria (SEYFERHT, 1974).

Além da Áustria e da Prússia, também faziam parte da Confederação

os Reinados da Baviera, Saxônia, Württemberg e Hannover; os Grão-Ducados de Baden, Hesse-Darmstadt, Mecklenburg-Schwerin-Strelitz, Saxe-Weimar e Oldenburg; o Eleitorado de Hesse-Kassel; os Ducados de Brunswick, Nassau, Saxe-Coburg-Gotha, Meiningen e Hildburghausen, Anhalt-Dessau, Bernburg e Göthen; Dinamarca; os Países Baixos; as quatro cidades livres de Lübeck, Bremen, Hamburg e Frankfurt; e ainda um grande número de pequenos principados. (SEYFERTH, 1974, p. 18).

Conforme aponta Seyferth (1974), essa grande quantidade de pequenos Estados demonstra o caos político que predominava na Alemanha antes de sua unificação.

A situação econômica desses Estados era bastante instável (SEYFERTH, 1974). A Alemanha permaneceu “até a metade do século XIX [...] um país predominantemente agrário” (NEUMANN, 2004, p. 39, tradução nossa<sup>3</sup>), e os reflexos da Revolução Industrial puderam ser percebidos no país apenas após a segunda metade do século XIX (NEUMANN, 2004).

Apesar de que, em cada Estado Alemão, a situação para os agricultores, os artesãos e demais trabalhadores ser diferente, ainda predominava, nesse período, o sistema feudalista, uma vez que “os novos empresários capitalistas eram os antigos senhores feudais” (NEUMANN, 2004, p. 39). Em cada Estado, diferentes leis regulamentavam o trabalho do agricultor e a divisão das terras. Seyferth (1974, p. 20) aponta que “o regime de servidão feudal [*Leibeigenschaft*] persistiu [em algumas regiões] até o século XIX: nestas regiões, o camponês estava ligado à gleba e não podia deixá-la nem mesmo quando a terra era vendida”.

As reformas promovidas nos diferentes Estados Alemães, como a emancipação dos servos, “acabaram num grande fracasso, pois foram feitas tantas concessões aos nobres que a situação em vez de melhorar a vida do camponês tornou-a ainda mais insustentável.” (SEYFERHT, 1974, p. 22). A maior parte dessas reformas beneficiou os nobres e apenas poucos camponeses e “ainda não estavam totalmente concluídas em 1848”, como destaca Seyferth (1974, p. 22). A autora aponta ainda que as reformas, a lenta mecanização da lavoura, a legislação sobre a herança da terra, o excesso de trabalho, os altos impostos e o baixo retorno financeiro fizeram com que camponeses e artesãos formassem boa parte dos fluxos emigratórios no período (SEYFERTH, 1974).

Também no Hunsrück, região que se localiza no sudoeste da Alemanha entre os rios Mosel, Saar, Nahe e Rhein, a situação não era diferente. O professor Martin Dreher (2014, p. 95) indica que, “como não há metrópoles no Planalto do Hunsrück, as pequenas cidades estavam em situação clamorosa”. Dreher (2014) complementa informando que muitos prédios

---

<sup>3</sup> A obra de Neumann (2004) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

públicos estavam prestes a cair e as estradas não eram mais transitáveis. Conforme o professor, “não bastassem esses problemas, cidades e territórios estavam endividados [...] e a população empobrecera” devido a sucessivas colheitas malsucedidas (DREHER, 2014, p. 95).

A situação descrita acima não era exclusividade da região do Hunsrück, ela era comum em diferentes regiões da Alemanha, conduzindo muitos de seus moradores à emigração, como forma de fugir da pobreza. Tais problemas e a situação política do país levaram à Revolução de 1848 nos Estados Alemães [*Deutsche Revolution 1848/1849*], a qual, segundo Neumann (2004, p. 41), “pode ser vista como fase preliminar para 1871”, para a formação do Segundo Império Alemão, citado anteriormente. No entanto, muitos alemães continuaram emigrando para outros países, entre eles o Brasil.

### **1.1.1 Os Motivos da Emigração para o Brasil**

Com a decomposição das estruturas socioeconômicas feudais, os camponeses e os artesãos foram colocados à disposição do mercado de trabalho como trabalhadores assalariados (CUNHA, 2004). Segundo Cunha (2004, p. 18), “os camponeses que trabalhavam para si mesmos desapareceram como categoria e foram substituídos por um novo tipo de população rural – os produtores de mercadorias agrícolas e os operários agrícolas assalariados”. Com isso, alguns trabalhadores passaram a ser mão-de-obra para a indústria, e muitos passaram a ser consumidores da produção industrial (CUNHA, 2004).

Cunha (2004, p. 18) aponta que, a isso tudo, “somou-se um crescimento populacional acelerado [...] principalmente nas regiões ocidentais, decorrente em grande parte da diminuição dos índices gerais de mortalidade”. Esse crescimento populacional agravou também o problema da excessiva divisão de lotes agrícolas (CUNHA, 2004).

Conforme apresentado por Cunha, “a miséria completa dos camponeses [...] da Alemanha foi retardada, em parte, por duas formas de atividades acessórias ao trabalho em suas pequenas propriedades rurais: a indústria em domicílio e o assalariamento.” (CUNHA, 2004, p. 19). Ainda segundo Cunha (2004), a indústria em domicílio era constituída por operários que trabalhavam em suas próprias casas, enquanto que o assalariamento se refere ao trabalho de peões ou diaristas, incluindo também lenhadores e exploradores de pedreiras.

Porém, devido à industrialização “a situação dos camponeses [...] se tornou ainda mais miserável.” (CUNHA, 2004, p. 19). Com a introdução da máquina, a situação da indústria em

domicílio rural piorou, pois o preço passou a ser fixado pelo trabalho realizado à máquina. Com isso, o salário do trabalhador industrial em domicílio foi reduzido, resultando na destruição da indústria em domicílio (CUNHA, 2004).

Aliado a isso, no período, “houve [...] uma enorme carência de alimentos” (CUNHA, 2004, p. 21), devido principalmente a sucessivos fracassos nas safras. Assim, “os alimentos se tornaram escassos e seu preço subiu.” (CUNHA, 2004, p. 21). Conforme citado anteriormente, também Cunha indica que “as revoluções de 1848-1849 não acabaram com a miséria dos camponeses e dos demais trabalhadores, antes fortaleceram a nobreza associada aos burgueses e aos grandes proprietários [...]. Nos anos seguintes a 1848 e 1849, as crises se sucederam e a fome grassou livre.” (CUNHA, 2004, p. 22).

Segundo Cunha (2004), para muitos camponeses, artesãos e trabalhadores assalariados, existiam apenas duas opções: ou trabalhar na indústria ou emigrar. Com isso, iniciaram-se dois grandes movimentos migratórios na Alemanha. Um era formado pelas pessoas que procuravam trabalho na indústria, migrando para as cidades; o outro movimento era formado pelas pessoas que estavam dispostas a emigrar. De acordo com Cunha, o trabalhador alemão “não raro acabou desembocando nas indústrias urbanas, onde os salários eram relativamente melhores que os pagos na agricultura, ou em algum porto: deslocando a esperança de uma vida melhor para a América e, muitas vezes, para o Sul do Brasil.” (CUNHA, 2004, p. 24).

Em um relato de 17 de setembro de 1821, o prefeito de Simmern descreve ao Conselho do Território a situação então no Hunsrück: “O artesão não tem trabalho e não sabe donde tirar o sustento para a família. O proprietário de terra mal consegue levantar o valor dos impostos por causa do baixo valor de seus produtos. Os diaristas ainda encontram trabalho. No entanto, são tantos os diaristas que muitos não veem saída senão mendigar; de outra forma, morreriam de fome.” (DREHER, 2014, p. 99). Ao terminar seu relato, o prefeito afirma, “com certeza, que um terço de nossa população terá que emigrar, porque todas as fontes de alimentos se extinguíram.” (DREHER, 2014, p. 99).

Na primeira metade do século XIX, ao lado dos Estados Unidos, do sudoeste europeu e de outros países latino-americanos, o Brasil também era um destino para os emigrantes alemães (LANDAU; MERKS-KRAHFORST, 1995). Pouco antes da Independência do Brasil, o Major von Schäffer foi enviado para a Europa. “Suas instruções eram as de obter a adesão dos governos da Santa Aliança para a causa brasileira e angariar mercenários para a guerra iminente contra Portugal.” (CUNHA, 2004, p. 25).

Em relação à emigração, o Major von Schäffer deveria “encontrar países ou zonas na Alemanha onde houvesse predisposição para a emigração e onde os governos fossem suficientemente liberais para permiti-la.” (HUNSCHE, 1975, p. 74). A Áustria e a Prússia proibiram e impediam, respectivamente, a emigração (HUNSCHE, 1975).

De acordo com Hunsche (1975, p. 74), em sua procura, “Schaeffer (*sic*) encontrou certa ressonância [...] na Baviera, Hessen, Hannover e nas imediações das cidades hanseáticas”. Porém, mesmo nesses Estados, “os obstáculos eram quase insuperáveis” (HUNSCHE, 1975, p. 74), uma vez que os emigrantes precisavam provar que não tinham dúvidas da decisão tomada, que tinham pago os impostos e pago ainda uma taxa sobre seus bens. Além disso, “os governos exigiam a apresentação de um documento que garantisse que o país de destino (Brasil) concederia a cidadania, renunciando o emigrante, no ato da entrega do passaporte, à nacionalidade anterior.” (HUNSCHE, 1975, p. 74). Dessa forma, os governos evitavam que emigrantes retornassem e reivindicassem seus direitos junto à antiga pátria.

Hunsche (1975) apresenta a carta que o Major von Schäffer distribuía aos interessados em emigrar para o Brasil. Na carta, pode-se identificar as promessas feitas aos emigrantes:

As famílias, após sua feliz chegada ao Rio de Janeiro, capital e residência do Imperador do Brasil, nada mais têm com que se preocupar, a não ser o de trabalhar com afinco. O livro *Brasil como Império Independente*, de autoria do Major von Schaeffer, em 1824, fornecerá os pormenores sobre a emigração e as características do País. Considerando que o Governo (brasileiro) fornece, paternalmente, as terras, exige-se, na Alemanha, que cada família custeie, na medida do possível, suas despesas de viagem e que cada adulto, já a partir dos 12 anos, contribua com 100 a 200 florins renanos para a passagem e manutenção. As crianças, com menos de 12 anos, pagarão a metade e, com menos de 6 anos, nada. Oficiais de ofício – serralheiros, pedreiros, carpinteiros, ferreiros, seleiros, carteiros e outros – terão viagem gratuita, no entanto, todos serão responsáveis por sua viagem até aqui (porto de embarque). Em junho, julho, agosto e setembro, partirão vários navios.

Às famílias que desejarem viajar ainda este ano será fornecido documento de admissão, com o sinete imperial, garantia de que serão recebidos como homens livres e cidadãos. Os desprovidos de recursos terão que aguardar a chegada de navios imperiais brasileiros, chegada esta que se publicará. É necessário que as famílias se agrupem por lugar de origem, declarando-se, exatamente, o número de familiares, idade e estado civil, restringindo-se, de início, tal medida aos que custearão suas despesas. Tal agrupamento possibilitará a confecção e expedição de um documento brasileiro de admissão conjunta, útil para o caso de as autoridades (alemãs) negarem sua partida sem prévia apresentação do mesmo.

Cada família terá direito a quatro caixas ou barris de roupa de uso pessoal e roupa branca, ao peso máximo de 60 kg cada um, além de algumas camas, não muitas, a fim de não superlotar o espaço do navio. É necessária, também, a identificação de seus pertences.

Aprendizes de ofício e demais solteiros poderão vir com seu livro de viagem (Wanderbuch) ou passaporte e, ao chegarem a um lugar chamado ‘Äussere Mühle’, perto de Hamburgo, um deles fará a comunicação de sua chegada em Hamburgo, onde receberá as demais ordens. (HUNSCHE, 1975, p. 78).

Em diversas regiões, havia uma forte propaganda, tanto do Brasil como de outros países, “em torno da concessão de terras no Novo Mundo com a afirmação de que todos seriam proprietários, sem qualquer referência às dificuldades que os futuros colonos teriam de enfrentar.” (SEYFERTH, 1974, p. 28).

### **1.1.2 A Onda Migratória no Hunsrück até a Primeira Metade do Século XIX**

Ao seguir a história da Alemanha de forma cronológica, é possível ter uma boa percepção dos motivos que levaram à emigração. Após a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), grande parte do território alemão estava devastado e deserto. De acordo com Landau e Merks-Krahforst (1995, p. 13, tradução nossa<sup>4</sup>) “quanto mais súditos eles [os grandes proprietários de terra] possuíam, maior era o seu poder”. Com isso, os grandes proprietários de terras dos atuais Saarland e Rheinland-Pfalz procuraram, então, promover um repovoamento de seus territórios. Contudo, as constantes guerras dificultaram essa ação, que se constituiu de forma muito lenta (LANDAU; MERKS-KRAHFORST, 1995).

No fim do século XVII e no início do século XVIII, a região do Hunsrück sofreu com diversas colheitas malsucedidas, catástrofes naturais, doenças e pestes. A união desses fatores, segundo Landau e Merks-Krahforst (1995, p. 23), fez com que “iniciassem as primeiras emigrações para o além mar”. Com o passar do tempo, elas aumentaram significativamente.

Em 1789, iniciou a Revolução Francesa e, nos anos seguintes, as Guerras por Libertação [*Befreiungskriege*] levaram à queda de Napoleão. Os territórios do Saar e do Rhein (entre eles o Hunsrück) sofreram muito e foram novamente devastados. Nos anos de 1816 e 1817, a região teve contínuas colheitas malsucedidas, levando a anos de extrema fome [*Hungerjahre*]. No ano de 1820, uma crise na agricultura abala o Hunsrück e região (LANDAU; MERKS-KRAHFORST, 1995).

Landau e Merks-Krahforst (1995) apontam que, a partir do início da década de 1820, muitas pessoas deixaram os territórios próximos ao Rhein, Mosel, Saar e Nahe para ir até cidades portuárias, com o objetivo de emigrar para o Brasil. Nos anos seguintes, a região sofre novamente com colheitas malsucedidas, fome e problemas econômicos. Todo esse cenário desemboca na Revolução de 1848-1849 e a emigração tem uma leve diminuição. Porém, a

---

<sup>4</sup> O livro de Landau e Merks-Krahforst (1995) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

partir de 1850, sucessivas crises agrícolas e econômicas incitam mais e mais famílias a emigrar (LANDAU; MERKS-KRAHFORST, 1995).

## 1.2. BRASIL E IMIGRAÇÃO NO SÉCULO XIX

No início do século XIX, o Brasil ainda era Colônia de Portugal. Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808, inicia-se a política de estabelecimento de colônias agrícolas no Brasil (CUNHA, 2004). Nesse período, havia grande preocupação do governo em “proteger as fronteiras despovoadas do Sul ante a ameaça do avanço espanhol, trazendo açorianos que se transformassem em soldados estancieiros, e de aumentar a produção de gêneros agrícolas alimentícios.” (CUNHA, 2004, p. 24).

De certa forma, o Brasil já era conhecido na Europa, em especial nos Estados de língua alemã, uma vez que a arquiduquesa Leopoldina, filha do imperador Francisco I da Áustria, casou-se com o ainda príncipe Dom Pedro I em 1817. Com o retorno do rei João VI a Portugal em 1821, Dom Pedro I fica no Brasil e é nomeado como Príncipe Regente. A Coroa Portuguesa não reconhece de todo os direitos do Brasil e ordenou que Dom Pedro I também voltasse a Portugal. Contudo, em 1822, Dom Pedro I decide ficar no Brasil e, pouco tempo depois, declara independência (CUNHA, 2004).

Dreher (2014) ressalta que, apesar de o Brasil declarar sua independência, “a situação do país era crítica. Era necessário manter a independência de Portugal, mas não havia exército confiável.” (DREHER, 2014, p. 115). O exército que o país possuía era formado por soldados e oficiais portugueses. Além disso, a maioria da população do país era escrava. Segundo Dreher (2014), depois da revolta dos escravos do Haiti em 1804, havia o temor de que isso ocorreria também no Brasil; por isso, não faziam dos escravos soldados.

É importante ainda salientar que, conforme aponta Roche (1969), apesar de as fronteiras na América do Sul já estarem fixadas desde 1530, muitas delas foram definidas apenas de forma política. Um exemplo foi a fronteira do Rio Grande do Sul e do Uruguai. O Rio Grande do Sul estava constantemente envolvido em conflitos para proteger e garantir essa fronteira (ROCHE, 1969). “Só em 1851 a fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai é fixada definitivamente.” (ROCHE, 1969, p. 11).

### 1.2.1 Os Motivos da Imigração Alemã no Brasil

De acordo com o pesquisador Jean Roche, “no começo do século XIX, todo o movimento espontâneo de migração entre a Alemanha e o Brasil era inconcebível, em virtude das diferenças dos meios e dos gêneros de vida e em razão da distância que separava os dois países.” (ROCHE, 1969, p. 93). Por isso, a iniciativa da imigração teria que vir da Coroa. “O Imperador D. Pedro I interessou-se, pessoalmente, pelo povoamento e pela exploração de novas regiões do Brasil por brancos não-portugueses.” (ROCHE, 1969, p. 93).

Os primeiros assentamentos de alemães estavam situados nos estados do Rio de Janeiro, das Minas Gerais e da Bahia, mas, como mostra Seyferth (1994, p. 11), “foram experiências efêmeras, não se constituindo como fluxo migratório”. Segundo Seyferth, “a primeira colônia com alemães foi estabelecida na Bahia, antes mesmo da Independência; considerada um empreendimento mal-sucedido, atribui-se o fracasso ao clima tropical.” (SEYFERTH, 1994, p. 12). De acordo com Hunsche (1975), foram três colônias na Bahia: “Leopoldina [Leopoldina], Frankental e São Jorge.” (HUNSCHE, 1975, p. 22).

Posteriormente, surgiu a Colônia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, a qual, como aponta Cunha (2004), foi formada por suíços de língua alemã, aprovada em 1818 e estabelecida em 1819. De acordo com o autor,

Nova Friburgo inaugurou uma tradição de ajuda oficial para o estabelecimento de estrangeiros no Brasil. Os colonos [...] receberiam passagem paga da Suíça ao Rio de Janeiro e daí para a colônia, terra em plena propriedade por concessão gratuita, além de bois, cavalos, vacas, ovelhas, cabras, porcos e diversas variedades de semestre. (CUNHA, 2004, p. 24).

Porém, a colônia não correspondeu às expectativas. “As intenções e o capital empregado não alcançaram resultados e a maioria absoluta dos imigrantes suíços abandonou a região, dirigindo-se para o Rio de Janeiro, onde muitos se instalaram ou foram engajados na organização do primeiro batalhão de estrangeiros, em 1823.” (CUNHA, 2004, p. 24).

Cunha (2004, p. 25) alerta que “há um ponto que não deve ser desprezado na análise do contexto que motivou o começo da colonização alemã para o Brasil: o da necessidade política de formação de esquadrões de soldados que defendessem a independência brasileira”. Como já citado anteriormente, o Major von Schäffer foi enviado à Europa para “buscar uma disposição favorável à independência do Brasil nas cortes de Viena e de outros reinos alemães.” (CUNHA, 2004, p. 25). Tão logo o Major cumprisse essa missão, deveria “aliciar soldados destinados a integrar o *Corps d’Etrangers* formado no Rio de Janeiro, em 1823, com

a finalidade de garantir, militarmente, a Independência” (HUNSCHE, 1975, p. 23) e “tratar do planejamento e da organização de emigrantes que receberiam terras como colonos mas que deveriam, em tempo de guerra, poder ser rapidamente engajados como soldados para defender as fronteiras, especialmente do Sul do país.” (CUNHA, 2004, p. 25).

De acordo com Dreher (2014, p. 115), “os soldados seriam incorporados a dois batalhões de estrangeiros, e os casais de colonos seriam levados para o Rio Grande do Sul e aí instalados à maneira dos cossacos na Rússia. Em tempos de paz, seriam agricultores e artesãos; em tempos de guerra, seriam chamados às armas”. Essa incorporação, segundo o autor, de fato aconteceu, por exemplo, na Guerra da Cisplatina (1825-1828), na Guerra dos Farrapos (1835-1845) e na Guerra do Paraguai (1864-1870), das quais, os colonos alemães participaram como soldados (DREHER, 2014).

Existem vários motivos para justificar a criação de colônias no Sul do país e a escolha pelo imigrante de língua alemã para sua colonização. Entre eles, como citado anteriormente, o governo estava preocupado em proteger as fronteiras do Sul diante da constante ameaça espanhola (CUNHA, 2004). Para isso, o governo imperial havia escolhido açorianos, os quais, como aponta Dreher (2014) tiveram uma colonização muito sofrida. “Suas terras jamais foram medidas, e viviam constantemente envolvidos em guerras e disputas. Aos poucos, foram se integrando ao sistema produtivo reinante no Rio Grande do Sul, depois de terem, também, dado início ao cultivo do trigo.” (DREHER, 2004, p. 115).

Contudo, devido aos desgastes que a população de imigrantes açorianos sofria, causados pelos conflitos gerados por questões de fronteiras, a Câmara Municipal de Santo Antônio da Patrulha reclamou na época, “dizendo que não havia em seu território mais homens em quantidade suficiente para produzir farinha e cachaça nem homens para serem incorporados às tropas estacionadas na Cisplatina” (DREHER, 2004, p. 115). Por isso, para manter o território e aumentar a população do estado era imprescindível trazer mais pessoas.

A pesquisadora Giralda Seyferth aponta ainda que era de conhecimento, principalmente da elite brasileira da época, que a Região Norte do país era “pouco apropriada à colonização com europeus.” (SEYFERTH, 1994, p. 12). Além disso, o projeto de colonização previa pequenas propriedades, o que não interessava aos grandes latifundiários de São Paulo e do Nordeste (SEYFERTH, 2004).

Conforme aponta Müller (1999), o Brasil não escolheu qualquer povo europeu para imigrar:

É claro que não viriam os portugueses, de quem o Brasil acabara de se emancipar. Espanhóis, nem pensar, porque eram inimigos naquela região [Sul do país].

Franceses também não, porque um dia haviam invadido o Rio de Janeiro, fundando a ‘França Antártica’. Ingleses também não, porque igualmente haviam tentado instalar-se no Brasil. Holandeses fora de cogitação, pois estiveram 24 anos no Nordeste. (MÜLLER, 1999, p. 7).

Frente a isso, pensou-se nos alemães. “Leopoldina era alemã. A Prússia, que depois integraria a Alemanha, tinha um exército reconhecido e admirado por D. Pedro I, cujas tendências militaristas eram conhecidas.” (MÜLLER, 1999, p. 7). Dessa maneira, o Brasil poderia, de uma vez só, conseguir soldados e imigrantes. “Por isso, José Bonifácio [...] incumbiu [...] o ajudante de ordens da Imperatriz Leopoldina [Major von Schäffer], antes da independência, de dirigir-se aos territórios de língua alemã para ali recrutar soldados e colonos” (DREHER, 2014, p. 115), conforme visto anteriormente.

É nesse contexto que, conforme destaca Dreher (2004, p. 115), “tem início a imigração alemã no Rio Grande do Sul”. As primeiras três colônias de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul fundadas pelo governo-geral foram São Leopoldo, Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara das Torres. Tendo sido São Leopoldo a primeira colônia, recebendo, em 1824, as primeiras famílias de imigrantes (CUNHA, 2004).

### **1.2.2 A Imigração Alemã no Rio Grande do Sul na Primeira Metade do Século XIX**

Conforme indicado por Roche (1969, p. 94), “A História administrativa da colonização não deixou de sofrer a influência da História política e divide-se, como a do Brasil, em duas grandes fases: uma vai do começo da colonização até a queda do Império [de 1824 a 1889], a outra corresponde à República [a partir de 1890]”. O autor ainda ressalta que, apesar disso, cada uma dessas grandes fases abrange diversos períodos. No presente trabalho, somente a primeira grande fase é abordada, uma vez que apenas parte desse espaço de tempo será relevante para a análise das obras literárias.

Roche (1969) organiza a primeira grande fase da imigração alemã no Rio Grande do Sul em três períodos. O primeiro período compreende os anos de 1824 a 1847 e é designado como “a colonização imperial” (ROCHE, 1969, p. 94). De acordo com Roche (1969), é neste período que o Governo do Império organizou e dirigiu a colonização; foi o período que constituiu os ensaios de colonização, ou seja, as primeiras tentativas de se aplicar o projeto de imigração.

São Leopoldo é a primeira colônia alemã no Rio Grande do Sul. Roche (1969) informa que a nova colônia foi estabelecida “muito naturalmente em terras que eram propriedade da Coroa, as da Real Feitoria do Linho Cânhamo, explorada até então, e sem sucesso, com a mão-de-obra servil.” (ROCHE, 1969, p. 94). O Presidente da Província, José Feliciano Fernandes Pinheiro, mais tarde Visconde de São Leopoldo (HUNSCHE, 1975), foi incumbido da tarefa de preparar a instalação dos colonos alemães que estavam sendo recrutados pelo Major von Schäffer por ordens do Governo Brasileiro (ROCHE, 1969).

O Major von Schäffer, como visto acima, estava agenciando não apenas colonos, mas também soldados (ROCHE, 1969). Isso não estava sendo bem visto na Europa, prejudicando a reputação do Brasil e, assim, a colonização. Para atrair os futuros colonos mais facilmente, Schäffer oferecia a eles condições muito favoráveis, entre elas a propriedade livre de cerca de 77 hectares, animais, ajuda em moeda corrente e isenção de impostos. Além disso, a única condição imposta era a inalienabilidade das terras por dez anos (ROCHE, 1969).

Como “a própria Constituição do Império opunha-se à concessão imediata e automática da nacionalidade brasileira e proclamava a religião católica a do Estado” (ROCHE, 1969, p. 95), essas informações foram logo retiradas do contrato de Schäffer. Porém, apesar de não poder cumprir a promessa de concessão de terras e da ajuda financeira, as cláusulas foram mantidas (ROCHE, 1969).

Entre 1824 e 1830, 5.350 imigrantes alemães entraram no Rio Grande do Sul (ROCHE, 1969). Apesar de parecer baixo, esse número não foi suportado pela administração local. Para o Governo da Província, “tudo era problema, do estabelecimento dos colonos à organização da colônia.” (ROCHE, 1969, p. 95). Roche destaca que “só aos primeiros habitantes foram concedidas terras sem atraso; já os que chegaram em dezembro de 1824 encontraram dificuldade em instalar-se; quanto aos que vieram logo depois, tiveram, muitas vezes, de esperar meses para ver concederem-lhe um lote.” (ROCHE, 1969, p. 95).

Além de São Leopoldo, foram criadas outras colônias nesse período. Ainda no ano de 1824, foi criada a colônia de São João das Missões, na antiga zona das Missões jesuíticas. Conforme aponta Roche (1969), essa era uma vontade do Presidente da Província, o qual “toma a si a responsabilidade de enviar a São João das Missões, a várias centenas de quilômetros ao Noroeste de Porto Alegre, certo número de imigrantes.” (ROCHE, 1969, p. 98). Porém, logo depois de sua instalação, a colônia se extinguiu. A distância e o difícil acesso dificultavam a chegada de gêneros alimentícios. “Diante do insucesso de seu projeto, Pinheiro manda conduzir os últimos [colonos restantes] a São Borja.” (ROCHE, 1969, p. 98).

Apesar disso, esses fatores não foram levados em consideração na criação de novas colônias. Segundo Roche, “O Presidente da Província menosprezou, ainda, a importância desses fatores quando decidiu a fundação de uma colônia em Torres.” (ROCHE, 1969, p. 98). Com o intuito de povoar a zona de mata, que separava o Rio Grande do Sul de Santa Catarina, em 1826, foram criadas as colônias de Três Forquilhas e de São Pedro de Alcântara, em Torres. Para sua colonização, foram escolhidos colonos de São Leopoldo e encaminhados em situação tão penosa quanto os colonos enviados a São João das Missões (ROCHE, 1969). Roche (1969) indica que os colonos católicos ficaram em São Pedro de Alcântara e os protestantes foram instalados em Três Forquilhas.

Em ambas as colônias, o clima era mais quente que em São Leopoldo e a malária era endêmica. O relevo impedia o livre trânsito sendo que apenas muares conseguiam subir, impedindo o acesso ao interior da Província. Porto Alegre também estava fora de alcance. Roche (1969, p. 99) apresenta ainda que “as trocas reduziram-se a alguns sacos de açúcar e alguns barris de aguardente, transportados por animal de carga” que chegavam então de outras localidades. Com isso, tanto a colônia de São Pedro de Alcântara quanto a colônia de Três Forquilhas se estagnaram e contribuíram pouco para o desenvolvimento da Província (ROCHE, 1969).

Recém-independente de Portugal, o Brasil sofreu com grandes crises políticas, inicialmente no Rio de Janeiro, mas tendo reflexos também no Rio Grande do Sul (ROCHE, 1969). Com isso, a partir de 1830, “suprimiu-se a ajuda financeira [para a imigração]” (ROCHE, 1969, p. 95) com a Lei de Orçamento, de 15 de dezembro de 1830, ficando interrompida a vinda de novos imigrantes. Roche (1969) destaca que, através do Ato Adicional, de 12 de agosto de 1834, foi transferida às províncias a competência em matéria de colonização, o que, até então, era de incumbência exclusiva do Governo Imperial. Porém, “as províncias não possuíam patrimônio próprio e não podiam, portanto, fundar colônias agrícolas.” (ROCHE, 1969, p. 100). Além disso, como aponta Roche (1969), no Rio Grande do Sul, rebentou a Revolução Farroupilha em 20 de setembro de 1835, impedindo, por dez anos, o desenvolvimento da Província.

Durante esse período de crise, “graças a seu diretor de fato, Dr. Hillebrand, a colônia de São Leopoldo sobreviveu.” (ROCHE, 1969, p. 100). O autor ainda ressalta que “não se deve [...] pintar demasiado negro o quadro da colônia durante a guerra civil. Esta desenvolveu um frutuoso comércio de São Leopoldo com Porto Alegre e teve consequência direta sobre o estatuto dos colonos alemães” (ROCHE, 1969, p. 100), os quais receberam, em 1846, a

nacionalidade brasileira, sem custos, mediante simples declaração ao Conselho Municipal (ROCHE, 1969).

Após a Revolução Farroupilha e a pacificação do Rio Grande do Sul, iniciou-se um novo período da imigração (ROCHE, 1969). Assim, a colonização passou a ser regida por duas séries de leis, votadas pela Assembleia Geral e pela Assembleia Provincial em 1848 e em 1850. A primeira definia que “cada província receberia do Império trinta e seis léguas quadradas de terras devolutas, exclusivamente reservadas à colonização.” (ROCHE, 1969, p. 101). Já a segunda “regulamentou a aquisição das terras devolutas” (ROCHE, 1969, p. 101), permitindo que terras devolutas pudessem ser também compradas, facilitando a fundação de grande número de colônias particulares.

Na segunda metade do século XIX, com a administração provincial das colônias, foi possível que cada colônia tivesse seu próprio diretor. Segundo Roche (1969, p. 104), “esses funcionários foram o principal instrumento da administração [...] no desenvolvimento das colônias”. Além disso, a partir desse mesmo período, o Governo Provincial passa a incentivar a imigração espontânea, pois ela “assegura a moralidade e a ordem nas colônias, entrada de capitais e economia para o Governo, que se limita a distribuir terras.” (ROCHE, 1969, p. 105). Com isso, empresas colonizadoras passaram a ser responsáveis por agenciar novos imigrantes (ROCHE, 1969).

Durante o segundo período, entre 1848 e 1874, foram criadas diversas colônias alemãs no Rio Grande do Sul. Conforme Roche (1969), as primeiras colônias criadas foram a Colônia de Santa Cruz, em 1849, localizada entre Rio Pardo e Cruz Alta; em 1855, a Colônia Santo Ângelo, que recebeu os primeiros imigrantes apenas em 1857 e, devido ao difícil acesso a outras colônias, teve um crescimento mais lento; Nova Petrópolis, criada em 1858, localizada em uma região montanhosa, deveria ligar Porto Alegre e o Planalto; e Monte Alverne, criada em 1859, localizada próxima à Colônia Santa Cruz.

A partir de 1848, foram estabelecidas colônias privadas entre a Colônia Santa Cruz e a Colônia Santo Ângelo (ROCHE, 1969). Também ao longo dos rios Caí e Taquari foram criadas novas colônias privadas, assim como no sul da Província, a Colônia São Lourenço (ROCHE, 1969).

De acordo com Roche (1969, p. 113), “a atividade de todas as colônias e de todos os seus habitantes, pelo menos no começo, era a cultura de ‘subsistência’, sobretudo do milho, do feijão-preto e da batata”. O autor destaca também que “todas essas colônias foram estabelecidas na orla florestal” (ROCHE, 1969, p. 113), resultando em grande unidade de gênero de vida, fortalecendo a unidade de origem desses grupos, restringindo-lhes o horizonte

ao pedaço de terra que habitavam e às comunidades locais, permitindo-lhes conservar a língua materna (ROCHE, 1969). Porém, isso não era visto com bons olhos:

O Governo e a opinião pública da Província preocuparam-se com essa homogeneidade de povoamento, que se estendia por uma zona cada vez mais vasta. Receou-se ver formar no Rio Grande do Sul uma *pequena Alemanha*. Desejou-se banir uma língua e tradições que há pouco eram consideradas fonte de disciplina ou de atividade e quebrar uma solidariedade local e étnica que primeiro se encorajara. (ROCHE, 1969, p. 113).

O terceiro período da primeira grande fase, entre 1874 e 1889, “ficou marcado pela frieza do Governo local com respeito à colonização” (ROCHE, 1969, p. 113). O Governo da Província não incentivava a vinda de novos grupos de imigrantes como anteriormente, e todas as colônias foram, até 1889, emancipadas, passando a serem responsáveis por sua própria administração (ROCHE, 1969).

## 2 CULTURAS EM MOVIMENTO

O século XX é considerado como o século de mudanças teóricas (KIMMICH, 2004). Segundo Kimmich, essa mudança começa com a “virada linguística” [*linguistic turn*] e com as teorias estruturalistas. Já as duas últimas décadas do século são marcadas por uma virada que, hoje, é designada como “virada cultural” [*cultural turn*]. Conforme a autora apresenta, essa “virada cultural” não representa apenas uma virada teórico-científica, mas ela também provocou uma mudança institucional em vários meios acadêmicos. Dessa forma, surgiram novas e diferentes disciplinas e áreas de pesquisa e de conhecimento, as quais pertencem, hoje, ao cânone de disciplinas e áreas acadêmicas (KIMMICH, 2004).

Outra virada importante para a literatura é a “virada espacial” [*spatial turn*], de acordo com o autor Uwe Wirth (2012). Com a “virada espacial”, passou-se a se dar grande importância à reflexão sobre as diferentes concepções de espaço nos estudos culturais [*cultural studies*]. Porém, o autor aponta um aspecto que ainda está à margem da discussão: o “entre-lugar” [*Zwischenraum*] como fronteira material e imaginária, relacionando o conceito “*Zwischenraum*” com o conceito “*in-between-space*” apresentado por Homi K. Bhabha (WIRTH, 2012).

O professor Michael Hofmann (2006) destaca que, quando se trabalha com muitos conceitos, é importante definir exatamente cada um deles, já que muitos são dinâmicos e possuem diferentes significados de acordo com os campos nos quais são utilizados. Assim, ele defende que o conceito de cultura precisa abdicar da homogeneidade e da fixação e precisa estar aberto para contatos interculturais (HOFMANN, 2006).

No presente trabalho, o conceito de cultura é entendido conforme a definição de alguns autores que, de certa forma, se explicam e se complementam. O antropólogo Clifford Geertz (2004) apresenta que seu conceito de cultura é um conceito semiótico. Ele acredita que o ser humano é um ser que está envolvido em uma rede de significados que ele mesmo criou, o autor entende que cultura é essa própria rede. Terry Eagleton (2001) fala de um complexo de valores, usos e costumes, convicções e práticas que determinam a forma de vida de um grupo. Já Doris Bachmann-Medick (2003) entende cultura como uma constelação de textos, os quais, além da palavra escrita ou falada, também tomam forma em rituais, teatros, festas, comportamentos, entre outros. Dos autores citados anteriormente, pode-se ressaltar as afirmações de que o ser humano está rodeado por um mundo de símbolos e significados e de que cada rede de símbolos e significados é vista como constitutivo da identidade de um grupo.

Em relação aos termos “local” e “espaço”, será feita uma distinção entre eles. O termo “local” será utilizado conforme apresentado pelo autor Ottmar Ette (2001 e 2007) com o respectivo termo em alemão “*Ort*”. Já o termo “espaço” será utilizado conforme apresentado pelo autor Homi K. Bhabha (2007 e 2013), na língua inglesa “*space*”, e o respectivo termo utilizado nas traduções para o alemão “*Raum*”. Ambos os termos nunca aparecerão como sinônimos e serão definidos posteriormente no texto.

## 2.1 A CARTOGRAFIA DE UM MUNDO EM MOVIMENTO

A autora Doris Bachmann-Medick (2009) ressalta que, após a virada espacial [*spatial turn*], não é mais possível entender o espaço e o local como depósitos de tradições, de identidade cultural ou ainda de pátria. O espaço e o local são fatores de organização de relacionamentos sociais, de diferenças e de ligações (BACHMANN-MEDICK, 2009).

Essa nova valorização do espaço faz com que seja novamente percebido que, no mundo, não existem apenas símbolos, sinais e representações, mas lugares: cidades, casas, regiões. Dessa forma, percebe-se também que nem tudo é sinal, símbolo e texto, mas conteúdo, matéria. A autora indica que há um retorno da materialidade e, com isso, um retorno para experiências vivenciadas no mundo (BACHMANN-MEDICK, 2009).

Por fim, Bachmann-Medick (2009) ressalta que essa volta à materialidade traz uma série de conceitos que são importantes para a análise literária, como por exemplo: bordas [*Ränder*], fronteira [*Grenze*], local da cultura [*Location of Culture*], centro-periferia [*Zentrum-Peripherie*] (BACHMANN-MEDICK, 2009). Ela indica ainda que esse é um modelo que serve para uma análise cultural descentrada, que considera os movimentos nos “entre-lugares”.

### 2.1.1 O Conceito de “Local”

A literatura implica uma série de mudanças de espaço e de locais. Para que essas mudanças ocorram, o movimento é imprescindível. Conforme o autor alemão Ottmar Ette, “não somente os espaços descritos, mas também os espaços da escrita e os espaços da leitura

estão em movimento e em constante mudança.” (ETTE, 2001, p. 11, tradução nossa<sup>5</sup>). O autor indica que o gênero ideal para analisar de forma literária e científica o local e o movimento é a literatura de viagem (ETTE, 2001).

Devido à forma como é escrita, a literatura de viagem é um gênero que aproxima literatura e ciência, já que, em sua história, encontramos tanto ficção quanto relatos reais. Segundo Ette (2001), o gênero literatura de viagem é também o gênero no qual melhor se pode verificar a necessidade de movimento e os locais de escrita.

Como forma de entender e identificar a constante troca de locais e a necessidade de ressignificação do local, o autor sugere quatro locais da literatura de viagem. Os locais propostos por Ette para a literatura de viagem podem, de certa forma, servir também para ajudar na percepção de outros gêneros, como o romance de migração. Uma vez que o romance de migração envolve “viagem”, encontramos aí uma semelhança entre ambos os gêneros. Portanto, é possível que o modelo proposto por Ette possa ser utilizado também para o romance de migração.

#### 2.1.1.1 Os Locais da Literatura de Viagem

A literatura de viagem tem o local como um de seus aspectos principais, já que trata de viagem, de mudança de local, de movimento, de sair de um lugar e de chegar a outro. Ette (2001) propõe a identificação e a leitura dos diferentes locais da literatura de viagem a partir do próprio texto, tendo como base quatro diferentes locais próprios da literatura de viagem.

O *primeiro local* é caracterizado como “a despedida”. Uma viagem implica também uma despedida. Essa despedida pode ser dos entes queridos, de locais sociais, como a igreja, a escola, o salão de festas, o cemitério, ou ainda da natureza do local, como alguma floresta, montanha ou rio próximo. Com a despedida e com a partida, pode surgir uma reflexão sobre o que foi deixado para trás. Essa reflexão muda a perspectiva do viajante, dando a ele consciência, por exemplo, de que o que deixou para trás é sua terra natal e consciência de sua própria posição no mundo, em relação a outros locais.

---

<sup>5</sup> O livro de Ette (2001) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

Ette ressalta ainda que “a despedida é modelada geralmente de forma contrastiva.” (ETTE, 2001, p. 53). Esse contraste pode ser feito entre duas regiões e duas culturas, como a terra de origem e a terra visitada, por exemplo.

O *segundo local* é o ponto culminante, ou seja, “a viagem”. A viagem é o coração, é o ponto central da literatura de viagem, pois representa ultrapassar um limite, uma divisa, uma fronteira (ETTE, 2001). Não somente os acontecimentos da viagem, mas também a aproximação do local de chegada é de grande importância. É na aproximação do local de chegada que o viajante tem suas primeiras impressões e realiza suas primeiras observações do espaço. É também nesse momento que ocorre a ativação de diferentes conhecimentos prévios sobre o local de chegada.

Após a viagem, tem-se o *terceiro local*: “a chegada”. A chegada é, segundo Ette (2001), um local de destaque, sendo frequentemente mais intenso do que a partida (despedida). A chegada é “um local de autoconsciência, de percepção do outro e de problematização de sua já constituída forma de percepção.” (ETTE, 2001, p. 58).

É na chegada que ocorre a confrontação com o outro, e, através da confrontação com o outro, a memória e a imaginação são ativadas. Dessa forma, surgem diferentes lembranças e, novamente, conhecimentos prévios sobre o novo espaço. Porém, não é necessariamente na chegada que ocorrem as primeiras experiências entre viajante e nativo, o que ocorre geralmente em um momento posterior. O local da chegada é mais um momento de autoconsciência, de esclarecimento de si mesmo sobre sua origem e sua localização (ETTE, 2001).

Encerrando a viagem, Ette apresenta o *quarto local*: “o retorno”. Como local literário, o retorno é reconhecido como o retorno para si, para sua terra natal, para seu ponto de origem. O retorno pode ser caracterizado como “simples desfecho da literatura de viagem, como determinação renovada, como um final feliz banal, mas, às vezes, também como realização do ciclo narrativo.” (ETTE, 2001, p. 60). Dessa forma, se fecha o círculo da viagem e da narrativa. Na maioria das vezes, podemos dizer que o viajante, ao retornar, é uma pessoa diferente da que partiu, devido às experiências vividas e percebidas nos espaços mencionados anteriormente.

### 2.1.1.2 A Literatura de Viagem e o Romance de Migração

Ette (2001) aponta que a literatura de viagem é um gênero literário que está entre a escrita literária e a escrita científica. Segundo o autor, “muitos textos que classificamos hoje como literatura ficcional são de uma perspectiva [científica] de relato de viagem ou inclusive foram lidos como relato de viagem verdadeiro.” (ETTE, 2001, p. 37).

Além disso, a literatura de viagem “é ao mesmo tempo uma literatura sobre viagem, uma literatura que permite ao leitor viajar e, finalmente, uma literatura que é ratificada em um duplo local de escrita.” (ETTE, 2001, p. 58). Esse duplo local de escrita consiste em escrever a literatura de viagem ora durante a própria viagem, ora no país de origem, após o retorno.

Ette (2001) destaca ainda que existe uma relação entre a literatura de viagem e o romance e que essa relação é intensa e complexa. O autor apresenta que, nos dois gêneros literários, existem diferentes subgêneros literários e não-literários e fragmentos de textos. Integram a literatura de viagem “o diário e a estatística, fotos e mapas, tratado político e conto literário, lenda e autobiografia, mas também tratado geográfico e pesquisa etnográfica.” (ETTE, 2001, p. 38). Todos esses gêneros podem ser encontrados também no romance.

Apesar de, como forma híbrida, a literatura de viagem ser próxima do romance, ela se diferencia deste por seu posicionamento ficcional e não-ficcional de acordo com sua localização histórica. Conforme destaca Ette, por muito tempo, “a literatura de viagem teve o título de documento empírico e verdadeiro, lido como *narratio vera*.” (ETTE, 2001, p. 43). Porém, atualmente, ela está situada entre o texto ficcional e o texto não-ficcional. Dessa forma, Ette (2001) indica que a literatura de viagem pode ser classificada como “literatura friccional” [*friktionale Literatur*], pois promove uma tensão entre ficção e realidade: “fricção” [*Friktionalität*].

Outra semelhança entre a literatura de viagem e o romance de migração é a viagem, uma vez que o ato de emigrar ou imigrar requer viajar. Segundo Ette (2004, p. 230, tradução nossa<sup>6</sup>), “os processos de migração aumentaram em significado principalmente do fim do século XVIII até hoje”. O autor destaca que a “migração pertence ao cotidiano do homem como nascimento, reprodução, doença e morte.” (ETTE, 2004, p. 230). Ele menciona ainda que a literatura de migração ocupa um local de movimento que está dentro e entre a literatura nacional e a universal (ETTE, 2004).

---

<sup>6</sup> O livro de Ette (2004) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

### 2.1.1.3 Os Locais de um Romance de Migração

Os quatro locais da literatura de viagem propostos por Ette (2001) podem ser encontrados também em um romance de migração, já que, conforme citado anteriormente, emigrar e imigrar implicam movimento, troca de local. Porém, enquanto Ette (2001) indica quatro locais para analisar os movimentos da literatura de viagem, poderia ser acrescentado um novo local ao início da sequência: “a decisão”, indicando os movimentos em um romance de migração. Além disso, diferentemente das viagens encontradas na literatura de viagem, geralmente não há o retorno na emigração. Sugerimos, então, trocar o local “o retorno” pelo local “o novo começo”.

Antes da própria despedida, em um romance de migração existe inicialmente a decisão, que constitui o *primeiro local*. Essa decisão é difícil de ser tomada e pode-se perceber, no romance de migração, que ela envolve diferentes etapas, diferentes momentos e diferentes pessoas. Esse local traz consigo um sentimento de que não há volta. A decisão foi tomada em benefício do indivíduo ou da família. Essa tomada de consciência proporcionada pela decisão dá coragem ao viajante para enfrentar todas as dificuldades que virão pela frente.

Após “a decisão”, vem “a despedida”, o *segundo local*. A despedida se caracteriza pela venda de objetos e móveis que não poderão ser levados na viagem. Os emigrantes se despedem dos amigos, da comunidade e da terra natal. A despedida em um romance de migração é mais intensa do que a despedida na literatura de viagem, pois ela envolve mais de um elemento do qual as pessoas se despedem, fazendo com que esse local seja um processo.

O segundo e o terceiro locais, de certa forma, se tocam e se cruzam, já que a última despedida ocorre com a viagem já iniciada a bordo do convés. O *terceiro local*, “a viagem”, pode compreender os locais entre a saída da casa antiga até a chegada à nova casa. É durante a viagem que se percebe o contraste entre a vida que os indivíduos levavam e as vivências que experienciam ao longo da viagem, principalmente o sentimento de transpor limites geográficos, reforçando, novamente, que a viagem não teria volta. A paisagem e a geografia dos locais por onde passam também impressionam.

O *quarto local*, “a chegada”, marca a chegada do emigrante à nova terra. Primeiramente, a chegada ao novo país e, em seguida, a chegada à colônia, à propriedade e à nova casa. Nesse momento, é possível que ocorra o primeiro contato com o povo local.

Por fim, chegamos ao *quinto local* do romance de migração: “o novo começo”. Ette (2001) propôs para a literatura de viagem “o retorno” como quarto e último local. Porém, para

um romance de migração, no qual as famílias de emigrantes sabem que não há retorno e precisam viver na nova terra, não temos “o retorno”, mas sim “o novo começo”.

Apesar da mudança de nome, o local “o retorno” e o local “o novo começo” apresentam algumas semelhanças. Assim como “o retorno”, “o novo começo” também indica um retorno, não para a terra natal e o ponto de origem, mas um retorno para o início, uma nova chance para recomeçar, um novo ciclo de vida. Esse novo começo não pressupõe, necessariamente, um final feliz, mas encerra a viagem e a narrativa.

### 2.1.2 Os Conceitos de “Entre-lugar” e de “Fronteira”

O autor Uwe Wirth inicia o seu artigo “*Zwischenräumliche Bewegungspraktiken*” [Práticas de Movimento no Entre-lugar] com o alerta de que há pouca discussão acerca do “entre-lugar” ser uma fronteira material ou imaginária (WIRTH, 2012). Assim, a partir de suas reflexões, Wirth procura apresentar uma definição para “espaço” [*Raum*].

Inicialmente, “o conceito de espaço [*Raum*] está há muito tempo em uma relação de tensão com o conceito de local [*Ort*].” (WIRTH, 2012, p. 8, tradução nossa<sup>7</sup>). Cada mudança de “local” tem implícito um movimento no “entre-lugar”, ou seja, “indo de um ‘local’ ao outro, esse movimento ocorre no ‘espaço’, que é, então, definido como ‘entre-lugar’ [*Zwischenraum*], já que ele coloca ambos os locais em uma relação topológica.” (WIRTH, 2012, p. 8). Em seguida, Wirth busca a origem da palavra “espaço” [*Raum*] na língua alemã: espaço “como definição territorial, tendo uma conotação geográfica.” (WIRTH, 2012, p. 8).

Essa duplicidade de significados para o conceito de espaço [*Raumbegriff*] é encontrada em outros autores como Jörg Dünne e Stephan Günzel, além de Michel de Certeaus (WIRTH, 2012). Esses significados são duas posições teóricas bem diferentes, já que por um lado o “espaço” é definido como “uma relação entre um local e outro, ou seja, o movimento de um local para outro, e, por outro lado, ele é definido como local, devido ao seu vínculo territorial.” (WIRTH, 2012, p. 8).

Para ilustrar essa duplicidade de significado, Wirth (2012) descreve a relação apresentada por Certeau entre “ver” e “andar”. Enquanto os locais podem ser dominados a partir do distante ato de ver, ainda mais se o ver ocorre a partir de uma posição central, o ato

---

<sup>7</sup> O texto de Wirth (2012) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

de andar tem uma função exploratória. Ao andar, é possível estar em contato com diferentes locais. Ao andar, é possível não apenas perceber particularidades de cada local, mas também perceber as mudanças de local e sentir as passagens nos “entre-lugares”. Assim, pode-se perceber, por um lado, a diferença entre o local e, por outro lado, a relação espacial entre dois lugares, o movimento no “entre-lugares” (WIRTH, 2012).

Wirth (2012) ressalta ainda que, enquanto que o “local” [*Ort*] representa uma constelação de pontos fixos e aponta para uma possível estabilidade, o “espaço” [*Raum*] aponta para um emaranhado de elementos móveis. “O ‘espaço’ é, então, o resultado dos movimentos e das atividades do ‘entre-lugar’.” (WIRTH, 2012, p. 9).

Esse duplo sentido do espaço [*Raum*], relacionado aos conceitos de passagem e trânsito, é tematizado nos estudos pós-coloniais, nas pesquisas de migração, na sociologia do espaço e em estudos de literatura de viagem (WIRTH, 2012). Segundo Wirth (2012, p. 10), “em todos esses domínios, é abordada a conceitualização cultural de mudanças de local. Passagem e trânsito são aqui formas de movimento, as quais, dentro de um determinado grupo cultural, realizam-se como ritos de passagem”. Por outro lado, a passagem e o trânsito também são formas de movimento, através das quais se pode perceber fronteiras políticas e culturais – a partir do ato físico de cruzar a fronteira e da mistura de diferentes códigos, ritos, costumes e da visão de mundo de diferentes culturas (WIRTH, 2012).

Essa relação é representada por Homi Bhabha (2013) em seu livro *O Local da Cultura* com a metáfora do “entre-lugar” [*in-between-space*]. O “*in-between-space*” designa igualmente uma transição, um “entre-lugar” cultural [*kulturelle Zwischenräumlichkeit*] tanto real quanto imaginário (WIRTH, 2012).

Relacionado a isso, Bhabha (2013) ainda utiliza o conceito de “fronteira” [*Grenze*]. A partir de uma citação de Heidegger, Bhabha (2013, p. 19) indica que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual **algo começa a se fazer presente**<sup>8,9</sup>”.

Já Wirth (2012) entende que existem três tipos de movimento no “entre-lugar”, e, por consequência, três movimentos relacionados às fronteiras [*Grenzen*]. Segundo ele, “o primeiro tipo é encontrado no ato de marcar uma fronteira ainda não legitimada – um ato de criação de fronteira-entre-lugar [*Grenz-Zwischen-Räumen*], de espaços ambíguos [*zweideutige Räume*], os quais pertencem a todos ou a ninguém” (WIRTH, 2012, p. 19).

---

<sup>8</sup> Grifo do autor.

<sup>9</sup> “*Die Grenze ist nicht das, wobei etwas aufhört, sondern, wie die Griechen es erkannten, die Grenze ist jenes, von woher etwas sein Wesen beginnt.*” (HEIDEGGER, 1967, p. 29).

Um segundo tipo de movimento no “entre-lugar” surge como uma forma diversificada de movimento, a qual realiza tanto uma definição de fronteira quanto uma transgressão de fronteira (WIRTH, 2012). Dessa forma, o autor representa esse movimento de três formas: pelo “ir-até-a-fronteira” [*An-die-Grenze-Gehen*], pelo “ir-atraves” [*Hindurch-Gehen*] e pelo “atravessar-a-fronteira” [*Über-die-Grenze-Gehen*] (WIRTH, 2012).

Já o terceiro tipo é o deslocamento ou a dissolução da fronteira. Como exemplos, o autor cita a queda do Muro de Berlim, mas não no ato de sua dissolução, mas nas marcas deixadas por essa dissolução tanto na geografia quanto na mente das pessoas (WIRTH, 2012).

Por fim, o autor destaca ainda que “a fronteira não é designada somente como espaço vazio [*Leerraum*], mas como um terceiro lugar [*dritter Ort*].” (WIRTH, 2012, p. 21). De certa forma, ocorre uma combinação de dois conceitos de “entre-lugar”: por um lado, a fronteira como espaço vazio e terra de ninguém; por outro, a fronteira como ponte, como símbolo da troca e do encontro (WIRTH, 2012).

## 2.2 SOBRE HIBRIDIZAÇÃO E TERCEIRO ESPAÇO

Em seu texto “*Literaturen ohne festen Wohnsitz*” [Literaturas sem Morada Fixa], o autor Ottmar Ette apresenta a força econômica de grandes empresas transnacionais. Essa força capaz de ultrapassar as fronteiras é encontrada também, por exemplo, na indústria fonográfica (ETTE, 2007). O autor aponta que todo vendedor de CDs pode oferecer, atualmente, títulos anglo-hispânicos ou árabe-francês sob a rubrica “música étnica” ou sob a rubrica “música mundial”. Na literatura, é possível verificar o mesmo movimento. Conforme Ette (2007, p. 13, tradução nossa<sup>10</sup>), “desde os anos sessenta, com mais força desde os anos oitenta, encontra-se um grande número de obras no mercado literário que não se deixam ordenar à literatura de seu país de origem, pois, devido à sua linguagem e ao seu conteúdo, elas ultrapassam os limites da literatura nacional”.

No meio acadêmico, textos que ultrapassam as fronteiras nacionais ainda não possuem um espaço significativo de pesquisa. Alguns pesquisadores os classificam como “literatura fora da nação” [*Literatur outside the nation*], já outros os classificam como “literatura minoritária” [*Minoritätenliteratur*], “literatura de migração” [*Migrationsliteratur*], “literatura

---

<sup>10</sup> O texto de Ette (2007) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

de estrangeiros” [*Ausländerliteratur*] ou “literatura intercultural” [*interkulturelle Literatur*] (ETTE, 2007). Com isso, surgem os conceitos de “literatura híbrida” e “hibridização”. Com o processo de globalização, surgem também conceitos como “terceira cultura”.

### 2.2.1 Culturas em Contato

Na introdução da obra *Über kulturelle Hybridität* [Sobre Hibridização Cultural], os organizadores Anna Babka e Gerald Posslet apontam Homi K. Bhabha como um dos mais importantes representantes dos estudos pós-coloniais. Seus trabalhos estão fortemente marcados por pensamentos pós-estruturalistas, como por exemplo, as estratégias de Desconstrução de Jacques Derrida ou da Psicanálise de Jacques Lacan. Além disso, o autor também argumenta em relação ao trabalho de Edward Said, em especial a obra “Orientalismo” (BABKA; POSSLET, 2012).

Em especial na obra *O Local da Cultura*, Bhabha trabalha intensamente com os conceitos de “hibridização” e “Terceiro Espaço”. Na introdução, o autor aponta que vivemos em um momento marcado por uma sensação de desorientação, um “momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão”. (BHABHA, 2013, p. 19). É importante, nesse momento, focar nos processos criados a partir da articulação das diferenças culturais.

Em sua argumentação, Bhabha (2013, p. 20) questiona: “de que modo se formam sujeitos nos entre-lugares”? Ele declara que a diferença cultural não pode ser apenas apontada como reflexo da tradição, como reflexo de traços culturais e/ou étnicos. Utilizando o pensamento da artista afro-americana Renée Green, Bhabha (2013, p. 20) indica que é necessário “compreender a diferença cultural como produção de identidades minoritárias que se ‘fendem’ – que em si já se acham divididas – no ato de se articular em um corpo coletivo”. O autor, a partir do pensamento de Green, destaca também que as diferenças sociais não surgem apenas como consequência de uma tradição cultural, elas surgem quando um elemento de uma comunidade sai dela e pode, de fora, observar o seu grupo, retornando posteriormente com um espírito de revisão e reconstrução (BHABHA, 2013).

Ainda a partir dos apontamentos de Green, Bhabha discorre sobre o deslocamento da lógica binária, através da qual as identidades de diferença são construídas.

Usei a arquitetura literalmente como referência, usando o sótão, o compartimento da caldeira e o poço da escada para fazer associações entre certas divisões binárias como superior e inferior, céu e inferno. O poço da escada tornou-se espaço liminar, uma passagem entre as áreas superior e inferior, sendo que cada uma delas recebeu placas referentes ao negro e ao branco. (GREEN, apud BHABHA, 2013, p. 23).

É o espaço do poço da escada que proporciona a ligação entre o sótão e a caldeira, entre designações de identidade, ele “transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco.” (BHABHA, 2013, p. 23). A passagem pelo poço permite que, de certa forma, haja contato entre os extremos, abrindo possibilidade para a criação de um hibridismo cultural, acolhendo a diferença (BHABHA, 2013).

Bhabha (2013) também utiliza uma metáfora de Heidegger para representar essa ligação entre dois extremos: “Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa.”<sup>11</sup> (HEIDEGGER, 1967 apud BHABHA, 2013, p. 25). A ponte liga dois extremos e é através dela que os elementos desses extremos podem ir e vir, é através dela que todos se cruzam e, de certa forma, se t(r)ocam.

A partir dessas trocas e desses pontos de contato proporcionados pela ponte, pelo poço da escada, por esses “entre-lugares”, o autor indica que as culturas nacionais homogêneas estão em profundo processo de redefinição. Segundo ele, “cada vez mais, as culturas ‘nacionais’ estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas” (BHABHA, 2013, p. 26), permitindo assim não o surgimento de versões da história a partir da fala dos excluídos, mas sim proporcionando o estabelecimento de conexões internacionais.

Com isso, esses contatos proporcionam também um contato com “o novo”. Contato que não deriva apenas de uma relação entre o passado e o presente, como algo nostálgico, mas sim da relação passado-presente como necessidade para viver. Que esse novo retome o passado, renovando-o, “refigurando-o como um ‘entre lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente.” (BHABHA, 2013, p. 29). Essa situação é urgente em povos subordinados, uma vez que é de crucial importância que eles afirmem suas tradições culturais e recuperem suas histórias reprimidas (BHABHA, 2013).

---

<sup>11</sup> “Immer und je anders geleitet die Brücke hin und her die zögernden und die hastigen Wege der Menschen, daß sie zu anderen Ufern [...] kommen. [...] Die Brücke sammelt als der überschwingende Übergang [...]” (HEIDEGGER, 1967, p. 27).

## 2.2.2 Hibridização e Terceiro Espaço

Na obra de Bhabha, o conceito de “hibridização” está intimamente ligado ao conceito de “Terceiro Espaço”, o qual o autor “inseriu de forma destacada como conceito central em seus textos.” (BABKA; POSSELT, 2012, p. 9, tradução nossa<sup>12</sup>). Esse espaço (“Terceiro Espaço”) não é uma referência ao espaço físico, porém, ele é como um espaço crítico, onde identidades são construídas a partir de relações de poder (BABKA; POSSELT, 2012).

Bhabha entende ainda que “o poder, como poder disciplinador, não opera em apenas uma direção. O poder parte de múltiplos centros interligados.” (BABKA; POSSELT, 2012, p. 10). Esse poder trespassa todas as relações sociais e constitui de forma discursiva um grupo e cada indivíduo e também os controla.

Para Bhabha (2013), o Terceiro Espaço representa um espaço de pensamento [*Denkraum*], e ele o representa através de metáforas. Conforme descrito anteriormente, Bhabha utiliza a metáfora da ponte, em consonância com Heidegger, e a metáfora do poço de escada, em conformidade com Green. Com o uso dessas metáforas, o autor mostra que o esquema binário é apagado, as polaridades são deslocadas e identificações híbridas são possíveis (BABKA; POSSELT, 2012).

Através desses movimentos no “entre-lugar”, no Terceiro Espaço, há a possibilidade de ocorrer uma hibridização cultural, na qual há um lugar para a diferença sem uma hierarquia imposta (BHABHA, 2013). O autor ressalta ainda que, no Terceiro Espaço, “não ocorre apenas a determinação de identidades, ele também abre espaços que podem levar à mudança de todos os envolvidos.” (BABKA; POSSELT, 2012, p. 12).

Para esclarecer que, no contato entre culturas, ocorrem mudanças que revelam um “entre-lugar” – o Terceiro Espaço – Bhabha utiliza o conceito de tradução de Walter Benjamin e o utiliza na expressão “tradução cultural”. O autor transfere “o conceito processual de tradução cultural para o mundo de experiências do migrante.” (BABKA; POSSELT, 2012, p. 12). “Essa liminaridade da experiência migrante é mais um fenômeno tradutório do que transicional; não existe resolução para ele porque as duas condições são conjugadas de modo ambivalente na ‘sobrevivência’ da vida do migrante.” (BHABHA, 2013, p. 353). Dessa forma, o Terceiro Espaço também é uma área de experiências, uma área de conflitos entre identidade e diferença, um local de trocas de diferença com o objetivo de

---

<sup>12</sup> A obra organizada por Babka e Posselt (2012) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

superar a hierarquização e, assim, um local possível de hibridização (BABKA; POSSELT, 2012).

Em uma entrevista a Lukas Wieselberg, Bhabha explica o seu conceito de hibridismo e hibridização de forma clara:

Minha ideia era: Toda a cultura é construída ao redor de negociações e conflitos. Em todas as práticas culturais, existe a tentativa – às vezes boa, às vezes má – de se estabelecer autoridade. Mesmo em uma obra de arte clássica, como uma pintura de Breughel ou uma peça musical de Beethoven, trata-se de estabelecer uma autoridade cultural.

Assim, faz-se a pergunta: Como tu te comportas como agente, quando tua única possibilidade de ação é limitada, somente porque tu és excluído e oprimido? Eu penso que, mesmo nessa posição de *Underdog* há a possibilidade de virar essa autoridade cultural imposta, adotar algumas coisas dela e rejeitar outras.

Com isso, os símbolos da autoridade são hibridizados e, disso, é feito algo próprio. Hibridização é para mim não um simples misturar, mas uma apropriação estratégica e seletiva de significados, criação de espaço para agentes, cuja liberdade e igualdade são colocadas em risco. (BHABHA, apud BABKA; POSSELT, 2012, p. 13. Entrevista concedida a Lukas Wieselberg).

O conceito de hibridismo de Bhabha remete à problemática de estratégias coloniais de representação, as quais são de grande importância, entre outros artefatos culturais, para o discurso literário. Segundo Babka e Posselt (2012), é no hibridismo que se expressam a resistência e a ação do colonizado frente à reivindicação de autoridade cultural do colonizador. Assim, o cultural não é visto por Bhabha como “**fonte** de conflito – culturas **diferentes** – mas como o **efeito** de práticas discriminatórias – a produção de **diferenciação**<sup>13</sup> cultural como signos de autoridade” (BHABHA, 2013, p. 189). Consequentemente, “o hibridismo intervém no exercício da autoridade não meramente para indicar a impossibilidade de sua identidade, mas para representar a imprevisibilidade de sua presença.” (BHABHA, 2013, p. 189).

Isso traz consequências para a força de representação dos textos literários, uma vez que eles não representam mais a essência, dispondo apenas de uma presença parcial. Assim, “o ‘ser’ ou o ‘local’ da cultura não pode mais ser entendido como algo uniforme e fechado, mas ele ainda precisa de um Terceiro” (BABKA; POSSELT, 2012, p. 15), o qual age como possibilidade de articulação entre polos, como por exemplo o eu e o outro.

Dessa forma, para Bhabha, o Terceiro Espaço não é o lugar onde duas culturas se tocam, se encontram, mas sim o local onde a cultura subalterna se eleva em poder e se sobrepõe, impondo o seu poder. “Que a pessoa é parte hindu, parte cristã, parte parsi, parte austríaca, parte eslovena, etc. – isso não é para mim hibridismo” (BHABHA, apud BABKA;

---

<sup>13</sup> Grifos do autor.

POSSELT, 2012, p. 65. Entrevista concedida a Lukas Wieselberg), para Bhabha, o mais importante é como as partes agem entre si e em relação às forças exteriores da formação da comunidade, como ocorre essa interação. “Hibridismo é um processo, um movimento e não gira em torno de múltiplas identidades.” (BHABHA, apud BABKA; POSSELT, 2012, p. 66. Entrevista concedida a Lukas Wieselberg).

### 2.2.3 Terceiros Espaços

Os autores Anna Babka, Julia Malle e Matthias Schmidt (2012) alertam que, na literatura, é importante observar que há um processo perigoso envolvendo questões de diferença cultural. Muitas vezes, esses questionamentos se tornam escritos fixos [*Festschreibungen*], o que ocorre com frequência no domínio assim chamado “literatura de migrantes” [*MigrantInnenliteratur*].

A partir da teoria proposta por Bhabha (2013), principalmente em relação aos conceitos de “hibridização” e “Terceiro Espaço”, podem ser descartadas leituras biológicas que estão presas a termos como “autenticidade” e “identidade cultural” (BABKA; MALLE; SCHMIDT, 2012). A literatura proporciona a articulação de experiências de diferença cultural e elas podem ser lidas não como estereótipos, mas como construções sociais.

“Literatura pode ser pensada como um local de articulação, no qual a diferença cultural é negociada.” (BABKA; MALLE; SCHMIDT, 2012, p. 11, tradução nossa<sup>14</sup>). Os princípios pós-coloniais têm à disposição um grande potencial para análise, crítica e solução de problemas centrais resultados da interação entre sociedades e culturas. “Elas [as teorias pós-coloniais] levam em consideração os processos de globalização e a diversidade linguística e cultural deles resultada e, a partir disso, criam tanto conhecimento quanto estratégias discursivas e políticas com o objetivo de lidar com potenciais conflitos e ações interculturais.” (BABKA; MALLE; SCHMIDT, 2012, p. 11).

Na literatura, encontramos a representação do outro. Segundo Ruthner (2012, p. 45, tradução nossa<sup>15</sup>), “a ‘representação do outro’ é vista como um elemento narrativo, então, um motivo literário.” Com isso, a imagem resultante da relação entre o “eu” e o “outro”, entre

<sup>14</sup> A obra organizada por Babka, Malle e Schmidt (2012) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

<sup>15</sup> O texto de Ruthner (2012) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

estar dentro ou fora, representa um confronto cultural que revela o horizonte ideológico de um sujeito ou de um grupo.

Dessa forma, percebe-se que a representação do outro passa muitas vezes por estereótipos. Ruthner afirma que “estereótipos não são de forma alguma meios retórico-cognitivos neutros para generalização ou reduções complexas, mas sim uma forma de expressão simbólica de poder.” (RUTHNER, 2012, p. 53).

Segundo Ruthner (2012), Bhabha indica que, através do estereótipo, o discurso colonial objetiva a fixação de seu objeto, estabelecendo uma hierarquia entre o colonizador e o povo colonizado através do discurso. “O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução.” (BHABHA, 2013, p. 123).

A construção discursiva de um estereótipo permite que, a partir do negativo existente no outro, seja construído o positivo em si. É nesse ponto que Bhabha (2013) apresenta um dos principais pontos de sua teoria. Bhabha procura desconstruir a oposição entre a verdadeira e autêntica identidade e o falso estereótipo: ambos se mostram, na verdade, como efeitos de linguagem e representações que são ambivalentes e contraditórias.

Ruthner (2012) ressalta ainda que, na literatura de viagem [*Reiseliteratur*], encontram-se muitos textos afirmativos, que procuram construir de forma ambivalente imagens de si e do outro, do ser falante e do ser falado. Esses textos se aproximam da teoria proposta por Bhabha (RUTHNER, 2012).

Essa construção ideológica do outro é nomeada por Bhabha também como “fixidez” [*Festgestelltheit*]. E essa construção colonial e pós-colonial precisa ser sempre reforçada: no dia-a-dia, na mídia, na literatura (MÜLLER-FUNK, 2012). Com isso, hibridismo e Terceiro Espaço não são apenas diagnósticos em um mundo global e pós-colonial, o qual é caracterizado por migrações e mistura, mas eles representam uma busca por uma terceira posição teórica e política, a qual rejeita uma ideia de cultura homogênea (MÜLLER-FUNK, 2012).

Conforme a autora Ursula Knoll (2012), “o hibridismo é entendido na teoria pós-colonial como um movimento inovador e nômade entre o [ser] ‘local’ e o ‘outro’, como um estado de constante atrito e irritação, uma troca de diferenças.” (KNOLL, 2012, p. 141, tradução nossa<sup>16</sup>). Através desse movimento constante, das trocas e da transformação que

---

<sup>16</sup> O texto de Knoll (2012) não tem tradução para o português. As citações em português apresentadas neste trabalho foram traduzidas por nós.

provoca, esse processo tem por objetivo superar a polarização eu/outro, centro/periferia. Assim, “hibridismo e Terceiro Espaço são configurados como lugares, nos quais o encontro com o outro pode acontecer, como espaço do ‘arriscado abrir-se para o outro’.” (KNOLL, 2012, p. 142).

Por fim, Ette (2001) apresenta em um dos capítulos finais de *Literatur in Bewegung* [Literatura em Movimento] a fala de diferentes sujeitos que se declaram de acordo com a lógica “nem ... nem” [*die Logik des Weder-Noch*], apresentada pelo autor em conformidade com Roland Barthes e sua obra *Mitologias*. Nessa lógica, os sujeitos se declaram “nem europeus, nem africanos, nem asiáticos: nós nos proclamamos como crioulos.” (ETTE, 2001, p. 467). Nesse manifesto, os sujeitos expressam o anúncio de sua identidade, reforçando sua consciência e abertura para o mundo. Ette aponta ainda que “não somente uma nova identidade, mas também uma nova centralidade é manifestada.” (ETTE, 2001, p. 468). Tem-se então um exemplo de hibridismo e de Terceiro Espaço.

### **3 A EMIGRAÇÃO ALEMÃ DO HUNSRÜCK PARA O RIO GRANDE DO SUL EM ROMANCES DA LITERATURA ALEMÃ ATUAL**

Em 2014, ao se completarem 190 anos da imigração alemã no Rio Grande do Sul, a temática voltou a ser foco de diferentes estudos culturais, políticos e, também, literários. Uma prova disso é a realização de seminários como os que foram promovidos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (Seminário Internacional Festas, comemorações e rememorações na imigração e XXI Simpósio de História da Imigração e Colonização) e pelas Faculdades Integradas de Taquara – FACCAT (190 Anos da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul: História, Memórias e Vestígios) em setembro e outubro de 2014 respectivamente. Quanto aos estudos literários, a produção literária de imigrantes alemães e de seus descendentes nunca deixou de ser alvo de pesquisas, como se pode verificar nos trabalhos de Marion Fleischer, Irmgard G. Bonow, Valburga Huber, Erich Fausel, Carlos Fouquet, Celeste H. M. Ribeiro de Souza, indicados por Neumann (2005), o qual também tem produção na área.

Porém, como Neumann (2005) indica, poucos pesquisadores alemães se ocuparam com a literatura produzida pelos emigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. O autor cita os pesquisadores Manfred Kuder, H. Semper, Hermann von Freeden e Georg Smolka, que possuem trabalhos relacionados à análise ou com indicação da literatura de emigrantes alemães no Brasil (NEUMANN, 2005).

Em sua tese de doutorado intitulada *Brasilien ist nicht weit von hier! Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800-1871)* – [Brasil não é tão longe daqui! A temática da emigração alemã para o Brasil na Literatura Alemã do século XIX (1800-1871)] – o professor Gerson Neumann (2005) analisa diferentes obras e gêneros literários da literatura alemã que apresentam como temática a emigração alemã para o Brasil. As obras literárias escolhidas para análise foram produzidas por alemães no território que, atualmente, corresponde à Alemanha no período em que ocorria a emigração.

Já para a delimitação do *corpus* da presente pesquisa, foram estabelecidos dois critérios. O primeiro critério definia que seriam analisados apenas romances produzidos atualmente na Alemanha (entre o fim do século XX e início do século XXI) por autores de língua alemã, sendo sua produção relacionada à temática de emigração [*Auswanderungsliteratur*]. O segundo critério delimitava que a temática dos romances

escolhidos deveria tratar da emigração de famílias da região do Hunsrück, na Alemanha, para o estado do Rio Grande do Sul, no Brasil.

A partir desses critérios, iniciou-se a busca por obras. Com isso, foram indicadas as obras *Menschen im Aufbruch* (1998), por moradores do próprio Hunsrück, e *Das Mädchen am Rio Paraíso* (2010), por moradores do Pfalz. Em seguida, foi feito contato com diferentes editoras alemãs, tanto regionais quanto de abrangência nacional, e também com diferentes bibliotecas do Hunsrück. Além disso, contou-se com o apoio de diferentes pessoas da região do Hunsrück para a indicação de outras obras. Porém, não foram encontrados outros romances que se encaixassem nos critérios estabelecidos para o *corpus* do trabalho.

### 3.1 LITERATURA DE MIGRAÇÃO E LITERATURA INTERCULTURAL

Astrid Erll (2004) e Vera Nünning (2010) apontam a literatura como parte da cultura. Erll (2004) destaca que, após a “virada cultural” [*cultural turn*], “a literatura passou a ser vista como parte da cultura geral.” (ERLL, 2004, p. 115, tradução nossa<sup>17</sup>). Indicando que “somente onde o homem surge como ser gerador de símbolos e sentido, é possível falar de cultura – e somente lá é possível encontrar elementos poéticos.” (ERLL, 2004, p. 116).

Em acordo com Erll (2004), Nünning (2010) ressalta que, até então, existia uma grande distância entre textos literários e cultura. Após a “virada cultural”, essa distância não existe mais e “os textos literários são parte da cultura.” (NÜNNING, 2010, p. 64, tradução nossa<sup>18</sup>). A autora indica também que o pensamento de que “literatura e o contexto histórico eram duas coisas totalmente distintas” (NÜNNING, 2010, p. 62) deve ser abandonado, e cultura deve ser entendida “não somente como fenômeno material, mas também como fenômeno mental e social.” (NÜNNING, 2010, p. 63). Desse modo, cultura não é apenas o que um determinado grupo constrói ou registra, mas também a forma como seus membros interagem e se relacionam, além da forma como produzem arte.

Durante o período da emigração, surgiram diferentes obras ficcionais sobre a emigração no território que hoje compreende a Alemanha. Segundo Neumann (2005, p. 21<sup>19</sup>),

<sup>17</sup> O texto de Erll (2004) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

<sup>18</sup> O texto de Nünning (2010) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

<sup>19</sup> A tese de Neumann (2005) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

“depois que a emigração se tornou um acontecimento social, [...] a população é confrontada a partir de 1830 com uma literatura especial: a literatura de emigração [*Auswanderungsliteratur*]”. O autor destaca que algumas obras serviam, de certa forma, como propaganda ou contrapropaganda para futuros interessados em emigrar (NEUMANN, 2005).

Em 1861, o professor alemão Emil Lehmann escreve na introdução de seu livro *A emigração alemã* [*Die deutsche Auswanderung*] sobre o crescente movimento de emigração dos alemães e sobre o fato de a literatura ter se apropriado do emigrante como objeto de sua produção. O professor aponta que “para públicos que não sejam especialmente e pessoalmente interessados no tema, a literatura de emigração não é prazerosa.” (LEHMANN, 1861, p. 4<sup>20</sup>).

Lehmann (1861) define literatura de emigração [*Auswanderungsliteratur*] como

uma inundação de escritos, os quais [...], além de conter conselhos e advertências para emigrantes, têm como objeto o destino de emigrados ou a descrição de alguns países importantes para a emigração, por fim, a maioria [dos textos] foi escrita por interesse de uma empresa colonizadora: – isso é literatura de emigração. (LEHMANN, 1861, p. 4).

Até os anos 80, na Alemanha, usavam-se termos como “literatura de migrantes” [*Migrantenliteratur*], “literatura de migração” [*Migrationsliteratur*], “literatura de estrangeiros” [*Ausländerliteratur*], “literatura de minorias” [*Minderheitenliteratur*] para representar a produção de autores emigrantes ou imigrantes e autores que pertencem a minorias étnicas (RÖSCH, 1998). Entretanto, a autora alerta que os conceitos de literatura de estrangeiros, literatura de migrantes, literatura de minorias podem fazer com que toda a produção de autores migrantes ou de minorias étnicas seja denominada literatura de migrantes. Como consequência, pode acontecer que o termo seja estabelecido de forma muito ampla, de modo que a biografia, a situação de vida e o status social dos autores sejam realçados em detrimento dos componentes literários da obra (RÖSCH, 1998).

Rösch (1998) destaca ainda a diferenciação entre “literatura de migrantes” [*Migrantenliteratur*] e “literatura de migração” [*Migrationsliteratur*]. Segundo ela, “o termo literatura de migração delimita mais o campo da literatura de migrantes e mostra que também existem autores imigrantes ou que pertencem a minorias étnicas que não escrevem literatura de migração.” (RÖSCH, 1998, p. 6<sup>21</sup>). A autora ressalta que “o conceito de literatura de migração promove uma abertura também para autores nativos, os quais se dedicam a esse tema.” (RÖSCH, 1998, p. 7).

<sup>20</sup> O livro de Lehmann (1861) não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

<sup>21</sup> O texto de Rösch (1998) ainda não tem tradução para o português. As citações apresentadas em português neste trabalho foram traduzidas por nós.

É importante destacar que o conceito de “migração” é, conforme indica a autora, “sinônimo de migração entre sistemas, tempos, culturas, religiões e continentes.” (RÖSCH, 1998, p. 8). Rolf Ehnert (apud RÖSCH, 1998) indica que, assim, a literatura de migração passa a ser uma literatura do diálogo, da troca, da fusão, a qual está, ela mesma, em migração.

A partir dessa nova visão de literatura de migrantes e de migração, a literatura de migração passa a fazer parte da literatura intercultural. Em concordância com a ideia de Ehnert (apud RÖSCH, 1998), Rösch (1998) indica que a literatura de migração apresenta um “entre”, ou seja, um “entre” sistemas, tempos, culturas, religiões e continentes. Rösch (1998) propõe o termo “literatura intercultural”, para abranger esse “entre”, uma vez que existem autores que não são migrantes, mas abordam essa temática em suas obras, e outros autores que são migrantes, mas não abordam a temática da migração, porém, possuem um grande potencial intercultural proporcionado por sua situação de migração.

Na literatura de migração, assim como na literatura intercultural, é constante a relação entre passado e presente (RÖSCH, 1998). Porém, essa relação não ocorre simplesmente no que diz respeito às estruturas históricas, como acontecimentos políticos ou militares, mas sim à forma como esses acontecimentos são percebidos e recebidos pelos indivíduos (ERLL, 2004). Erll (2004) indica que essa relação entre passado e presente e como os indivíduos se apropriam dos acontecimentos proporciona uma mudança de visão [*Blickwechsel*]: “de ‘como realmente aconteceu’ para ‘como é (realmente) lembrado / interpretado.’” (ERLL, 2004, p. 116).

Erll (2004) ressalta também que essa mudança de visão permite acesso a diferentes fenômenos culturais. Ela proporciona visualizar:

técnicas e modos de recordação (com quê é recordado?), papéis sociais e estruturas de poder (quem pode recordar / interpretar o passado?), conceitos de identidade e alteridade (o passado de quem é lembrado como?), hierarquia de valores e estruturas normativas (qual ‘lição’ se aproxima das versões do passado?) (ERLL, 2004, p. 116).

### 3.1.1 Espaços de Recordação

A professora portuguesa Luísa Marinho Antunes (2010), a partir da obra *Policraticus* de John of Salisbury, produzida no século XII, indica que somente os acontecimentos que se tornam palavra transmitida e que são tocados pela arte se tornam perpétuos, todo o resto acaba sendo esquecido. Por fim, ela alerta que “por isso, se não fosse pelo trabalho do cronista, o rei

e o seu bobo teriam o mesmo destino de morte, confundidas as suas vidas num passado desconhecido.” (MARINHO ANTUNES, 2010, p. 191).

Compartilhando da ideia de que a literatura é parte da cultura, embasada pelos textos do professor italiano Pietro Pelosi, Marinho Antunes aponta que literatura “deve ser entendida justamente como um dos seus modelos de sobrevivência, da dinâmica de disseminação e frutificação que a caracterizam.” (MARINHO ANTUNES, 2010, p. 191). Por isso, a cultura precisa também da arte para se perpetuar, sendo ela capaz de resistir ao tempo, fazendo homens de vários lugares e tempos diversos conviverem (PELOSI, 2001 apud MARINHO ANTUNES, 2010). Dessa forma, o contato com o texto literário permite não apenas revisitar a memória, mas, de certa maneira, resgatar o passado, sendo uma necessidade básica também para a sobrevivência do homem.

Essa memória, conforme apresentado por Assmann (2011), representa a memória formativa (a tradição cultural em geral) e não memória de aprendizagem (a mnemotécnica). E é através da memória formativa “que o indivíduo se vincula a uma nação ou região específica.” (ASSMANN, 2011, p. 17).

Assmann (2011) propõe ainda uma divisão da memória formativa em três: memória cultural, memória comunicativa e memória experiencial. Segundo ela, a memória cultural “supera épocas e é guardada em textos normativos” (ASSMANN, 2011, p. 17), já a memória comunicativa, normalmente, “liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente” (ASSMANN, 2011, p. 17), enquanto que a memória experiencial corresponde à vivência de um acontecimento por uma geração (ASSMANN, 2011).

As três memórias são influenciadas mutuamente. As experiências vividas (memória experiencial) são contadas através de gerações (memória comunicativa), mas, para se perpetuarem, elas são registradas através de texto escrito (memória cultural), já que “o documento escrito tem a funcionalidade e a importância que o presente e o sujeito lhe dão, o que influencia a construção presente da memória cultural.” (MARINHO ANTUNES, 2010, p. 194).

Da mesma forma, Assmann (2011) apresenta a influência que presente e passado sofrem e provocam entre si. A partir de citações de Italo Svevo, escritor italiano, Assmann (2011) apresenta como o presente influencia o passado: “o presente conduz o passado como se este fosse membro de uma orquestra” (SVEVO, 2006 apud ASSMANN, 2011, p. 21), pois, no presente, acontecimentos do passado voltam à tona ou caem no esquecimento. Citando o escritor francês Marcel Proust, Assmann (2011) apresenta como o passado influencia o presente: “segundo esse ponto de vista [de Proust], o presente mantém com o passado uma

relação muito mais complicada. Proust compara a presença do passado no presente da consciência humana com os negativos fotográficos: não é possível prever se algum dia serão revelados ou não.” (ASSMANN, 2011, p. 21). Segundo essa ideia, o presente não tem como determinar quais fatos do passado serão apropriados pela consciência humana presente.

Essa influência também pode ser percebida na diferença entre o ato de armazenamento e o ato de recordação. “O ato de armazenamento acontece contra o tempo e o esquecimento, cujos efeitos são superados com a ajuda de certas técnicas.” (ASSMANN, 2011, p. 34). Fatos podem ser armazenados na memória pessoal através de mnemotécnicas ou em arquivos através de mídias. Já “o ato de recordação, por sua vez, acontece dentro do tempo, que participa ativamente do processo, [sendo que] esquecimento e recordação estão indissociavelmente intrincados. Um é possibilitador do outro.” (ASSMANN, 2011, p. 34). Enquanto que, para o armazenamento, o esquecimento é um oponente, para a recordação, ele é um aliado.

Assmann (2011) aponta que a memória (armazenamento) é algo que se adquire por si só, se aprende através de técnicas, enquanto que a recordação não se pode apreender por si mesmo nem pode ser ensinada, é algo que precisa ser experienciado e vivenciado. “A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento de sua recuperação.” (ASSMANN, 2011, p. 33).

A autora faz ainda um apanhado sobre variadas dimensões da memória. Segunda ela, “três condições da fama [...] estão interligadas entre si: grandes feitos, sua documentação e sua rememoração na posteridade.” (ASSMANN, 2011, p. 43). E, uma das formas de se garantir a fama posterior de grandes heróis, por exemplo, era a transformação desses grandes feitos em cantos e textos poéticos, já que “ao poeta é atribuída [...] uma forma especial de arte (ou magia) de comunicação com o distante, que lhe dá o poder de influenciar, na posteridade, os ouvintes dessas histórias que ainda sequer tenham nascido.” (ASSMANN, 2011, p. 43).

Marinho Antunes (2010, p. 190) declara que “tudo que pode ser nomeado deve existir. Tudo que é nomeado pode ser escrito. O que é escrito deve ser recordado. O que é recordado vive”. Com isso, a escrita é entendida como a maneira de superar o esquecimento. “Recordar é fazer viver na memória, tornar quase palpável no presente um passado que é a melhor garantia de futuro.” (MARINHO ANTUNES, 2010, p. 190). Por muito tempo, foram construídos fisicamente memoriais para eternizar a história local. Essa prática ainda é comum, atualmente, com a construção de memoriais e museus, por exemplo (ASSMANN, 2011). A

literatura também é uma forma de memorial. Através do registro escrito, são construídos memoriais responsáveis por guardar a memória cultural de determinado grupo (ASSMANN, 2011).

Porém, Marinho Antunes (2010, p. 206) alerta que “não se deve esquecer que a literatura não tem como finalidade principal a construção da memória cultural ou identitária [...], mas a questionação ética e ontológica, de forma estética, do homem e do mundo”. Assim, “interessa, sobretudo, compreender os vários processos utilizados pela literatura para a criação desses ‘lugares’. Isto é, como contribui para a criação de uma ‘dinâmica memorial’ num processo comunicativo’ complexo, em que as imagens do passado se cruzam e transformam.” (MARINHO ANTUNES, 2010, p. 205).

### **3.1.2 Literatura Regional**

A professora Ligia Chiappini possui uma longa trajetória de pesquisa relacionada à literatura regional e apresenta uma definição de região não mais vinculada a um local físico e localizável no mapa de um país, mas sim como uma realidade histórica e mutável, “porque a regionalidade não supõe necessariamente que o mundo narrado se localize numa determinada região geograficamente reconhecível, mas ficticiamente constituída.” (CHIAPPINI, 2013, p. 26).

A partir dessa definição, entende-se que, na literatura, a categoria de regionalidade indica uma cumplicidade entre a referência geográfica e geografia fictícia. “Embora fictício, o espaço regional criado literariamente remete, como portador de símbolos, a um mundo histórico-social e a uma região geográfica existente.” (CHIAPPINI, 2013, p. 26). Chiappini (2013) aponta então que a regionalidade seria a determinação de um espaço como uma região ou província ao mesmo tempo vivido e subjetivo.

Em consonância com Chappini (2013), Grywatsch (2013) entende que “região não é concebida aleatoriamente como um espaço determinado geograficamente e desenvolvido naturalmente, mas sempre como um modelo de referência construído no processo cultural com potencial identificação.” (GRYWATSCH, 2013, p. 166). Essa definição abrange o termo “região” com um caráter construtivo.

Para explicar sua afirmação, Grywatsch (2013) utiliza uma citação do professor alemão Jürgen Joachimsthaler:

Regiões não estão simplesmente aí. Os modelos de identidade aparentemente tão sedimentados, que ligam uma paisagem com ‘sua’ gente e ‘sua’ cultura a uma unidade que se gosta de invocar regionalmente, somente são [...] realidade, porque elas, como toda cultura, foram desejadas, preservadas e mantidas, são, portanto, pura e simplesmente trabalhadas pelo homem. (JOACHIMSTHALER, 2002 apud GRYWATSCH, 2013, p. 166).

O pesquisador alemão Jens Stüben (2013) considera que, por muito tempo, os lugares e os espaços foram desprezados como categorias das ciências culturais e transformados em tabu devido ao abuso ideológico durante o nacional-socialismo na Alemanha. Ele aponta que, na Germanística, surgiu recentemente um grande interesse por regiões e pela cultura regional, incluindo-se questionamentos científico-culturais na área (STÜBEN, 2013).

Segundo o pesquisador, “desde ‘a virada para o espaço’ [*spatial turn*], as descrições de história literária de regiões isoladas não precisam mais se justificar.” (STÜBEN, 2013, p. 37). Ele entende ainda que “surge uma relação de troca entre a localidade geográfica e o construto de significação cultural. Sob certas condições, a identidade local e regional desenvolve-se no espaço vivido e interpretado.” (STÜBEN, 2013, p. 39). As regiões e suas características são, de certa forma, representadas pela literatura e o leitor colabora para formar e estilizar essa região (STÜBEN, 2013).

A partir do questionamento do professor Norbert Mecklenburg, sobre “como a literatura se desenvolveu **em** uma região, como a região atua sobre a literatura, seus temas e suas formas, sua produção e recepção e como, pelo contrário, a literatura pode atuar sobre a região, pelo menos sobre a **imagem**<sup>22</sup> de uma região” (MECKLENBURG, 1991 apud STÜBEN, 2013, p. 46), Stüben (2013) procura esclarecer alguns conceitos que classificam as literaturas e suas obras literárias quanto a suas marcas de regionalidade. Além disso, ele procura definir mais claramente as relações citadas anteriormente. Com isso, ele sugere então seis conceitos de literatura: (1) literatura *em* uma região; (2) literatura *de* uma região ou literatura *proveniente* de uma região; (3) literatura *sobre* uma região; (4) literatura regional; (5) literatura regionalista; (6) literatura provinciana ou literatura patriótica (STÜBEN, 2013).

Para Stüben (2013), “literatura *em* uma região” é definida pela recepção, ou seja, independe da origem do autor e do local de surgimento do texto, é a oferta de literatura em uma determinada região. Esse conceito é complementado pelos dois conceitos seguintes propostos por Stüben (2013). Enquanto “literatura *de* uma região” ou “literatura *proveniente* de uma região” se refere à literatura surgida em uma determinada região, a “literatura *sobre* uma região” traz a região como temática do texto literário (STÜBEN, 2013). O autor ressalta

---

<sup>22</sup> Grifos do autor.

ainda que esses três conceitos se complementam “já que somente na combinação de todos os três fatores – recepção, produção e temática – constitui-se uma paisagem literária.” (STÜBEN, 2013, p. 47).

Stüben (2013, p. 48) não concorda com a definição de que literatura regional seria “a literatura de uma região [que] se formou afastada de centros culturais suprarregionais ou em relativo isolamento de outras regiões”, proposta, segundo ele, por alguns autores como Regina Hartmann e Norbert Oellers. O autor entende que algumas obras produzidas nas regiões ultrapassam o domínio de uma literatura regional, como é o caso da escritora Herta Müller<sup>23</sup>, ganhadora do Nobel de Literatura em 2009. Dessa forma, Stüben (2013, p. 49) entende que “literatura regional [é], por um lado, o conceito geral para a literatura de uma região relativamente fechada e, por outro, o termo técnico de gênero que descreve obras individuais com relação especial a peculiaridades regionais”.

Por fim, o autor define “literatura regionalista” como as “obras que propagam a cultura da região, como programa e paradigma, que a diferenciam de outros locais ou que a defendem contra uma perspectiva voltada para um centro” (STÜBEN, 2013, p. 50), e “literatura provinciana ou patriótica” como “a literatura com marcado colorido local que, em sua postura de defesa contra infiltração estrangeira, é nostálgico-regressiva e/ou idilizante e/ou tendenciosa.” (STÜBEN, 2013, p. 50).

Retomando o conceito de “literatura regional”, Stüben (2013) acrescenta que fazem parte dessa literatura “obras cujas referências regionais tenham significância decisiva e que sejam guiadas predominantemente pela exigência de um público em (ou de) uma região e lá desenvolva seu efeito.” (STÜBEN, 2013, p. 49). Não basta apenas que a obra seja lida *em* uma determinada região, ou seja proveniente *de* uma região, ou ainda seja *sobre* uma região, para pertencer à “literatura regional”, ela precisa envolver, de certa forma os três conceitos citados. É a partir da recepção, da produção e da temática que se define uma obra como regional ou não (STÜBEN, 2013).

Chiappini (2013, p. 16) alerta que, por muito tempo, “era atribuído um valor estético baixo ou nulo” às obras de literatura regional. Em defesa da literatura regional, o professor Norbert Mecklenburg (2013, p. 186) ressalta que “de um lado, o conteúdo por si nunca determina a qualidade artística de uma obra. Uma história de aldeia não pode ser ruim apenas porque é uma história de aldeia, e um romance sobre a cidade grande não é um bom romance apenas por tratar de conteúdo de cidade grande”. Chiappini (2013) entende ainda a literatura

---

<sup>23</sup> A escritora nasceu na região do Banato na Romênia, e sua família faz parte da minoria alemã do país. Atualmente, reside em Berlim, onde escreve em língua alemã.

regional “diferente da literatura canônica, mas diferente também da literatura trivial, [como] um modo de formar que, basicamente, tenta trazer para a ficção os temas, tipos e linguagens tradicionalmente alijados das Letras e restritos a determinada região, mas sem renunciar de antemão a uma aceitação suprarregional.” (CHIAPPINI, 2013, p. 25).

Os trabalhos de Chiappini (2013) e de Mecklenburg (2013) estão em sintonia, uma vez que ambos se dedicam à pesquisa de literatura regional, e apontam que a crítica vê a literatura regional como literatura “menor” e que não é necessário e/ou importante dedicar trabalhos de pesquisas a obras individuais da literatura regional, mas sim, a uma análise em larga escala. Porém Chiappini (2013, p. 27) aponta que “são as análises das obras individuais que podem permitir uma comparação desde dentro e impedir que as generalizações apressadas obliterem o valor de muitas delas”. Além disso, ela indica que “a regionalidade, como categoria de análise interna dessas obras, pode também trazer esclarecimentos para a questão do valor, associado à célebre oposição entre o regional e o universal.” (CHIAPPINI, 2013, p. 27). Através da regionalidade, pode-se superar, por exemplo, oposições simplistas como cidade/província, progresso/atraso, modernidade/tradição (CHIAPPINI, 2013).

De acordo com Grywatsch (2013), atualmente, se dá grande ênfase ao espaço nos estudos regionais. Assim, “é natural empregar e tornar fecundos métodos, práticas e perspectivas da pesquisa do espaço para a pesquisa da literatura regional.” (GRYWATSCH, 2013, p. 167). A literatura de migração, com todos os seus deslocamentos, transições e mudanças de espaços “ultrapassa, frequentemente, não apenas fronteiras territoriais, mas também culturais.” (MECKLENBURG, 2013, p. 174). Dessa forma, a experiência de migração se torna experiência intercultural, conforme indica Mecklenburg (2013), constituindo, assim, rica fonte de pesquisa.

Tanto o autor, quanto o leitor e os personagens “movimentam-se desde sempre em ‘espaços de sentido’, ‘espaços de experiência’.” (STÜBEN, 2013, p. 39). Os protagonistas se configuram através da atividade cultural e artística e são providos de significado por meio da interpretação (STÜBEN, 2013). Stüben (2013, p. 39) aponta ainda que “espaços fronteiros e de convergências [como é o caso de um contexto de migração] são frequentemente marcados por múltiplas identidades culturais e apresentam lugares de memória de distintas tradições culturais e discursos histórico-políticos”.

Grywatsch (2013, p. 171), por sua vez, afirma que “em determinados contextos, sobretudo em relação a literaturas de minorias, como, por exemplo, em grupos de diáspora, ou

em relação à literatura de exílio, a categoria **região**<sup>24</sup> não consegue ser um valor de referência”. Com isso, o autor indica a categoria “espaço” como foco de pesquisa da literatura regional já que, “por outro lado, o conceito de espaço oferece [...] uma unidade de orientação muito menos restrita, fundamentalmente mais aberta e neutra.” (GRYWATSCH, 2013, p. 171).

Por fim, o mesmo autor alerta que, conforme já citado anteriormente por Stüben (2013), a categoria espaço, nos estudos da Germanística, “caiu em descrédito no século XX através da ideologização dos conceitos **espaço**, **região** e **pátria**<sup>25</sup>, no sentido de um pensamento étnico-racial realizado durante o nacional-socialismo.” (GRYWATSCH, 2013, p.157). Por isso, é importante que a pesquisa literária orientada regionalmente necessite “se distanciar do mau uso ideológico das categorias [citadas acima] e [...] definir sua justificativa de ser para além das características de pensamento genealógico [...] e de tradição popular.” (GRYWATSCH, 2013, p. 157).

Como visto anteriormente, a literatura de migração apresenta importantes traços e marcas regionais, seja alusões à localização, ao espaço físico, a costumes ou ainda a determinado grupo de pessoas. Essas características também são importantes para a literatura regional (CHIAPPINI, 2013). Não há uma preocupação exclusiva em registrar fielmente como um relatório cada espaço ou cada acontecimento, mas, por meio da literatura, tornar esse espaço regional também um espaço de recordação, registrando determinados momentos como um memorial para ser lembrado (ASSMANN, 2011).

Não são muitas as obras que apresentam ao mesmo tempo características comuns à literatura regional e à literatura de migração e, principalmente, marcadas como um espaço de recordação (ASSMANN, 2011). Dentre outras, duas obras da literatura alemã atual se encaixam nas características citadas anteriormente: os romances *Menschen im Aufbruch* (1998) e *Das Mädchen am Rio Paraíso* (2010).

### 3.2 MENSCHEN IM AUFBRUCH

O romance *Menschen im Aufbruch* [Pessoas Partindo], do autor alemão Hans Weber, foi publicado no ano de 1998 pela editora *Böhmer Druckerei GmbH* da cidade de Simmern,

---

<sup>24</sup> Grifo do autor.

<sup>25</sup> Grifos do autor.

cidade central da região do Hunsrück. Em 2004, como parte integrante do livro *Os Imigrantes do Hunsrück*, foi publicada sua tradução para o português, sob o título “Pessoas Partindo” do professor Selbrício Bohn, pela Editora Amstad de Nova Petrópolis.

### 3.2.1 Autor

O autor Hans Weber nasceu no ano de 1932 em Luxemburgo. Anos depois, ainda criança, mudou-se para a localidade de Uhler, próximo à cidade de Kastellaun, no Hunsrück, onde cresceu e vive atualmente. Depois de frequentar a escola [*Volksschule*] em Uhler, o autor trabalhou inicialmente na agricultura com seus pais e exerceu diferentes atividades, inclusive na região do Vale do Ruhr [*Ruhrgebiet*]. Em 1962, Hans Weber assumiu um cargo nas forças armadas, onde, mais tarde, assumiu o cargo de diretor e de assessor no departamento de jornadas de trabalho.

Utilizando o pseudônimo de Hans Uhlendorf ou Hans Weber (Uhlendorf), o autor se interessou pelo destino das pessoas e por acontecimentos históricos. A partir de 1991, ele passa a relatar em suas obras o destino e o rumo tomado por diferentes pessoas: tanto o dia-a-dia quanto situações extremas por elas vividas.

O autor já publicou quatro livros. O primeiro, *Sie nannte ihn Wolf* [Ela o Chamava de Lobo], foi publicado sob o pseudônimo de Hans Uhlendorf em 1993 pela editora *The world of books*, de Londres. No romance, é contado o destino e a tragédia de uma filha de camponeses nos anos 30.

A segunda obra, *Verirrungen* [Perdições], foi publicada em 1994 pela editora Erlenverlag, de Gelsenkirchen. Nesse livro, é apresentada a vida de um jovem e ingênuo casal de camponeses. O casal queria fugir da vida monótona e entediante do vilarejo, porém não conseguiu resistir à vida na cidade grande, o que os levou a uma catástrofe, da qual eles não puderam mais se libertar.

O terceiro livro, *Zum Untergang verdammt* [Condenado à Ruína], foi publicado ainda sob o pseudônimo de Hans Uhlendorf em 1995 pela editora *Frieling & Partner*, de Berlim. O romance trata do jovem filho de agricultores, Hans Alden, que ingressa em uma tropa de Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial, e percebe que, a cada dia que passa, está se tornando um criminoso.

Por fim, o quarto livro publicado é o romance *Menschen im Aufbruch*, publicado em 1998, já com seu nome Hans Weber, acompanhado do pseudônimo “Uhlendorf”.

### 3.2.2 Obra

O romance *Menschen im Aufbruch*<sup>26</sup> possui uma narrativa cronológica e está organizado em cinco capítulos, retratando a trajetória da família Teis entre os anos de 1825 e 1875. Contando com um narrador onisciente e onipresente em terceira pessoa, o romance é marcado por importantes momentos na vida da família Teis: a vida no Hunsrück, a decisão de emigrar para o Brasil, a viagem terrestre e marítima, a chegada, a instalação na colônia e os primeiros anos na Colônia de São Leopoldo.

A narrativa inicia com a descrição da vida diária da família Teis. O pai, Hannespeter Teis, é criador de porcos e, no inverno, faz cestos de vime. Já a mãe, Regina Teis, cuida da casa e dos filhos. A família tem ainda cinco filhos: Peter, Fritz, Anna, Maria e Lisa. A vida da família é difícil, e a criação de porcos do pai não dá o dinheiro necessário para pagar os impostos e sobreviver. Durante a ida ao mercado de Kastellaun, Hannespeter observa um homem falando em praça pública sobre emigrar para o Brasil. Hannespeter vê nessa oportunidade a chance de melhorar as condições de vida de sua família. A partir de então, os membros da família se convencem que essa é a única maneira de prosperarem e decidem emigrar para o Brasil.

No segundo capítulo, é retratada a viagem do vilarejo do Hunsrück, passando por Hannover até o porto de Bremerhaven. A família Teis é acompanhada pelo conterrâneo Friedrich Gewehr, o qual já era amigo da família no vilarejo do Hunsrück e ajuda Hannespeter e Regina no cuidado das crianças. Por fim, inicia-se a viagem, partindo de Bremerhaven até a chegada no Rio de Janeiro.

O terceiro capítulo apresenta a chegada dos imigrantes no Rio de Janeiro, sua viagem ao Rio Grande do Sul e a chegada à colônia de São Leopoldo. A família Teis e Friedrich Gewehr são encaminhados para suas terras, que são vizinhas em uma picada, e iniciam a construção da primeira casa e a plantação dos primeiros grãos.

---

<sup>26</sup> Em todo o trabalho, será utilizado o título em alemão para se referir à obra.

Apesar de curto, o quarto capítulo apresenta a situação da família cinco anos depois, agora no ano de 1832. A insegurança era grande na colônia, e é relatado nesse capítulo o ataque de índios à colônia.

O quinto capítulo faz um resumo da trajetória da família Teis e de seu amigo Friedrich Gewehr entre os anos de 1829 e 1875. As famílias Teis e Gewehr prosperam, assim como toda a colônia. Os filhos já estão crescidos, mas uma grande tristeza atinge a família Teis. O filho mais velho, Peter, foi morto lutando como soldado na Guerra dos Farrapos. Já o filho mais novo morreu por uma picada de cobra, trabalhando na plantação. As filhas mais velhas, Anna e Maria se casaram e Lisa se tornou professora. A família Teis realmente prosperou após a decisão de emigrar para o Brasil. Hannespeter faleceu em 1870 na idade de 73 anos e sua esposa Regina, no ano de 1875, na idade de 77 anos.

### 3.3 DAS MÄDCHEN AM RIO PARAÍSO

A obra *Das Mädchen am Rio Paraíso* [A Menina do Rio Paraíso] foi escrita pela escritora e jornalista alemã Ana Veloso e publicado, primeiramente, no ano de 2008 pela editora Weltbild e, em seguida, a partir de 2009, pela editora Knaur. O romance é o terceiro livro publicado pela autora e, até o momento, não possui nenhuma tradução para outro idioma.

#### 3.3.1 Autora

A autora Ana Veloso nasceu na cidade de Koblenz, ao norte da região do Hunsrück, no ano de 1964. Ela estudou Romanística (Português-Francês) no Rio de Janeiro e, após os estudos, viveu alguns anos no Brasil, onde realizou pesquisas para o seu primeiro romance. Atualmente, vive em Hamburgo, onde trabalha como escritora e jornalista. Todos os anos, a escritora passa alguns meses em algum país de língua portuguesa para recolher impressões para as suas obras.

Ana Veloso já trabalhou como jornalista para diferentes revistas alemãs e, paralelamente, atuou como escritora, já tendo publicados seis romances. O primeiro romance, *Der Duft der Kaffeblühte*, foi publicado em 2005 pela editora Knaur e traduzido para vários

idiomas. No Brasil, a obra foi lançada em 2014 pela editora Jangada com o título *A Fragrância da Flor do Café*. A história se passa no Brasil no ano de 1884, narrando a história de Vitoria, filha de senhores do café, e León, jornalista e defensor da libertação dos escravos.

O segundo romance foi publicado em 2006, primeiramente pela editora Club Bertelsmann com o nome *Lebwohl, Lisboa* [Passar Bem, Lisboa] e, posteriormente, em 2008, pela editora Knauer, sob o título *So weit der Wind uns trägt* [Tão Longe Quanto o Vento Nos Carregue]. A narrativa apresenta a relação entre Jujú, filha do rico fazendeiro Carvalho, do Alentejo, e Fernando, filho de agricultores pobres, tendo como pano de fundo Portugal do início do século XX.

A terceira obra de Ana Veloso é *Das Mädchen am Rio Paraíso* [A Menina do Rio Paraíso], publicada em 2008. No ano de 1826, Raúl Almeida encontra nas margens do Rio Paraíso uma moça ferida. Aparentemente, trata-se de uma alemã moradora das colônias. Após isso, a narrativa se intercala entre o passado na Alemanha, o passado no Brasil e os acontecimentos presentes até que a moça, Klara, recobra sua consciência e relembra sua origem.

*Der indigoblaue Schleier* [O Véu Azul Índigo], quarto romance da escritora, publicado em 2011 pela editora Knauer, tem como cenário a colônia portuguesa de Goa no século XVII. Os protagonistas dessa narrativa são o jovem Miguel, que tem como tarefa cuidar da casa comercial de seus pais, e a misteriosa nativa Donna Amba.

O quinto romance, publicado em 2011 pela editora Knauer, *Das Lied des Kolibris* [A Canção do Beija-flor], tem como personagem principal a jovem escrava Lua, a qual guarda como segredo sua habilidade de ler e escrever, o que era proibido a escravos. O desenrolar da narrativa se passa em uma plantação de cana-de-açúcar na Bahia do século XVIII.

A sexta e última obra escrita por Ana Veloso é *Unter den Sternen von Rio* [Sob as Estrelas do Rio], publicado pela editora Knauer em 2012. No Rio de Janeiro dos anos 20, a jovem Ana Carolina está dividida entre o amor do francês Antoine e do engenheiro brasileiro Henrique. Ambos são amigos e estão envolvidos na construção da estátua do Cristo Redentor.

### 3.3.2 Obra

O romance *Das Mädchen am Rio Paraíso*<sup>27</sup> é constituído por cinquenta e seis capítulos. A narrativa é composta por duas histórias intercaladas. A primeira, contada por um narrador onisciente e onipresente em terceira pessoa a partir da visão de Klara, se passa no presente e retrata a jovem Klara Wagner encontrada às margens do Rio Paraíso, depois de um grave acidente, por Raúl Almeida, dono de uma propriedade em Porto Alegre e de uma estância. Com amnésia, Klara não consegue se lembrar de nenhum fato de seu passado. Raúl leva Klara para sua casa, onde, com a ajuda da escrava Teresa, cuida da jovem. Posteriormente, Raúl, investigando a origem de Klara, descobre que ela está sendo acusada da morte do marido.

A segunda história, narrada por Klara em primeira pessoa, retrata sua infância e sua juventude na aldeia de Ahlweiler, no Hunsrück, período em que conheceu o jovem Hannes Wagner, com o qual emigrou para o Brasil. Nessa segunda história, a narradora relata seu casamento com Hannes no navio, o recomeço na colônia, o nascimento da filha Hildegard, até o momento em que sofre o acidente que a leva até a margem do Rio Paraíso, onde é encontrada por Raúl.

Ao fim, as duas histórias são contadas paralelamente, até que nenhum questionamento fique em aberto. Klara lembra que, enquanto fugia de seu marido, o qual a agredia constantemente, correu em direção à floresta e, ao olhar para trás para verificar se ele a estava perseguindo, não percebeu que, à sua frente, estava o rio. Klara rolou barranco abaixo até a água. Como seu marido foi encontrado morto naquele mesmo dia com um ferimento na cabeça causado por alguém canhoto, Klara teve a certeza de que sua vizinha, Christel Gerhard, havia matado Hannes, uma vez que ela era a única pessoa canhota na vizinhança. Apesar de Christel não confirmar, e como não se conseguiu comprovar que Klara matou o marido, Klara é inocentada da acusação. Por fim, Klara e sua filha Hildegard, que estava sob os cuidados de Christel, vão morar com Raúl Almeida em sua propriedade em Porto Alegre.

---

<sup>27</sup> Em todo o trabalho, será utilizado o título em alemão para se referir à obra.

## 4 OS MOVIMENTOS EM DOIS ROMANCES

Retomando o objetivo inicial deste trabalho, no primeiro capítulo, fez-se uma breve apresentação da questão histórica envolvendo a imigração alemã no Rio Grande do Sul, em especial de famílias oriundas do Hunsrück durante a primeira metade do século XIX. No segundo, enfatizou-se os conceitos de local e de espaço, com o intuito de investigar a constituição de locais e de espaços proporcionada por culturas em movimento. Já no terceiro capítulo, visualizou-se a constituição de uma literatura intercultural, em especial regional.

De agora em diante, o olhar parte especificamente para a análise do *corpus* literário apresentado anteriormente, com o objetivo de verificar como se dá a constituição dos locais e dos espaços em ambos os romances. Para tanto, primeiramente, será feita a identificação dos locais nesses romances de migração, para, em seguida, apresentar os espaços constituídos nas duas obras.

### 4.1 OS LOCAIS E OS ESPAÇOS EM *MENSCHEN IM AUFBRUCH*

A narrativa do romance *Menschen im Aufbruch* é linear, o que facilita a identificação dos locais, uma vez que os cinco locais propostos também preveem uma sequência cronológica. Já a identificação dos espaços não depende de a narrativa ser linear ou não. A sequência cronológica dos fatos pode auxiliar na identificação e na organização dos elementos que compõem os diferentes espaços, porém ela não é empecilho ou critério para a análise. Organizada em duas partes, a análise da obra *Menschen im Aufbruch* pretende identificar os elementos importantes para a constituição dos locais (item 4.1.1) e dos espaços (item 4.1.2) no romance.

#### 4.1.1 Locais

O *primeiro local* em um romance de migração é “a decisão”. Essa decisão é difícil de ser tomada e como se pode perceber, no romance *Menschen im Aufbruch*, ela envolve diferentes etapas, diferentes momentos e diferentes pessoas. Desde que Hannespeter viu os

recrutadores da emigração no mercado de Kastellaun, não saiu mais de sua cabeça a possibilidade de emigrar, devido à pobreza e à miséria que não tinham fim, apesar de ele e sua esposa Regina trabalharem muito.

Como a decisão de emigrar é muito séria e importante, antes de decidir, Hannespeter conversa com Regina para decidirem juntos:

Muitas questões não esclarecidas e, como lhe parecia, que não poderiam ser esclarecidas, lhe surgiam e a deixavam em dúvida, se também ela e as crianças seriam capazes de realizar isso que Hannespeter planejava. Se todos os riscos, perigos e principalmente os custos da viagem fossem avaliados, o plano era impossível de se tornar realidade. (p. 50).<sup>28</sup>

A tomada de decisão também envolvia os pais de Regina, uma vez que os pais de Hannespeter eram falecidos e o casal precisava de dinheiro para as despesas da emigração: “Depois que os pais perceberam que ambos julgavam a questão com seriedade e que não havia maneira de mudar sua decisão, aceitaram a situação e se tornaram mais acessíveis.” (p. 52).

Por fim, os demais membros da família precisavam ser consultados: os filhos. O narrador indica que não foi fácil convencê-los já que, “apesar de todo o belo enfeite dos pais e de todas as tentativas para convencer as crianças, elas, por enquanto, continuavam desconfiadas e contrárias ao que os pais lhes contaram naquela tarde.” (p. 55). Hannespeter e Regina tinham a esperança de que, até o dia da viagem, as crianças se acostuariam à situação.

Depois que todos os membros da família haviam decidido emigrar, chega o momento de assinar o contrato com os responsáveis pela emigração. Dessa forma, a decisão estava oficialmente tomada: “depois que os agenciadores, ansiosamente aguardados pelos futuros emigrantes, finalmente apareceram no mercado de Kastellaun, Hannespeter pegou rapidamente o documento e assinou [...] seu contrato vigente.” (p. 57).

Esse local traz consigo um sentimento de que não há volta. Diferentemente do que ocorre na proposta da literatura de viagem, parte-se, na literatura de migração, do princípio de que haverá uma ruptura, que a decisão de partir não pressupõe volta. A decisão foi tomada para o próprio bem da família, uma vez que as condições na aldeia em que moravam eram muito ruins. Essa tomada de consciência proporcionada pela decisão dá coragem ao viajante para enfrentar todas as dificuldades que virão pela frente.

---

<sup>28</sup> WEBER, Hans (Uhlendorf). *Menschen im Aufbruch*. Simmern: Böhmer Druckerei GmbH, 1998. Deste ponto em diante, todas as citações marcadas apenas com o número da página referem-se ao romance em questão. Apesar de existir uma tradução para o romance *Menschen im Aufbruch*, optou-se por traduzir as citações diretamente do original alemão. No entanto, a referência da tradução constará na bibliografia.

Após “a decisão”, temos agora sim “a despedida”, o *segundo local*. A despedida, assim como a decisão, é formada por diferentes momentos e, no romance, inicia com a venda de objetos e móveis que não poderão ser levados na viagem. Portanto, nos dias seguintes, a família “deveria se desfazer de todas as coisas da casa e vender tudo que não poderia levar junto.” (p. 58). As crianças se despediram também de seus amigos, presenteando-os com os brinquedos que não poderiam levar.

Como mais famílias da comunidade iriam emigrar,

no último domingo antes da partida, a pequena igreja da aldeia ficou lotada praticamente até o último acento. Todos queriam estar presentes enquanto algumas pessoas de seu meio eram mais uma vez abençoadas pelo velho pastor [...]: algumas pessoas que, devido à pobreza e à miséria, decidiram partir de sua aldeia e procurariam sua sorte em outro lugar. (p. 62).

Muitas pessoas ainda ficaram no pátio da igreja depois da cerimônia religiosa, para se despedir, aflitas e tristes, dos seus conterrâneos e deixá-los para sempre.

A última despedida dos emigrantes ocorre já no convés do porto de Bremerhaven, quando o navio inicia sua viagem: “Enquanto o navio saía do porto, a maioria dos homens e algumas mulheres dirigiram-se para o convés. Entre os curiosos, estava também Hannespeter com seus filhos Fritz e Peter, olhando pela última vez para a antiga pátria, despedindo-se dela com acenos.” (p. 85). Essa é a única menção, no romance, a uma despedida da família Teis de sua antiga pátria.

A despedida dos objetos pessoais, da casa, dos parentes, dos amigos e, por fim, da pátria, faz com que os emigrantes reflitam sobre a decisão tomada e faz com que pensem e imaginem como será tanto a viagem quanto o novo mundo que os aguarda. A despedida em um romance de migração é mais intensa do que a despedida na literatura de viagem, pois, como apresentado anteriormente, ela envolve mais de um elemento, fazendo com que esse local seja, na verdade, um processo.

O segundo e o terceiro locais se tocam e se cruzam de certa forma, já que a última despedida ocorre com a viagem já iniciada. O *terceiro local*, “a viagem”, compreende a saída de casa na aldeia do Hunsrück até a chegada à Colônia de São Leopoldo, pois é durante essa viagem que percebemos o contraste entre a vida que a família levava no Hunsrück e as vivências da viagem, principalmente o sentimento de transpor limites geográficos, reforçando, novamente, que a viagem não teria volta.

A paisagem e a geografia das regiões por onde passam impressionam os emigrantes e, constantemente, é feita referência aos limites que as famílias estão ultrapassando. Já na partida, podemos perceber como seria a viagem para eles:

Durante a recém-iniciada viagem e as primeiras etapas até o Reno através das serras do Hunsrück, de aldeias, florestas e campos, os emigrantes se depararam com coisas nunca vistas antes. Das carroças, a maioria das pessoas, amedrontada e insegura, viu pela primeira vez os morros do rio Reno atrás do vilarejo de Wiebelsheim. Muitos deles, nunca tinham ido mais além que o mercado de Kastellaun, ou, no máximo, uma vez até a cidade de Simmern. (p. 64).

Durante o embarque no navio, percebe-se um misto de tristeza e alegria entre os emigrantes, já que estavam deixando sua pátria, iniciando uma prometida e suposta vida melhor, mas ingressando em uma viagem considerada perigosa:

Apenas após o carregamento das bagagens, os passageiros podiam subir no navio através de um pranchão. Alguns consideravam interessante poder embarcar em um navio tão bonito – para eles. Para outros, ao mesmo tempo, esse era um momento triste que significava deixar definitivamente a pátria. Já outros tinham grande medo de deixar a terra firme para trás e subir a bordo de um navio que balançava. (p. 67).

Já em alto mar, como era temido por muitos, o navio foi atingido por uma tempestade, trazendo pânico a todos os passageiros:

O pavor, advindo da forte tempestade, ainda estava estampado na face de todos. Regina, pela primeira vez quase desencorajada, virada para Hannespeter e segurando contra si seus filhos molhados até os ossos pensa que, com certeza, teria sido melhor se tivessem ficado em casa, apesar da pobreza e das dificuldades, sem passar pelo pavor e pelo medo de morrer que acabaram de vivenciar no mar. (p. 93).

A bordo, pouco era falado sobre a nova terra. As mulheres preferiam se ocupar com trabalhos manuais, os jovens com a pesca e os homens com jogos de baralho e velhas histórias para aliviar a vida. Entretanto, não tinham como deixar de pensar sobre o Brasil:

Pensamentos sobre esta enorme, desconhecida e longínqua terra, com todas as suas oportunidades e tentações, faziam com que seus corações batessem mais forte [...]. Mas também outros pensamentos sobre os perigos nessa terra misteriosa e ainda inexplorada não podiam ser esquecidos. Porém, acima de tudo, prevalecia a esperança de um futuro melhor. Encontrar e conquistar um novo lugar para viver e, com isso, talvez um dia, diminuir ou até mesmo superar as dificuldades, a grande miséria e a pobreza com muito esforço e coragem, fazia com que suportassem tudo. (p. 91)

No Rio de Janeiro, no período que antecede a chegada à Colônia de São Leopoldo, os imigrantes têm suas primeiras impressões sobre o local e fazem suposições do que os espera na colônia. Nem sempre, essas suposições são positivas:

Ainda havia ficado muito incerto, o que os aguardava e o que viria ao encontro deles. Para qual selva seriam finalmente mandados, naturalmente ninguém ainda sabia. Se todos iriam superar e vencer as provas que enfrentariam nos próximos tempos, ainda era incerto e os preocupava. Porém, todos os pensamentos e reflexões sobre o que viria a acontecer era na verdade desnecessário, pois, de qualquer forma, um retorno não era mais possível para eles. Eles precisavam agora seguir seu caminho com o olhar voltado para frente. (p. 99).

Neste romance, especificamente, encontramos três momentos que formam o *quarto local*, “a chegada”. O primeiro momento é a chegada ao Rio de Janeiro, o primeiro contato com o Brasil. A beleza e o clima do Rio de Janeiro encantaram a todos e, recebidos por um oficial que os saudou em nome do Imperador Dom Pedro I, foram encaminhados para boas instalações para passarem os dias, enquanto esperavam o transporte para Porto Alegre.

Posteriormente, ocorre o segundo momento: a chegada a Porto Alegre. Diferente do Rio de Janeiro, em Porto Alegre, muitas pessoas estavam no porto acenando para recebê-los. Eram, em sua grande maioria, colonos alemães que haviam chegado alguns anos antes. Eles queriam saber se vinham novas pessoas de sua terra natal e esperavam encontrar algum amigo, parente ou conhecido entre as famílias. Para os imigrantes, era muito bom serem recebidos em sua língua.

Logo em seguida, em carroças, os colonos seguiram viagem para a Colônia de São Leopoldo. São Leopoldo marca a terceira e última chegada. Finalmente, os imigrantes chegaram ao seu destino. Diferente das outras duas chegadas, essa não foi tão calorosa e acolhedora, pois os imigrantes foram levados “até as últimas picadas<sup>29</sup> à beira da selva.” (p. 103). Lá, os imigrantes recém-chegados foram alojados junto aos imigrantes que estavam a mais tempo na colônia. Para hospedar os novos colonos durante as primeiras semanas, “foram colocados à disposição ranchos ou picadas abandonadas pelos primeiros moradores.” (p. 103).

Na chegada à colônia, os imigrantes puderam comprovar o que, durante a viagem, previram: uma terra isolada em meio à floresta, onde cada família ficava a cerca de uma hora de distância uma da outra, muito trabalho e um começo difícil. Logo na chegada, é feita a comparação entre a moradia na antiga aldeia do Hunsrück e a nova moradia na colônia: “A opinião unânime das crianças era naturalmente que esta ‘estranha’ cabana aqui na floresta não era de longe tão bonita quanto sua acolhedora casa de pastores no Hunsrück.” (p. 105).

Por fim, chegamos ao *quinto local* do romance de migração: “o novo começo”. Esse local indica uma nova chance para recomeçar, um novo ciclo de vida. Esse novo começo não indica, necessariamente, um final feliz, mas encerra a viagem e a narrativa.

A partir da chegada, todos os momentos vividos pelos imigrantes passam a ser “o novo começo”. O recebimento da terra: “O novo terreno atribuído aos proprietários Teis e Gewehr, duas áreas ligadas e de tamanhos iguais.” (p. 122); a construção da nova casa: “Já na manhã seguinte, todos os homens deviam se preparar para a construção conjunta das picadas e dos ranchos nas áreas demarcadas.” (p. 123); o plantio e a colheita: “Depois da primeira

---

<sup>29</sup> O narrador utiliza o termo picada [*Pikade*] como referência à casa e não ao caminho ou à propriedade de terras [*Schneise*] como é utilizado por historiadores (CUNHA, 2004; DREHER, 2014).

semeadura na nova pátria, com certeza, nas próximas semanas, iria brotar e florescer em diferentes lugares ao redor das construções.” (p. 142). Tudo isso indica a concretização do desejo das famílias de prosperar. Futuramente, o crescimento e a possibilidade de ter um negócio próprio e as filhas casadas também indicam que a família Teis teve um novo começo bom.

Entretanto, do novo começo não fazem parte apenas acontecimentos bons. Tanto as perdas patrimoniais sofridas pelos ataques dos índios quanto a perda dos dois filhos também fazem parte dele. O ataque dos índios é apresentado pelo narrador como ocorrido na noite de 25 de dezembro de 1828:

No seu ataque [dos índios] na fatídica noite de Natal de 1828, foram incendiadas mais propriedades de colonos de origem alemã e, entre os moradores, muitos foram mortos ou raptados. [...] Nisto, foi atingida também a família Ulrich, que residia no limite da colônia com a floresta: os membros da família foram ou mortos ou raptados. Na propriedade vizinha, dos Teis e Gewehr, apesar da destruição das construções, por sorte, nenhuma pessoa foi atingida. (p. 147-148).

A perda posterior dos filhos também causou grande dor à família Teis. O filho mais velho, Peter, foi morto lutando pela tropa do governo durante a Guerra dos Farrapos: “Apesar do espírito de luta e coragem, esse foi, para ele – ainda no início da guerra – o seu último combate: atingido por uma bala inimiga, ele perdeu sua jovem vida no ataque.” (p. 162). Já o filho mais novo, Fritz, morreu por picada de cobra, um dos animais temidos pelos imigrantes:

[...] alguns anos depois, seu irmão Fritz também teve um destino ruim: diferente de seu irmão, ele não foi abatido na guerra e em campo aberto contra seus inimigos, porém, como agricultor pacífico tomando conta de seu gado. Durante sua atividade, ele infelizmente pisou sobre uma cobra venenosa escondida na pastagem, cujo bote significou o repentino fim de uma vida de esperança e de aventuras como colonizador. (p. 168).

Por fim, desse novo começo, também faz parte a saudade, pois era impossível para os imigrantes esquecerem a antiga casa, os familiares que ficaram e o Hunsrück: “Porém, apesar de toda a satisfação com o que alcançaram, nesses momentos de ócio, o pensamento se voltava frequentemente para a antiga pátria, para a casa de pastores, para o vilarejo, para os pais e conhecidos, para a perdida pátria do Hunsrück.” (p. 141).

### 4.1.2 Espaços

Os elementos importantes para a constituição dos espaços na obra não serão apresentados de forma cronológica ou de acordo com a ordem que aparecem na narrativa. Eles serão organizados em três grupos: (1) Alemanha e Brasil – aspectos que fazem uma descrição tanto geográfica quanto social de ambos os países; (2) Práticas sociais – elementos que retratam os papéis sociais e a interação entre os indivíduos; (3) Indivíduos – informações que caracterizem os personagens da narrativa.

#### 4.1.2.1 Alemanha e Brasil

Já no início do romance, o narrador deixa transparecer como as condições climáticas na Alemanha são ruins. Apesar de ainda ser novembro, percebe-se que o inverno será novamente rigoroso, principalmente para as famílias camponesas do Hunsrück, que, devido à altitude, sofre com os fortes ventos. Isso se reflete diretamente na falta de perspectiva da população da região já que “assim, a dúvida e a falta de esperança continuam sempre companheiras das pessoas do Hunsrück.” (p. 23).

Na obra, são destacados também os constantes conflitos existentes na região, como a mudança de domínio francês para prussiano no ano de 1816, fazendo com que, “de certa forma, a situação se tornasse um pouco mais fácil para a população do Hunsrück.” (p. 24). Porém, mesmo assim, o “Hunsrück continuava ainda uma região pobre e miserável.” (p. 24).

A região é conhecida por suas florestas, que são vistas como “a grande riqueza das comunidades do Hunsrück.” (p. 40). Contudo, essa grande riqueza não fazia com que a situação das pobres famílias melhorasse. A autorização por parte do governo local para a derrubada de parte da floresta, que serviria para área de plantio animou as pessoas. Essa área seria, com certeza, “uma benção para todos da terra, um pedaço de pão a mais para cada um e um pedacinho a mais de espaço para viver no futuro, na constante luta contra a fome, a pobreza e a desgraça.” (p. 41).

Em maio, as condições climáticas se apresentam mais favoráveis, e os camponeses podem voltar a realizar o seu trabalho, como é o caso de Hannespeter, que novamente pode conduzir seu rebanho de porcos todos os dias através dos campos, pelos vales e pelas

florestas. Apesar do trabalho pesado e da grande dedicação, Hannespeter não via possibilidade de melhora e de garantia do sustento da família.

Próximo do Hunsrück, a região às margens do rio Reno se mostrava um pouco melhor, ao menos em relação às belezas naturais, em especial as montanhas às margens do Reno. Elas eram cobertas por extensos parreirais de uva que servia para a produção de vinho. Diferentes das casas no Hunsrück, as casas no vale do Reno eram ricamente enfeitadas, além de um burgo que era possível de ser avistado bem ao alto de uma das montanhas. Todo o cenário formava, segundo o narrador, uma “estrada romântica” (p. 64).

Mais adiante, a cidade de Köln também destoava da paisagem conhecida pelos moradores do Hunsrück, sobretudo a suntuosa catedral. Apesar de toda essa impressão que tiveram de outros locais próximos, os imigrantes, mesmo estando distantes, “nunca iriam esquecer ou banir de seus corações a sua pátria. Assim, no distante Brasil, o Hunsrück e sua aldeia natal seriam para sempre sua pátria de origem.” (p. 69).

A cada cidade que avançavam, os emigrantes sentiam que estavam cada vez mais distantes de sua pátria. A cada cidade e vilarejo que o grupo deixava para trás, todos percebiam que “nunca mais veriam a bela terra alemã [*schönes deutsches Land*].” (p. 72). Já a bordo do navio, muitos aproveitaram o momento para olhar pela última vez sua pátria. A partir desse momento, o narrador passa a denominar a pátria como *alte Heimat*, ou seja, antiga pátria: “Entre os curiosos, estava também Hannespeter com seus filhos Fritz e Peter, olhando pela última vez a **antiga pátria**<sup>30</sup>, despedindo-se dela com acenos.” (p. 85).

Surgido durante a viagem, acompanhado de certa forma de um arrependimento de não ter ficado em casa no pequeno vilarejo do Hunsrück, o sentimento de saudade da antiga pátria começa a crescer quando os imigrantes estão já no Brasil. Esse sentimento surge principalmente a partir do momento em que já estão instalados na Colônia de São Leopoldo e precisam enfrentar todo o trabalho de tornar o espaço a eles destinado habitável. Enquanto as crianças dormiam, Regina, Hannespeter e o amigo Friedrich Gewehr “conversam por um longo tempo sobre diferentes assuntos, entre eles a saudade que sentem de casa [*Heimweh*] e sobre a perda da antiga pátria que amavam sobre tudo.” (p. 107).

Mesmo depois de melhor instalados, “o pensamento se voltava frequentemente para a antiga pátria, a casa de pastores, o vilarejo, os pais e conhecidos, a pátria perdida, o Hunsrück.” (p. 141). Regina, a matriarca da família, foi acompanhada até seu leito de morte, aos 77 anos, pelo sentimento de saudade de sua antiga pátria “que nunca silenciou.” (p. 168).

---

<sup>30</sup> Grifo nosso.

Hannespeter obteve as primeiras informações sobre o Brasil de forma ocasional, enquanto vendia seus produtos no mercado de Kastellaun: “Depois de um rufar de tambores, o qual ninguém poderia e deveria deixar de ouvir, são anunciadas verdadeiras maravilhas sobre uma terra distante e desconhecida no além-mar; uma terra, na qual se podia viver bem, na qual era sempre quente e onde os mais belos e doces frutos cresciam selvagens nas árvores.” (p. 42). Na situação de pobreza e dificuldade em que se encontrava Hannespeter, o anúncio feito pelos estrangeiros parecia uma verdadeira profecia e, desde então, essas informações ficaram em seus pensamentos.

Durante uma conversa com um amigo seu, Jakob Adrat, Hannespeter descobre que aqueles estrangeiros eram recrutadores do governo brasileiro, enviados pelo Imperador Dom Pedro, os quais queriam, “em nome de seu Imperador, recrutar imigrantes para seu enorme, mas ainda subdesenvolvido país ‘Brasilia’.” (p. 45). As pessoas que estavam presentes, ouvindo o anúncio dos representantes do governo brasileiro, não estavam prestando atenção apenas por simples passatempo, mas sim por “sério interesse na emigração para o ‘prometido país Brasil’.” (p. 45).

Entre os alemães, também se espalharam logo informações de que no Brasil também existiam perigos como “sérias doenças, ameaça de animais selvagens e cobras, índios selvagens, entre outros.” (p. 48). Mas, para muitos, as impressões positivas foram mais fortes e no pensamento restava ainda que, “em um país, o qual fosse sempre bonito e quente, seria sempre melhor do que no Hunsrück, onde, no inverno, era muito frio e desconfortável.” (p. 53).

Já em alto mar, durante uma tempestade, o narrador apresenta a vontade de Regina de ter ficado na aldeia no Hunsrück, apesar da pobreza e das necessidades que passavam, frente ao pavor que acabara de vivenciar. Em seguida, ela escreve em seu diário a vivência do dia anterior e sua angústia perante o que ainda estava por vir: “31 de maio de 1827. Ontem, estourou um verdadeiro inferno de água e fogo, vindo do céu sobre nós. Dessa vez, nosso misericordioso Deus esteve novamente ao nosso lado, ajudando a todos a sair vivos. Só Ele sabe, o que tudo ainda nos espera.” (p. 93). Como última frase de sua anotação, Regina escreve: “Deus queira que nossa força seja suficiente até o fim dessa aventura.” (p. 93).

Já em terras brasileiras, os novos colonos são recebidos muito bem no Rio de Janeiro em nome do Imperador Dom Pedro I em sua futura nova pátria. Em Porto Alegre, a recepção também é muito calorosa, feita por muitos colonos alemães vindos anteriormente. Na Colônia de São Leopoldo, ao contrário, a recepção não é tão boa quanto as anteriores, já que ela estava localizada “em uma área de selva quase inacessível.” (p. 100).

Logo os imigrantes alemães percebem que, “nessa área de mata fechada, tudo parecia muito diferente do que se conhecia até agora.” (p. 109). A nova pátria se tratava, na verdade, de “um novo mundo com leis próprias.” (p. 109). A partir de então, os colonos precisavam conhecer os novos animais e as novas plantas que poderiam ser cultivadas na colônia. Imediatamente perceberam que, entretanto, o cultivo da terra “seria diferente e muito mais fácil, do que seria na antiga pátria do outro lado, no solo pobre e árido do Hunsrück.” (p. 117). Inclusive Regina poderia, em breve, cultivar o seu jardim com flores coloridas e sua horta com uma grande diversidade de verduras e legumes.

Um dia, já em suas propriedades demarcadas, Hannespeter, seus dois filhos e o amigo Friedrich Gewehr exploram toda a extensão da propriedade com o objetivo de melhor conhecê-la para traçar futuros planos de cultivo. Logo perceberam que, quanto mais seguiam em direção ao litoral, menos densa a floresta ficava. “Apesar da constatação de que a mata passara a ser melhor transitável, o caminho não era por isso menos perigoso” (p. 127), sendo que precisavam seguir sempre com muita atenção para que nenhum perigo os encontrasse.

Durante a exploração, descobriram diversos tipos de animais, especialmente insetos, e uma grande variedade de plantas, o que foi importante, pois era preciso conhecer as árvores que tinham à disposição para fazer a melhor escolha no momento de construir a casa, o galpão e os móveis, por exemplo. Com o passar dos dias, essas primeiras experiências vividas na colônia passaram a ser algo corriqueiro e a fazer parte do dia a dia dos imigrantes.

Em pouco tempo, os colonos alemães perceberam que esse pequeno pedaço de terra era muito mais do que teriam conquistado por gerações na antiga pátria, o Hunsrück. Essa propriedade na floresta permitiria que um novo espaço de vida fosse criado para pessoas que para cá vieram com o objetivo de “construir para si uma nova pátria e ficar aqui para sempre.” (p. 141). Apesar das dificuldades iniciais, nos anos seguintes, a existência dos colonos foi se fixando, fazendo com “que sua vida fosse aos poucos tomando um caminho normal novamente” (p. 159), de maneira que a situação precária que encontraram na colônia no início não era mais assunto principal nas conversas e nos pensamentos.

A Colônia de São Leopoldo viveu um período seguinte de grande prosperidade. “A colônia modelo conduzida sobretudo pelos imigrantes alemães se desenvolvia comercial e economicamente de forma relativamente rápida como um centro significativo no estado.” (p. 163). Da mesma forma, a família Teis, junto com o amigo Friedrich Gewehr, tem um bom desenvolvimento e constrói uma serraria. O desenvolvimento do empreendimento fez com que deixassem para trás “o período de pobreza e de existência primitiva na mata” (p. 167), passando a viver em um período “já um pouco mais europeu e mais bonito.” (p. 171).

De qualquer forma, o que os imigrantes alemães encontraram aqui no Brasil, apesar do rápido desenvolvimento, era diferente do que haviam ouvido nas propagandas ainda na Alemanha.

Tudo isso era, com certeza, diferente do que lhes fora contado pelos recrutadores no mercado de Kastellaun com cores vivas, palavras ricas e encorpadas. Eles tinham ouvido ditos e promessas, a fala era sobre um paraíso que os esperava, no qual as frutas doces cresciam direto na boca das pessoas, sem precisar fazer nada para isso. [...] Essa profecia nunca se tornou realidade para muitos colonos. No geral, das supostas árvores frutíferas anunciadas, existiam poucas aqui na colônia. Tudo precisou ser primeiramente plantado e cultivado de forma árdua. (p. 173-174).

Para os colonos das primeiras gerações, se tornara realidade o antigo ditado que indica que, à primeira geração é destinada a morte, à segunda geração é destinada a necessidade e apenas à terceira geração é destinado o pão [*“den ersten den Tod – den zweiten die Not – den dritten erst Brot!”*] (p. 174).

#### 4.1.2.2 Práticas Sociais

No romance *Menschen im Aufbruch*, são narradas diversas cenas que apresentam a interação entre os personagens e suas ações. Entre elas, as cenas que aparecem com mais frequência são os momentos de trabalho, uma das principais ocupações dos personagens. De acordo com o local em que são realizados, os trabalhos se diferenciam entre artesanal – na aldeia no Hunsrück – e agrícola – na Colônia de São Leopoldo.

Já nos primeiros parágrafos, o narrador apresenta Hannespeter perdido em pensamentos sobre seu trabalho como pastor de animais [*Dorfhirte*], em especial de porcos [*Schweinehirte*]. Hannespeter estava preocupado, pois, como o inverno estava se aproximando, ele teve que devolver os animais aos donos, mas dois porcos haviam se perdido nos campos. Assim, ele seria responsável por eles e precisava procurá-los, “caso ele não os encontrasse novamente, teria que providenciar o ressarcimento.” (p. 15).

A esposa de Hannespeter, Regina, era responsável pelo trabalho de casa. “Ela tinha uma aparência alegre e sempre amigável e raramente perdia a coragem e o bom humor, apesar do muito trabalho e da pobreza.” (p. 15). Além disso, ela também era responsável, junto com as filhas, por “fiar, tecer e tricotar: da lã, que era tosquiada de suas quatro ovelhas, Regina e as meninas, as quais foram desde cedo bem ensinadas, produziam quase tudo que a família precisava para vestir.” (p. 24). Também o trabalho ao redor de casa era realizado por ela,

ela arrancava ervas daninhas, semeava e plantava. Com aplicação, tudo possível era levado por ela à terra: sementes de verduras, tubérculos, entre outros, tudo coisas que ela necessitaria durante o tempo de inverno para sua grande família; mas também flores e folhagens, as quais, no inverno, ficavam protegidas no porão, teriam novamente lugar no jardim. (p. 43).

Na aldeia no Hunsrück, eram diversos os artesãos que desempenhavam uma função. Entre eles, surgem no romance o sapateiro Hanarem, o ferreiro Hannikel, um moleiro sem nome indicado e o próprio Hannespeter como fazedor de cestos, sua única fonte de renda durante o inverno rigoroso. De varas de vime e de avelã, Hannespeter produzia cestos de diversos tamanhos, inclusive o “*Stangenkeetz*” uma espécie de cesto para ser colocado nas costas e carregado com uma grande quantidade de produtos, o qual era muito comum na região do Hunsrück e, posteriormente, muito o ajudou na Colônia de São Leopoldo.

Esporadicamente, surgiam trabalhos temporários, como foi o caso do trabalho como lenhador. Durante o inverno, com a autorização do prefeito local, uma área de floresta pôde ser derrubada para o terreno servir de plantação. Para isso, a comunidade pagaria alguns trabalhadores para realizar o serviço de derrubada e de preparação da terra. “Aqui surgia também uma chance para Hannespeter: eventualmente, ele poderia trabalhar por todo o inverno, talvez por toda a próxima primavera, até iniciar a próxima temporada de cuidado dos animais, e ganhar algum dinheiro extra como lenhador.” (p. 40).

No Brasil, algumas dessas profissões precisaram ser adaptadas, outras foram deixadas de lado para dedicação total à agricultura. Como o inverno na colônia não era tão rigoroso como o inverno do Hunsrück, os imigrantes poderiam continuar trabalhando na terra e com os animais.

No início da colonização, enquanto esperava suas terras serem medidas, Hannespeter se voltou novamente ao seu antigo trabalho de fazedor de cestos. Para isso, ele precisaria conhecer o material que tinha à disposição e adaptar a técnica de trabalho. “Ele queria aproveitar o longo tempo de espera para tentar uma nova maneira de fazer cestos” (p. 118), para isso, “ele queria tentar com um material totalmente diferente aqui do mato. Em vez de varas como em casa, ele queria tentar com plantas trepadeiras que cresciam por todos os lados.” (p. 118).

O trabalho de Friedrich Gewehr foi muito útil na construção das casas e dos móveis na colônia, já que, na Alemanha, ele havia aprendido a profissão de carpinteiro. Durante a construção, “todos foram orientados por ele no trabalho [...]. Tudo foi construído tão forte e maciço, que eventuais futuros intrusos teriam dificuldade em entrar [nas casas] devido à estrutura sólida.” (p. 124).

Com a ajuda de Hannespeter, Friedrich Gewehr construiu móveis para tornar a casa “melhor e mais habitável [...] começando com camas cômodas e confortáveis [...]. Elas eram quase tão confortáveis e boas, quanto as camas de casa.” (p. 124). Outra tarefa que Friedrich Gewehr tomou para si foi a construção de um banco. “Ele queria construir um banco de descanso confortável em um local de sombra em frente à picada, um banco de descanso como eles tinham na pequena aldeia no Hunsrück praticamente em frente a todas as casas, um banco confortável para descansar e conversar depois do trabalho realizado.” (p. 133).

Assim como no Hunsrück, também no Brasil, Regina era responsável pelas tarefas de casa e do pátio. Para iniciar seu trabalho, ela pede que o marido, ao visitar o mercado em São Leopoldo, traga algumas sementes. Enquanto isso, ela e as meninas iriam preparar a terra para iniciar uma horta. Após algum tempo, “Regina pode aumentar a sua horta provisória para uma bela e grande horta com pomar, onde ela poderia plantar de tudo: verduras, batatas, abóboras e melões, junto ainda de diferentes árvores frutíferas.” (p. 140).

Com o desenvolvimento da colônia e da propriedade e com a fertilidade propiciada pelo solo e pelo clima, “as mulheres [Regina e as três filhas] não deram mais conta sozinhas do trabalho na horta, no pomar e no jardim e precisam de ajudantes.” (p. 173). Assim, para a colheita de frutas e de verduras, todas as mãos disponíveis na propriedade ajudavam no trabalho para que nenhum produto se perdesse e tudo fosse vendido, posteriormente, nos mercados das cidades próximas. “As frutas da Colônia de São Leopoldo que, nas mãos dos laboriosos e hábeis colonos alemães, produziam muito bem, eram muito desejadas nos mercados das cidades.” (p. 173).

Depois de terem suas terras medidas e receberem a definição de qual lote caberia a cada família, todas as famílias de imigrantes passaram a se dedicar com grande afinco ao preparo da terra e ao plantio. Tendo suas propriedades uma ao lado da outra, a família Teis e Friedrich Gewehr, amigos desde que moravam na pequena aldeia no Hunsrück, continuaram com a amizade e com o trabalho conjunto.

O trabalho de desmatamento e de retirada de restos de tronco de árvore teve início. “Primeiramente, eles [Hannespeter e Friedrich] queriam desmatar e roçar um cinturão de cerca de cem passos ao redor das construções, para garantir uma zona de segurança contra futuras queimadas.” (p. 139). A queimada foi a solução encontrada por muitos para a limpeza da terra para o plantio: “Através da queimada de grandes áreas de floresta, queria-se [...] livrar toda essa área de ervas daninhas e limpá-la para posterior cultivo.” (p. 158). A intenção era utilizar essas áreas limpas pela queimada como futuras “áreas de plantação e cultivo, mas também de pastagem.” (p. 153).

Como o trabalho tomava a maior parte do tempo dessas pessoas e, muitas vezes, era um trabalho árduo, ele era realizado, com frequência, em conjunto. As famílias se ajudavam mutuamente, especialmente em momentos de grande dificuldade. Por exemplo, quando ainda moravam no Hunsrück, no inverno, quando os caminhos eram intransponíveis, era necessário retirar a neve das estradas e “todos da aldeia precisavam colaborar.” (p. 35).

Também durante a viagem, as pessoas de um mesmo grupo se ajudavam, principalmente, em momentos de grande confusão, como na chegada a Bremerhaven: “Aqui também um ajudava o outro mutuamente, para que todos ficassem juntos e para que nenhuma criança se perdesse no tumulto.” (p. 74). Mas também em outros momentos da viagem, “os homens estavam ocupados em vigiar tudo, em manter o grupo próximo e cuidar para que nada fosse roubado ou perdido.” (p. 74).

Ao chegar à Colônia de São Leopoldo, os colonos percebem que é importante manter essa ajuda mútua na realização das tarefas, apesar de os lotes de terra ficarem distantes uns dos outros. A construção de uma casa forte e sólida seria impossível para uma família sozinha, “por isso, essa ação comunitária iniciada pelos colonos que estavam aqui há mais tempo era o certo a se fazer: na entrada da nova picada [*Schneise*], no primeiro morador, era iniciada a construção.” (p. 123). O mesmo grupo de trabalhadores formado pelos moradores daquela picada e sob orientação de um dos colonos com melhores conhecimentos de construção passava de propriedade em propriedade até que todos tivessem sua casa construída.

O narrador aponta que esse trabalho conjunto “já era realizado antigamente na longínqua pátria [...]. Porém, aqui, talvez, eles trabalhavam com mais zelo e alegria, porque, pela primeira vez, isso era propriedade deles, na qual eles agora poderiam trabalhar.” (p. 134). Apesar do desenvolvimento positivo da colônia, o trabalho coletivo precisava ser mantido para se sustentar. Assim como os homens, já que tanto o pai quanto os filhos, trabalhavam na pastagem e na plantação, “as mulheres e as meninas trabalhavam na casa, no pátio e no jardim.” (p. 154).

Mesmo com toda a dificuldade enfrentada por esses colonos alemães, as famílias mais necessitadas encontravam auxílio nas outras famílias. Ao chegar na colônia, a família Teis e o amigo Friedrich Gewehr quase não tinham com o que se alimentar, mas receberam a ajuda de um dos primeiros imigrantes da colônia. “Muito impressionado pela bondade do homem e muito agradecido, Friedrich deixa a propriedade de Karl Lenz com o meio saco de milho nos ombros.” (p. 115).

Em outros momentos difíceis, como durante os ataques dos índios, a solidariedade das famílias estava presente. “Uma pequena luz para elas [as famílias] era a pronta e espontânea ajuda e assistência dos vizinhos, os quais não os deixaram sozinhos nessa hora fatídica.” (p. 149). Os vizinhos foram responsáveis por consolar e acolher amavelmente os sobreviventes dos ataques, encorajando-os a seguir em frente, e por auxiliar nas buscas aos que foram raptados.

Outro momento de encontro entre os moradores da aldeia no Hunsrück e, posteriormente, entre os moradores da Colônia de São Leopoldo eram as rodas de conversa. Na propriedade de Hannespeter no Hunsrück, durante o período de inverno, enquanto ele trabalhava em um canto de seu estábulo fazendo cestos, os vizinhos e outros conhecidos vinham visitá-lo e por ali passavam o dia. “Sobre cepos de madeira e bancos de ordenha, eles sentavam junto a ele em um círculo, sociáveis e desobrigados, e contavam de tudo. Eram relatadas as novidades do vilarejo e muito mais.” (p. 22).

Esses momentos serviam geralmente para troca de informações sobre acontecimentos, aconselhamento, e também como simples forma de lazer. Outro ponto de encontro para a roda de conversa no Hunsrück era a ferraria do velho Hannikel, onde os camponeses sempre “ficavam sabendo das novidades e podiam trocar informações, igual como no estábulo do Hannespeter, porém, não tão bem sentados sobre confortáveis bancos de ordenha.” (p. 31).

Logo o assunto das rodas de conversa passou a ser o Brasil e a emigração. “Nesses dias, esse era com certeza o tema mais atual e mais discutido em toda a aldeia e em muitos outros vilarejos do Hunsrück.” (p. 47). Foi em uma dessas rodas de conversa que Hannespeter soube da decisão de seu amigo Friedrich Gewehr de emigrar.

Cada um queria saber dele [Friedrich Gewehr], como ele havia chegado a essa rápida decisão, o que foi decisivo para assinar tão rápido o contrato junto aos recrutadores, contrato esse que o obrigava a abandonar sua aldeia, sua pátria, simplesmente tudo que ele tinha até agora e emigrar para um país estrangeiro. (p. 48).

Desde a saída da aldeia até a chegada na Colônia de São Leopoldo, longos foram os momentos de espera. Muitos deles eram ocupados pelas rodas de conversa. Nesses momentos, “desenvolvia-se cada vez mais os primeiros diálogos e contatos com outros, que, até o momento, não eram companheiros de viagem tão próximos.” (p. 66). Era nessas conversas que se conhecia os demais viajantes: a sua origem, informações sobre a família e o motivo de emigrar.

Muitos dos momentos em grupo eram considerados os momentos das “rodas alegres” [*fröhliche Runde*]. “Muito era contado, e, cada vez mais, [...] canções de pátria eram entoadas

com fortes vozes em coro, até que, finalmente, após todas as peripécias e agitações dos últimos dias, caíssem exaustos sobre os colchões, para, na próxima manhã, encarar novas surpresas e preocupações.” (p. 78). Nas rodas de conversa, também eram feitas orações em grupo: “Antes que deixassem cedo o abrigo, todos juntos oraram alto e de coração, pedindo a benção de Deus para uma travessia bem-aventurada e um bom começo no longínquo e desconhecido país.” (p. 82).

Ao chegar em terras brasileiras, mais uma vez, o grupo se sentou em roda durante a noite e, juntos, “cantam músicas conhecidas. Mais uma vez entoam a canção do emigrante do Hunsrück ‘Já chegou o tempo e a hora, nós vamos para a América ...’. Eles oram e agradecem a Deus por Ele tê-los acompanhado e protegido até aqui.” (p. 99).

Depois, na colônia, devido à distância de uma propriedade até a outra, as rodas de conversa não eram realizadas com tanta frequência como até então. Para troca de informações e saber das novidades, muitos colonos aproveitavam a ida ao mercado de São Leopoldo.

A igreja e a escola sempre foram instituições presentes na vida dos alemães na aldeia no Hunsrück e, no Brasil, uma preocupação para os colonos. Na aldeia, era costume cada família ir à igreja no domingo de manhã: “Nem sempre era do agrado das crianças sentar quietos e obedientes na igreja sobre os duros bancos de madeira e ouvir a quase sempre longa e incompreensível prédica.” (p. 34). É também na igreja que ocorre a despedida dos emigrantes de toda a comunidade: “Depois do culto, muitas pessoas ficaram ainda paradas em frente à igreja e se despediam tristes e melancólicas de seus concidadãos, os quais os queriam deixar para sempre.” (p. 62).

No entanto, a igreja foi uma preocupação no início da Colônia de São Leopoldo. Nos anos seguintes, esse problema foi logo resolvido e, em 1854, a região de São Leopoldo já contava com “doze igrejas protestantes e nove igrejas católicas.” (p. 165).

Assim como a igreja, também a escola era motivo de apreensão das famílias. No Hunsrück, as crianças em idade escolar frequentavam a escola do vilarejo [*Dorfschule*] de manhã e, à tarde, se ocupavam com os temas de casa: “As crianças maiores começavam a realizar os trabalhos de aula na lousa [*Schiefertafel*].” (p. 30).

Apesar de já instalados na colônia, os imigrantes alemães não têm à disposição uma escola para seus filhos. Regina tem ainda a esperança de que “seus filhos possam, um dia, frequentar a escola novamente, já que nesse período inicial, longe de qualquer civilização, no meio da selva, eles não tinham nenhuma opção.” (p. 145). Assim, ela mesma pegou para si a função de ensinar aos filhos o que podia, para que “as crianças não perdessem o que tinham de importante: a formação escolar.” (p. 145).

Depois de um tempo, foi criada pela comunidade luterana uma escola privada a cerca de oito milhas de distância da comunidade onde moravam Hannespeter e a família. Porém, “para as crianças maiores da família Teis não existia mais a pergunta para qual escola iriam. [...] Eles já estavam fora da idade escolar obrigatória. [...] Somente a Lisa, como criança mais nova com seus onze anos, tinha ainda a oportunidade de iniciar a escola aqui.” (p. 156), visitando, então, uma escola alemã privada em São Leopoldo.

Até o ano de 1854, além das igrejas citadas anteriormente, na Colônia de São Leopoldo surgiram vinte e quatro escolas de língua alemã, as quais, junto com as igrejas, permitiam que “a vida, a tradição cultural e o ideário alemão fossem mantidos e prevalecessem” (p. 165), o que era o desejo dos imigrantes, pois assim mantinham a ligação identitária com a *alte Heimat*.

#### 4.1.2.3 Indivíduos

No romance, diversos personagens são apresentados com breves descrições. Todos são definidos a partir do olhar do narrador que está próximo dos moradores da aldeia no Hunsrück que, futuramente, emigram para a Colônia de São Leopoldo. Esse narrador apresenta os moradores do Hunsrück, em especial aqueles que optaram por emigrar, como “aplicados e persistentes” (p. 58), “valentes e destemidos” (p. 77), “corajosos” (p. 100), “solidários” (p. 103) e “dedicados e vigorosos” (p. 173). Além disso, as qualidades dos colonos são ressaltadas pelo narrador ao descrever a aparência das propriedades com o passar do tempo: “Nas bem cuidadas propriedades em meio à antiga selva brasileira, se reflete novamente a dedicação e o senso de beleza das pessoas de origem europeia, as quais, do mesmo modo que em sua antiga pátria, sempre se esforçaram para garantir a ordem e a limpeza através de todo o trabalho.” (p. 177).

Apesar de as qualidades dos alemães não se alterarem durante a vida na aldeia no Hunsrück e vida na Colônia de São Leopoldo, ao longo da narrativa, são apresentadas as mudanças na vestimenta. Ela se dá, especialmente, devido às condições climáticas, já que, no Brasil, o inverno não é tão rigoroso. Durante o inverno, era necessário usar no Hunsrück “casacos e coletes quentes, sobre meias grossas e ásperas, até cachecóis, touca e luvas” (p. 24), tudo confeccionado em casa. Já como colonos no Brasil, toda essa roupa quente não era mais necessária. Importante era utilizar “um chapéu de sol grande e com abas largas”. (p.

137). Ao vestir o chapéu citado, Hannespeter e Friedrich Gewehr “aparentavam [...] ser mais parecidos com verdadeiros caçadores e colonos, do que com europeus recém-chegados.” (p. 137).

Com a partida, o narrador descreve a cena, na qual todos os emigrantes oriundos do Hunsrück se encontram no porto de Oberwesel, para então seguirem viagem de navio até Köln:

Quase todos estavam vestindo seu belo traje do Hunsrück [*Hunsrücker Tracht*]. As meninas e as mulheres usavam saias de tartã listrado verde-preto e coletes de tecido coloridos, complementado por um lenço verde escuro ou preto sobre os ombros, e, sobre a cabeça, uma bela e original touca do Hunsrück [*Hunsrücker Spitzenhäubchen*]. Tudo aparentava ser muito festivo e bem cuidado. Os homens, assim também Hannespeter, aparentavam estar muito elegantes em seus casacos pretos acompanhados de chapéus pretos de aba larga. (p. 65).

Diferente dos demais, Friedrich Gewehr optou por vestir para a grande viagem seu traje de carpinteiro [*Zimmermannskluft*], da mesma forma que fazia quando jovem como aprendiz de carpinteiro. Com essa vestimenta, ele ia até diferentes cidades para aprender com mestres carpinteiros a arte desse trabalho. Mas sempre após cada viagem, voltava para sua aldeia natal no Hunsrück, “o que, depois dessa viagem sobre o Oceano por meio mundo, com certeza não seria realizado”. (p. 65).

Pela primeira vez, os colonos alemães tiveram contato com uma grande diversidade de estrangeiros em Bremerhaven. Era uma grande agitação de pessoas que, até então, eles nunca tinham visto ou imaginado: “Pessoas de diferentes raças e idiomas, de diferentes países se espriam aqui, misturados de forma colorida: marinheiros negros, negociantes judeus, comerciantes holandeses, emigrantes alemães e poloneses e muitos outros viajantes.” (p. 73).

Apenas uma pequena parte desses colonos já havia tido, de certa forma, contato com brasileiros. No mercado em Kastellaun, Hannespeter, por exemplo, viu pela primeira vez os homens estrangeiros que “se apresentavam muito bem vestidos, sentados orgulhosos sobre seus cavalos ou em imponentes carruagens” (p. 42) e falavam sobre uma terra distante e maravilhosa, praticamente um paraíso. Posteriormente, ele descobriu que esses homens eram recrutadores brasileiros enviados pelo governo para aliciar colonos para suas terras. Entre muitos moradores do Hunsrück, esses aliciadores não eram vistos com bons olhos, eles eram considerados “caçadores de camponeses [*Bauernfänger*]” (p. 48).

Ao chegarem no Brasil, havia pouco contato entre os colonos alemães e os brasileiros ou qualquer outro grupo de pessoas. Um dos poucos momentos registrados pelo narrador são os ataques indígenas. Era de conhecimento dos imigrantes alemães o perigo que rodeava a

colônia, já que, antes de sua chegada, os índios eram os únicos habitantes daquele território: “Mas também o perigo gerado pelos nativos, que temiam por sua terra e pela caça, não fora menor nos primeiros tempos [da colonização].” (p. 114). O território, onde foram instalados os colonos chegados com a família Teis, era todo propriedade de outras pessoas, “nesse caso era propriedade dos índios que aqui habitavam, do grupo Guarani.” (p. 122). Cada vez mais, esses índios estavam sendo expulsos para mais longe de sua terra. Com isso, os ataques dos índios aos imigrantes eram comuns, como o que ocorreu contra algumas famílias recém-chegadas, por exemplo, contra a família Ulrich:

No seu ataque na fatídica noite de Natal de 1828, foram incendiadas mais propriedades de colonos de origem alemã e, entre os moradores, muitos foram mortos ou raptados. [...] Nisto, foi atingida também a família Ulrich, que residia no limite da colônia com a floresta: os membros da família foram ou mortos ou raptados. Na propriedade vizinha, dos Teis e Gewehr, apesar da destruição das construções, por sorte, nenhuma pessoa foi atingida. (p. 147-148).

Como medidas de proteção, alguns imigrantes haviam adquirido armas, como Friedrich Gewehr (p. 136) ou, em conjunto, construíram novas propriedades próximas umas das outras com o objetivo de se protegerem mutuamente, criando assim uma comunidade [*Gemeinschaftssiedlung*] (p. 152). “Apesar de, por anos, quase não terem mais existido ataques ou investidas por parte dos índios, era importante continuar assegurando a fronteira entre os moradores brancos e os índios.” (p. 176).

Ao longo da narrativa, os negros são apresentados como trabalhadores e ajudantes. Na chegada a Porto Alegre, “um bando de trabalhadores portuários negros” (p. 102) ajudou no transporte das bagagens dos imigrantes do navio até as carroças. Os colonos foram levados até São Leopoldo por um cocheiro negro, o qual os ajudou a descarregar a bagagem que traziam consigo. Na ocasião, a pequena filha da família Teis, Lisa, “temia fortemente [o negro], porque, em casa, ela nunca havia visto uma pessoa negra antes.” (p. 106). Auxiliando no transporte dos colonos das choupanas provisórias até suas propriedades definitivas, ao lado do cocheiro, estavam “dois ajudantes negros” (p. 121) que ajudaram a carregar os pertences dos imigrantes.

Após as propriedades prosperarem, alguns colonos necessitavam da ajuda de trabalhadores negros. Entre eles, Friedrich Gewehr “ocupou dois ajudantes negros [...] desde o início na construção da serraria” (p. 172) e, agora, ainda precisava de mais ajudantes. Foi o mesmo Friedrich Gewehr que se casou com uma mulata: “Quase já como solteirão incorrigível, na longe Porto Alegre [...] decidiu rapidamente se casar com uma bela jovem mulata, com a qual [...] já teve quatro crianças marrom-café.” (p. 166).

Uma das filhas de Hannespeter e Regina, Maria, causou preocupação aos pais ao se casar: “contestadora, ela quebrou a tradição de outras filhas de colonos e fez valer sua vontade casando com um homem de sua escolha, o qual era de outra orientação religiosa: um brasileiro de origem portuguesa e de confissão católica, chamado Manoel Martino.” (p. 169). No início, Maria e o marido tiveram problemas com a família Teis, porém, com a chegada dos netos, tudo se resolveu. Além disso, ao decidir morar com os pais de Maria, o genro Manoel “teve a oportunidade de aprender a ser dedicado e ordeiro, aprendendo muito do sogro [Hannespeter], sobretudo grande parte da comprovada virtude dos alemães do Hunsrück, como dedicação e valentia.” (p. 178).

As relações entre os colonos e o governo, tanto alemão quanto brasileiro, não são abertamente apresentadas pelo narrador. Ainda na Alemanha, percebe-se que o governo local não era muito favorável à emigração de seus cidadãos, conforme o ditado proferido, na época, pelo prefeito Rottmann de Simmern e que circulava na região: “Você quer, Hannes, emigrar para o Brasil, onde cobras e macacos te pegam? [*Willst Du Hannes, noh Brasilje ziehe, wo Deich die Schlange un die Affe krieje?*]” (p. 48). Ao solicitar os documentos necessários para a emigração, os alemães sentiram resistência por parte das repartições públicas, “as quais não viam com bons olhos a emigração de seus súditos.” (p. 61).

A hospedagem providenciada pela companhia de imigração ainda na Alemanha era muito precária. Porém, a hospedagem organizada pelo Império já no Brasil foi do agrado dos imigrantes. Apesar de também desconfortável, “esse pavilhão aparentava ser habitável, mobiliado com mesas e bancos limpos no meio da sala e, nas laterais, camas de madeira de dois andares.” (p. 98).

Entretanto, essa boa recepção não se manteve constante ao longo da colonização. A própria medição das terras, no início, apresentou-se demorada. Logo após a coroação antecipada de Dom Pedro II, em 1831, “a pressão sobre os colonos de origem alemã se tornou mais forte.” (p. 155). Inicialmente, isso se refletiu no idioma. Oficialmente, o governo não queria, “ao lado da língua portuguesa nacional tolerar uma língua complementar nas colônias.” (p. 155). Contudo, “a proibição e as medidas de coerção eram ignoradas e, silenciosamente, eram tolerados [...] as escolas alemãs privadas e o uso do idioma alemão na colônia, em grande parte o dialeto do Hunsrück.” (p. 155).

Muitos imigrantes alemães se mostraram resistentes “frente a outros idiomas e a outras nacionalidades.” (p. 156). Mesmo assim, com o tempo, essa resistência não pode mais ser mantida, uma vez que os imigrantes

não queriam arriscar a ficar eternamente como marginalizados [*Außenseiter*] nesse grande país. Com certeza, esse idioma estranho e difícil de aprender era praticamente uma barreira intransponível para muitos colonos, os quais tiveram que ceder, querendo ou não. Seja no trato com as autoridades ou na negociação em outras áreas, sem o conhecimento da língua nacional, estava-se sempre perdido tanto na fala quanto na escrita. (p. 156).

Mais tarde, após a colônia já ter prosperado, o narrador apresenta ainda alguns momentos de reflexão dos colonos sobre a propaganda realizada pelo governo brasileiro na Alemanha e a situação que eles encontraram ao chegar no Brasil:

Tudo isso era, com certeza, diferente do que fora lhes contado pelos recrutadores no mercado de Kastellaun com cores vivas, palavras ricas e encorpadas. Eles tinham ouvido ditos e promessas, a fala era sobre um paraíso que os esperava, no qual as frutas doces cresciam direto na boca das pessoas, sem precisar fazer nada para isso. [...] Essa profecia nunca se tornou realidade para muitos colonos. (p. 173-174).

Por fim, como forma de reconhecimento, tanto no Brasil quanto na Alemanha, foram dedicados espaços em memória desses alemães. No Hunsrück, “as pessoas que ficaram tinham muito respeito e admiração daquelas pessoas que, apesar de todas as dúvidas e medos, mesmo assim, deram o corajoso passo.” (p. 175). Essa admiração fez com se tentasse fazer, “na pátria, um monumento [...], no qual os novos campos abertos pelas comunidades na época da emigração receberam o nome da terra que recebeu os emigrantes. Assim, existe hoje em Uhler, por exemplo, um distrito com o nome Brasil<sup>31</sup>.” (p. 175).

Na fazenda da família Teis na Colônia de São Leopoldo, “em um belo e silencioso monumento [...], duas lápides com os nomes Regina e Hannespeter gravados relembram sempre e testemunham, mesmo depois de cem anos, quem foi que construiu e criou tudo aqui, nessa nova e verdadeira pátria para os descendentes que se tornara essa maravilhosa terra Brasil.” (p. 180).

#### 4.2. OS LOCAIS E OS ESPAÇOS EM *DAS MÄDCHEN AM RIO PARAÍSO*

Conforme apresentado anteriormente, a narrativa do romance *Das Mädchen am Rio Paraíso* não é linear. Ao mesmo tempo, são narrados dois momentos. O primeiro inicia ainda na Alemanha, na localidade de Ahlweiler, no dia do aniversário de sete anos da personagem Klara, terminando com o acidente por ela sofrido já no Brasil, na Colônia de São Leopoldo. O

---

<sup>31</sup> O distrito foi nomeado com o nome em português “Brasil” e não como seu correspondente em alemão “*Brasilien*”.

segundo momento inicia quando Klara acorda após o acidente, já na casa de Raúl e sob seus cuidados. Ela está com amnésia e, por isso, o leitor acompanha a resolução do caso, que acontece com o desfecho da obra.

Ao organizar as duas narrativas de forma linear, é possível ter uma visão melhor dos fatos, em especial do processo que compreende o movimento realizado pelo grupo de alemães. Com isso, a identificação dos locais fica mais clara. Já em relação aos espaços, o fato de o romance não estar organizado de forma linear não interfere na sua identificação.

#### 4.2.1 Locais

Com frequência, as mulheres da pequena aldeia de Ahlweiler aproveitavam o tempo em que estavam assando pão nos fornos coletivos da comunidade [*Backes*] para conversar e ficar sabendo das últimas novidades do vilarejo. É nesse momento que Klara fica sabendo que um dos jovens da localidade quer emigrar para a América<sup>32</sup>. “‘O Hannes quer emigrar para a América.’ Essa era a grande novidade do dia, contada pela irmã mais nova do herói com um semblante sério.” (p. 77)<sup>33</sup>. Ainda segundo a irmã, Hannes teria conversado com outro jovem no mercado, o qual lhe contou sobre um tio que teria emigrado para a América e enriquecido com a produção de algodão e tabaco.

Impressionada com essa decisão, Klara passa a pensar mais em Hannes, com quem já havia dançado em uma festa e, o qual, inclusive, a teria cortejado. Percebe-se, assim, que Klara começa a pensar também na hipótese de emigrar. Um dia, ao conversar com Hannes, ele lhe conta todos os trâmites burocráticos exigidos para a emigração. Ele precisa providenciar “documentos, certificados, atestados de todos os tipos – e ainda, eu não tenho todo o dinheiro para a passagem” (p. 80), diz ele.

Durante a conversa, Klara entende que Hannes já está praticamente decidido a emigrar e se apresenta preocupada com o fato de ele ir sozinho. “E quem irá cuidar de você na América? Eu penso, sozinho e por conta própria, sem uma mulher que cuide da casa e faça sua comida?” (p. 80). Hannes percebe que Klara estava, de certa forma, se oferecendo para ir junto.

<sup>32</sup> Aqui, “América” se refere aos “Estados Unidos” e não ao continente americano.

<sup>33</sup> VELOSO, Ana. *Das Mädchen am Rio Paraíso*. München: Knaur, 2010. Deste ponto em diante, todas as citações marcadas apenas com o número da página referem-se ao romance em questão. Ainda não existe tradução da obra, por isso, as citações aqui apresentadas são traduções do original alemão realizadas pelo autor.

Toda essa passagem anterior descreve o início do *primeiro local*, “a decisão”. A partir do momento que ficou sabendo da oportunidade de emigrar, Klara ficou interessada no assunto, passando a pensar na hipótese de emigrar acompanhando Hannes. Com isso, Hannes passa inclusive a cortejar novamente Klara. “Hannes passou a me cortejar [...]. Qual menina não iria se apaixonar por um jovem homem, que lhe trouxesse quase todos os dias flores e, no inverno, cestos de nozes e maçãs? O qual a lisonjeasse com os mais belos elogios?” (p. 97).

Poucos dias depois, na praça do vilarejo, chegam alguns homens estranhos, usando uniformes diferentes dos soldados franceses e prussianos. Após o rufar dos tambores, eles iniciam sua fala. Klara, que passava por perto, acompanha o anúncio desses homens. Eles prometiam terras, animais, ferramentas, auxílio financeiro e isenção de impostos a imigrantes no Brasil. Segundo os recrutadores, “o Brasil precisava de artesãos e agricultores para povoar e cultivar a terra que produzia duas vezes no ano.” (p. 103). Além disso, garantiam livre exercício da religião. Tratava-se de uma promessa assegurada pelo Império brasileiro recém-independente de Portugal.

Klara estava fascinada: “Meu coração batia rápido de entusiasmo. Brasil! Eu não fazia ideia onde esse país ficava, quão grande ele era e como era constituído. Mas somente o nome já soava fabuloso, tão exótico que me deixava zozna.” (p. 102). Nessa possibilidade, ela vê “talvez a única solução para todos os nossos problemas!” (p. 105). A jovem se apressa para contar a Hannes tudo, para que ele possa “conversar com esses homens que visitaram a aldeia para se informar sobre os detalhes burocráticos.” (p. 105).

A cada dia, Klara e Hannes souberam mais informações sobre a emigração para o Brasil. Tudo corria da forma que fora apresentada pelos recrutadores. Fora contado a Klara e Hannes que “os primeiros emigrantes haviam recém-chegado na América do Sul [...], a maioria de Hamburg e de Niedersachsen. Também alguns do Hunsrück estavam junto.” (p. 117). Porém, nem tudo era tão positivo nas informações. O jornal regional “*Intelligenzblatt für den Landkreis Simmern*” divulgava os perigos da emigração. Entre eles, estavam as dificuldades na viagem de navio e os possíveis ataques de índios. Klara não encarava isso como grandes obstáculos.

Talvez o mais difícil fosse juntar os documentos necessários e pagar a passagem, “pois o imperador brasileiro não a pagaria.” (p. 118). A viagem consistia em traslado de “Bacharach até Köln, pelo Reno, e, de lá, até a costa, até Hamburg, Amsterdam ou Antwerpen; então, conforme necessário, alguns dias de estadia até serem embarcados no navio.” (p. 118). Todas essas despesas deveriam ser pagas pelo emigrante, apenas a viagem do porto europeu até a colônia seria paga pelo governo brasileiro.

A hipótese de emigrar deixava Klara eufórica. Ela não queria ter o mesmo destino que as outras mulheres de sua família. “Meu horizonte não terminaria no Hollbacher Drachenberg, como minha mãe ou Hildegard.” (p. 118).

Com isso, iniciam-se os preparativos da viagem. Porém, Klara percebe que sua família não levava a sua ideia a sério. Um empecilho encontrado por sua família era o casamento, já que ela e Hannes eram solteiros e de religiões diferentes. Klara era católica e Hannes, evangélico. Mas Hannes tinha outro plano. De acordo com Klara, “ele queria que o capitão do navio transatlântico nos casasse.” (p. 120).

Klara estava apreensiva, pois sabia que se tomasse essa decisão, ela não teria mais volta. “A decisão seria inalterável. Eu nunca mais poderia visitar rapidamente minha sobrinha. Eu nunca mais veria ninguém da minha família novamente.” (p. 120). Apesar de triste, Klara sabia que “apenas quando estivesse no Brasil, poderíamos [Klara e Hannes] formar uma família.” (p. 120). Klara pensava em tudo isso para tomar a decisão.

Hannes passou um tempo sumido e Klara chegou a pensar que ele a havia abandonado. Quando Hannes retorna, ele conta que estava providenciando os documentos e o dinheiro e que já estava decidido a emigrar. A viagem, inclusive, seria dentro de três dias e ele já havia pago para duas pessoas. Faltava ainda Klara se decidir. Ela estava, ao mesmo tempo, feliz e triste. “Nunca na minha vida eu estive com tanto medo.” (p. 128).

Até que, então, Klara também decidiu-se e comunicou à família: “Nós vamos viajar!” (p. 140). Inicialmente, a reação da família foi contrária. Eles não queriam que ela emigrasse. Contudo, durante o jantar, Klara expõe novamente seus motivos.

A decisão está tomada. Se o Hannes vai, eu vou junto com ele. O que me esperaria aqui sem ele? Uma vida como irmã solteira, a qual não tem boa reputação, nem na família nem na aldeia. O pior quarto da casa, trabalho não remunerado, frieira, fome. E ainda a desolada lápide no cemitério – assim como a tia Mechtild tem. (p. 140).

À noite, a família, apesar de triste, aceita sua decisão.

O *segundo local*, “a despedida”, inicia com a organização dos pertences a serem levados. “Para mim foi difícil empacotar” (p. 142), informa Klara. Não podia ser levado “mais que uma caixa por família, no máximo um metro de altura, um de profundidade e dois de largura, a qual não poderia pesar mais de sessenta quilos.” (p. 143). Essa caixa foi preenchida então com as ferramentas de carpinteiro do Hannes e com coisas que eles não achariam na colônia e não poderiam produzir, como roupas de cama e panelas. Eles também poderiam levar uma bagagem que ficaria com eles durante a viagem. Nessa bagagem, colocaram as poucas roupas e alguns objetos de recordação. “Eu empacotei meu livro de

canto e a figura de porcelana que ganhei do Hannes [...]. Minha irmã mais velha, Ursula, [...] me deu um conjunto de pente, espelho de mão de prata e escova [...].” (p. 144).

A iminente viagem de Klara e Hannes era o assunto predominante no vilarejo.

O dia de nossa partida de Ahlweiler foi muito comovente. Todo o vilarejo se reuniu para se despedir de nós ou para, talvez fosse o caso de muitas pessoas ali, terem assunto para conversar. Eu me senti como alguém do circo que é observado, parte como aberração, parte como admiração. Hannes e eu éramos *as*<sup>34</sup> sensações. (p. 144).

O irmão de Klara, Matthias, os levou até Bacharach com a carroça, onde embarcaram no navio até Köln. Como na carroça só cabiam os três e a bagagem, era preciso se despedir de toda a família.

Minhas pessoas estavam todas reunidas. Eles trouxeram o pai em uma cadeira de rodas que eles mesmos construíram. Ele babava e lágrimas caíam sobre sua face. Era impossível dizer se ele entendia o que estava acontecendo ao redor dele e, por isso, estava triste, ou se os seus olhos estavam lacrimejando. Eu o beijei e me virei para os demais. Lá estavam Hildegard, Theo e seus três filhos; meu irmão preferido Lukas com mulher e dois filhos; Johannes com sua noiva; meus três irmãos mais velhos Heinrich, Peter e Erich, assim como suas famílias, com as quais eu não tinha muito contato, porém, eu percebi que sentiria também falta deles. Ainda minha irmã mais velha com marido e cinco filhos – Ursula, que, de repente percebi, não tinha nem trinta anos e já aparentava mais cansada que a velha Agnes, a qual, naturalmente, também veio. Também vieram minhas antigas colegas da escola, alguns admiradores de antigamente, o professor Friedrich, o qual ainda incomodava as crianças, o padre, o regente do coral, o velho Ochsenbrücher e, sem exceção, todos os vizinhos e conhecidos. Do lado do Hannes, pouquíssimas pessoas estavam presentes. (p. 144-145).

Enquanto Klara chorava compulsivamente, Hannes tentava se fazer de forte e se despedia de um por um. Já na carroça, ambos abanavam para as pessoas que ficaram, até que os braços não aguentaram mais, e as pessoas já estavam muito distantes. Para Klara, a despedida foi muito triste: “De longe, a comunidade parecia mais pobre, ainda mais com o tempo chuvoso. Contudo, ela parecia ser uma comunidade firme, da qual eu não queria me separar. O meu coração sangrava.” (p. 145).

A despedida continua ainda durante o caminho até a cidade de Bacharach. Mudos, Klara e Hannes observavam a paisagem que deixariam para sempre, trocando-a por uma nova pátria. Com a carroça, passaram por locais importantes de suas vidas, como o caminho até a escola e o cemitério, onde estava enterrada a mãe de Klara. Chegando em Bacharach, Klara e Hannes passaram a noite no local, para partir no outro dia em direção a Köln. “Amanhã, deixaremos para sempre o Hunsrück.” (p. 148).

---

<sup>34</sup> Grifo da autora.

Com a saída de Ahlweiler, temos o *terceiro local*: “a viagem”. Feita por terra até Bacharach, a viagem continuaria pelo rio Reno até a cidade de Köln, depois até a cidade de Antwerpen, na Bélgica. Porém, essa parte da viagem não é apresentada no romance. A narração continua no momento em que já estão há algumas semanas em alto mar a bordo do navio Victoria. Klara apresenta as precárias condições do navio:

[O navio] cheira deploravelmente mal e, aliado a isso, todos os outros odores: de nossos penicos, os quais não podíamos esvaziar por causa da tempestade; de nossa roupa lavada com água salgada; dos alimentos deteriorados; e, por fim, do mofo que se proliferava, pois tudo era úmido e a ventilação era insuficiente. (p. 158).

Com o tempo, “os passageiros estavam mais magros, com piolhos e sofriam com a sarna e com a diarreia.” (p. 182).

O navio passou por uma forte tormenta, que o fazia balançar muito, sendo o pior momento da viagem para Klara. Além disso, devido às más condições, algumas pessoas faleceram, como o caso de uma criança da família Schlüter e a senhora Hellmann, que já era mais velha. Com isso, Klara mostrava sinais de arrependimento: “Eu já amaldiçoei várias vezes nossa decisão de emigrar para o Brasil.” (p. 159).

Apesar disso, a euforia em cruzar o Atlântico era tão grande, que chegavam a sentir apenas uma pequena ponta de saudade. Ao passar por Lisboa, todos a bordo entenderam que isso “significava se despedir da Europa.” (p. 161).

Durante a viagem, ocorreu ainda o casamento de Hannes e Klara, feito pelo capitão, e foi comemorado o aniversário de Klara. Foi também durante a viagem que Klara descobriu que estava esperando um bebê, o primeiro filho seu e de Hannes. Além disso, no navio, conheceram o casal Christel e Franz Gerhard, do Westerwald, dos quais logo se tornaram amigos.

Além da viagem pelo mar, fazem parte desse *terceiro local* ainda as viagens do Rio de Janeiro até Porto Alegre e de Porto Alegre até a Colônia de São Leopoldo. A viagem entre Rio de Janeiro e Porto Alegre foi tranquila, sem muitos registros. Já o caminho entre Porto Alegre e São Leopoldo, apesar de tranquilo, foi, para os alemães, cheio de surpresas. Eles puderam observar com atenção a grande diversidade da flora e da fauna, em especial a grande diversidade de pássaros. Porém, não esperavam avistar tão rápido indígenas. Ao longo do rio que percorreram, cruzaram com dois índios sentados em uma canoa. “Eles tinham o cabelo cortado em forma de coroa e traziam adornos nos lábios e nas orelhas. Seus olhos eram em formato de amêndoa, seu nariz achatado [...]” (p. 190). Segundo o guia do barco, eram índios da tribo Kaingang.

O *quarto local*, “a chegada”, é formado por diferentes chegadas: no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em São Leopoldo. Ao entrar na baía do Rio de Janeiro, os passageiros estavam impressionados com a paisagem formada pelas praias e pelas montanhas. Tudo era indescritivelmente belo. Os imigrantes também perceberam que as pessoas que os receberam eram diferentes: “eram funcionários públicos com pele cor de azeitona e cabelos pretos – aparentemente portugueses” (p. 185), além dos escravos que ajudaram a desembarcar toda a bagagem, que eram pessoas “com a pele marrom escuro.” (p. 185).

Ao chegar no Rio de Janeiro, uma das primeiras coisas que a maioria das pessoas fez foi lavar suas roupas com água limpa e tomar banho. A viagem para o Rio Grande do Sul não seria ainda naquele momento. Assim, os imigrantes ainda tinham algum tempo para conhecer a cidade. Segundo Klara, “o Rio nos dava um pouco de medo. A cidade era tão grande, tão barulhenta, tão caótica.” (p. 187). Além disso, “estava insuportavelmente quente.” (p. 187). Essa não era a imagem que eles tinham do paraíso. “O susto desse primeiro contato com uma cultura que era estranha para nós, junto com o clima, que não nos agradou, foi grande.” (p. 189).

Em alguns dias, seguiram viagem para o Rio Grande do Sul, que correu tranquila. Chegando na capital da Província, Porto Alegre, os imigrantes ficaram mais aliviados ao perceberem que a cidade, apesar de igualmente imponente, era menor que o Rio de Janeiro. “Mas não pudemos ver muito de Porto Alegre, pois nós fomos transferidos logo para pequenos barcos que nos levaram para São Leopoldo.” (p. 189). A chegada a São Leopoldo não é apresentada na narrativa. Apenas é possível verificar, a partir de uma fala posterior de Klara, que “todos os recém-chegados eram alojados na antiga Feitoria, antes que as terras fossem destinadas a eles, assim também foi conosco.” (p. 303).

O *quinto local*, “o novo começo”, é formado por todos os momentos narrados desde a chegada a São Leopoldo até o fim do romance. É interessante apontar que, esse novo começo tem seu início no dia 1º de janeiro de 1825, o primeiro dia dos imigrantes na colônia, em suas próprias terras. “Essa data carregada de simbologia nos agradou muito – qual outra seria mais apropriada para um novo começo?” (p. 204). Hannes e Klara já estavam na propriedade que a eles fora destinada pela administração e observavam ao redor com grande orgulho de proprietários: “Nossa terra! Nossa pátria! Nosso futuro!” (p. 204).

A ajuda dos primeiros imigrantes chegados meio ano antes deles foi muito importante nesse novo começo. O vizinho Georg Hellrich, um dos pioneiros, forneceu valiosas dicas sobre as plantas e as árvores da região. Outros ajudaram na preparação inicial da terra para o plantio: “Para roçar um pequeno pedaço de nossa terra, os vizinhos e outras pessoas que já

estavam aqui há mais tempo que nós, foram muito prestativos. Da mesma forma, nós também ajudávamos na preparação da terra nas propriedades vizinhas.” (p. 205). Para construir o primeiro abrigo, a ajuda dos demais colonos foi importante, principalmente para erguer a estrutura de quatro paredes da choupana.

Todas as propriedades estavam localizadas ao longo de um caminho sinuoso. Quanto mais imigrantes chegavam, mais longa ficava a picada [*Schneise*]. Ao lado da propriedade de Hannes Wagner e Klara, estava somente a propriedade de Christel e Franz Gerhard; depois deles havia somente a selva.

Klara escreve uma carta para sua família em Ahlweiler contando que o que fora prometido pelos recrutadores havia sido cumprido. “Nós fomos muito amigavelmente recebidos, nos fora dada a terra prometida, assim como o gado e tudo mais que é preciso para o início.” (p. 230). Porém, o início é muito difícil. Klara não escreve isso na carta, pois não quer assustar e nem preocupar sua família. “Nós estávamos pobres, sozinhos e sobrecarregados.” (p. 236). O contato com vizinhos era pouco, pois as propriedades ficavam distantes umas das outras e a grande quantidade de trabalho fazia com que não tivessem tempo para fazer visitas. Klara estava muito triste e acreditava que havia perdido sua pátria, seu apoio, sua esperança (p. 238).

Em alguns momentos, Klara se mostra com muita saudade e um pouco arrependida de ter deixado o Hunsrück e ter emigrado para o Brasil. “Do que serve emigrar, ter seu próprio pedaço de terra, a labuta, a saudade e tudo mais, se não se pode mostrar seu amor para as únicas pessoas que se tinha?” (p. 211). Contudo, ela sabe que não tem como voltar atrás na decisão tomada.

Pouco tempo depois, nasce a primeira filha do casal, Hildegard, com ajuda da vizinha Christel Gerhard. No dia do batizado da pequena Hilde, Klara recebe uma carta de sua irmã de Ahlweiler. As informações que a irmã lhe conta sobre a família são reconfortantes. Também as informações trazidas por novos imigrantes dão alento e força aos demais colonos. “Os recém-chegados contam coisas ruins sobre a pátria, desde pragas de insetos, passando por danos causados pelo granizo, até a fome, [...] de acordo com a origem do relator.” (p. 301).

Mas, para Klara, esse novo começo, a partir de então, não foi o paraíso esperado e sonhado. Devido a um machucado na perna, Hannes teve uma grave infecção e, para salvá-lo, foi necessário amputar uma das pernas: “Se nós não sararmos o local da infecção, o senhor vai morrer. [...] Mas para isso, me faltam os medicamentos certos. Eu temo que a única medida que podemos adotar seja a amputação” (p. 346), informa o botânico morador da colônia e com um pouco mais de conhecimento.

Após a amputação, Hannes sobreviveu, mas seu comportamento mudou. Ele passava os dias na cama, não querendo tentar se movimentar. Não ajudava mais no trabalho de casa e do campo e, aos poucos, começou a beber cada vez mais e a agredir Klara com frequência. As agressões passaram a ser constantes. “Ele me bateu no rosto, tão forte que meu nariz começou a sangrar.” (p. 388). Um dia, ao fugir das agressões do marido, Klara corre em direção à floresta, sofrendo um acidente. Ela cai no rio e, posteriormente, quando relembra, diz: “então bato minha cabeça contra uma rocha e tudo escureceu em frente aos meus olhos.” (p. 474).

Klara é encontrada desacordada por Raúl nas margens do Rio Paraíso. Sem memória, ela não consegue se lembrar do que aconteceu. Aos poucos, sob os cuidados de Raúl, Klara recobra a memória e, ao retornar à colônia, consegue solucionar o que aconteceu. No dia de seu acidente, seu marido havia sido morto. E recaía sobre Klara a suspeita de ela tê-lo assassinado. Somente após elucidar o que havia acontecido com seu marido e tendo de volta sua filha Hilde, Klara acredita que poderá ter um novo e bom começo no Brasil.

## **4.2.2 Espaços**

Como na apresentação dos elementos da obra anterior, também aqui eles não serão apresentados de forma cronológica ou de acordo com a ordem que aparecem na narrativa. Eles serão organizados em três grupos: (1) Alemanha e Brasil – aspectos que fazem uma descrição tanto geográfica quanto social de ambos os países; (2) Práticas sociais – elementos que retratam os papéis sociais e a interação entre os indivíduos; (3) Indivíduos – informações que caracterizem os personagens da narrativa.

### **4.2.2.1 Alemanha e Brasil**

A aldeia de Ahlweiler está localizada no Hunsrück, Alemanha, região que é considerada “alta e fria e com campos rochosos, onde apenas batatas produziam ricamente, mas para todos os outros produtos era muito frio.” (p. 35). A maioria das pessoas nunca tinha ido além do que os vilarejos vizinhos. Klara apresenta que “também nossos pais nunca viram muito do Hunsrück, muito menos de outras regiões.” (p. 35).

A paisagem das regiões próximas, como os vales do Reno e do Mosel, que se localizam a trinta e cinco e cinquenta quilômetros de Ahlweiler, respectivamente, é diferente da paisagem do Hunsrück. As montanhas que se levantam das margens de ambos os rios são cobertas de videiras para produção de vinho, algo inimaginável para o Hunsrück. As cidades maiores próximas a Ahlweiler eram Gemünden, a cerca de quinze quilômetros, e Simmern, que “era a maior cidade na região.” (p. 38).

A primeira vez em que Klara ouviu falar no Brasil foi na praça central de Ahlweiler, quando alguns recrutas do governo brasileiro estiveram lá fazendo propaganda para a emigração. Apesar de nem saber onde ficava esse país, Klara ficou encantada com o que havia ouvido e considerou que essa seria “a solução para todos os [...] problemas.” (p. 105).

Após chegar ao Brasil, a impressão que tiveram do Rio de Janeiro não foi muito positiva. Klara e outros imigrantes consideraram a cidade muito quente, barulhenta e caótica. Já a impressão que tiveram de Porto Alegre foi melhor, sendo tão imponente quanto o Rio de Janeiro, porém menor e mais tranquila.

O caminho pelo rio de Porto Alegre até a Colônia de São Leopoldo já apresentava um pouco daquilo que seria a futura vida desses colonos. Tudo era diferente e novo: plantas, animais, sons e cheiros. Tudo isso os deixava muito assustados, principalmente quando avistaram dois índios Kaingang em uma canoa.

Logo nos primeiros dias, com a ajuda de outros colonos, Klara e Hannes construíram sua choupana, cujas paredes eram feitas de folhas presas a galhos. Porém, “depois de fortes chuvas, ela [a choupana] ameaçava inundar.” (p. 235). À noite, “o cricrilar e o piar, o assobiar e o guinchar, sons que vinham de todos os lados” (p. 207) assustavam muito Klara e outros colonos. Com o tempo, foi necessário construir uma nova casa para reforçar a segurança e dar mais conforto aos moradores. Em pouco tempo, “nós havíamos construído uma pequena casa de enxaimel com cobertura de telhas, chão de madeira e com duas salas separadas ligadas por uma porta de madeira ricamente esculpida.” (p. 298). Além disso, Hannes havia providenciado móveis adequados e camas confortáveis.

Aos poucos, os moradores passaram a viver de segunda a segunda uma rotina de muito trabalho. Klara descreve sua rotina diária:

Como todos os dias, nós levantamos por volta de cinco e meia, comemos no café da manhã uma massa de farinha de mandioca e ovos assada na frigideira, vamos para a lavoura de milho e admiramos o crescimento rápido das plantas. Nos entremeios, plantamos mudas de mandioca, pois as raízes, assim nos foi dito, precisam de doze a dezoito meses para estarem prontas para colher. É um trabalho muito pesado e suado [...]. Por volta do meio dia, eu paro. Vou até nossa choupana [...] e inicio os preparativos para o almoço [...]. (p. 251).

As tardes eram semelhantes. Os colonos as iniciavam com uma sesta, já que o sol era muito quente para se fazer os trabalhos no campo. Em seguida, o trabalho continuava intenso. Ao fim do dia, cuidavam dos animais e entravam para casa para fazer o jantar e descansar para o próximo dia.

A propriedade de Klara e Hannes era um pedaço de terra na picada chamada *Baumschneis*, que ficava próxima do Rio Paraíso, um afluente do Rio dos Sinos. Além dessa picada, existiam também outras que foram abertas com a chegada de novos imigrantes, como por exemplo, a picada *Hamburger Schneis*.

Logo após a chegada na colônia, Klara sentia grande saudade de casa devido a todas as dificuldades passadas na viagem e à situação encontrada na colônia. Cada vez que algo a fazia pensar e lembrar a sua família, “meu coração de repente se contraía de saudade [*Heimweh*].” (p. 209).

Apesar de toda a saudade e de todas as dificuldades, Klara ainda lembrava bem “como [sua] barriga doía de fome ou como [...] havia congelado dentro do casaco.” (p. 233). Contudo, o clima no Brasil era horrível e mais inflexível que um forte inverno na Alemanha. “O frio se deixa ao menos combater com fogo no fogão ou com roupas quentes, enquanto que, contra o calor, nada ajuda.” (p. 233-234).

Assim como outros colonos, ela estava cansada de todo o trabalho, da solidão e da pobreza. Era nos momentos de reflexão sobre essa situação que muitos sentiam saudade ou mostravam certo arrependimento em ter emigrado.

Nós estávamos pobres, sozinhos e sobrecarregados. Nós sofriamos de uma saudade terrível e de febre que, aparentemente, vinha dos mosquitos. Nós estávamos debilitados, tanto de corpo quanto de mente. Depois de algumas poucas semanas em nossa nova pátria, nós aprendemos a odiá-la profundamente, mais do que nós já odiamos um dia nossa antiga pátria. (p. 236)

O grande esforço exigido para o trabalho também trouxe recompensas. Com o pequeno lucro que tiveram com a venda de seus produtos, Klara e Hannes compraram dois porcos e vários tecidos para confeccionar roupa de cama. “Nossa casa se tornara mais habitável. No jardim, nós tínhamos nosso poço, [...] um forno, assim como um estábulo para nosso gado.” (p. 299). Com esses melhoramentos, “nós começamos a nos sentir como em casa.” (p. 299).

Após a doença de Hannes e a necessidade de lhe amputar uma perna, ele não ajudou mais no trabalho do campo nem de casa. Klara precisava dar conta sozinha de todo o trabalho, inclusive do cuidado da filha pequena. O trabalho que antes era muito pesado para duas pessoas, passou a ser impossível para uma só. Ela passou a se ocupar com as atividades mais

urgentes, principalmente, alimentar a família. Com isso, a propriedade não foi mais cuidada. “Em pouco tempo, nossa terra se tornou totalmente selvagem [...]. A aparência geral era de completo abandono, mas eu não percebia” (p. 387), informa Klara.

Já a propriedade de seus vizinhos Christel e Franz Gerhard era diferente: “Tudo estava bem cuidado, a casinha bonita, o gado saudável e gordo.” (p. 408). Klara lamenta, pois sua propriedade também poderia estar assim, “se meu marido não tivesse me deixado sozinha com todo o trabalho.” (p. 408).

Assim como a propriedade dos Gerhard, a própria Colônia de São Leopoldo estava prosperando. Com o tempo, “graças à barca e à chegada de um padre, a colônia se transformou em um verdadeiro vilarejo” (p. 413), tendo inclusive, uma hospedaria. Logo, já contava também com uma estrada bem arrumada, uma igreja e uma pequena escola. “As propriedades dos primeiros imigrantes era indicação da modesta prosperidade. Elas se desenvolveram bem no curto espaço de tempo de três anos. As casas eram pequenas, mas eram casas de enxaimel resistentes.” (p. 460).

Quando Raúl esteve mais no interior da colônia, ocasião em que encontrou Klara desacordada às margens do Rio Paraíso, ele teve a sensação de que não estava no Brasil. “As casas de enxaimel eram tipicamente europeias, as hortas e os jardins, nos quais as pessoas plantavam as verduras para consumo próprio, não eram comuns dessa forma no Brasil. Até mesmo as roupas, que esvoaçavam nos varais, era algo estranho.” (p. 461). Segundo Raúl, no centro da Colônia de São Leopoldo, a única indicação de que não se estava na Alemanha era o prédio da Feitoria, construída em estilo português, e algumas palavras em português proferidas pelos condutores das barcas.

Ao voltar para a colônia, Klara ficou impressionada com o rápido crescimento nos três meses que esteve fora. Com isso, ela tinha esperança de que a colônia se desenvolvesse muito bem nos próximos anos. “São Leopoldo seria um vilarejo próspero, com quermesse e eventos de dança e comércio, onde poderiam ser compradas fitas coloridas e todo tido de quinquilharia.” (p. 516).

#### 4.2.2.2 Práticas Sociais

No romance *Das Mädchen am Rio Paraíso*, aparecem com frequência cenas de trabalho ou momentos em que o trabalho é mencionado. Já no início da narrativa, Klara, ao

falar sobre sua família, apresenta o pai como trabalhador de uma pedreira (p. 12) e, naturalmente, também agricultor. Porém, “na época da colheita, todos [da família] precisavam ajudar.” (p. 13).

O trabalho na agricultura, tanto em Ahlweiler quanto na Colônia de São Leopoldo, são as principais atividades que aparecem no romance, mas outras profissões também são importantes para a vida diária das comunidades. Entre os profissionais citados em Ahlweiler, estão o sapateiro Friede (p. 55), o professor Herr Friedrich (p. 11), o padre Zeller (p. 30) e o ferreiro Michel Schmidt (p. 55), por exemplo.

O próprio Hannes é carpinteiro de profissão (p. 99), o que foi muito útil para seu início na Colônia de São Leopoldo, em especial na construção de sua casa. Contudo, no início da colônia, o principal a fazer era preparar a terra para o plantio, sendo que o trabalho artesanal realizado por muitos passou a ser desenvolvido apenas no tempo livre, o que era muito raro então. “Todos os dias era a mesma coisa: levantar ao raiar do sol e, até o pôr do sol, trabalhar, comer, dormir.” (p. 234).

Klara sonhava com a possibilidade de, um dia, ela e Hannes criarem seus filhos e ensiná-los também a trabalhar. “Hannes iria mostrar para os meninos a arte do artesanato e do trabalho no campo e eu iria ensinar às nossas filhas todo o trabalho de casa e o trabalho manual.” (p. 121). Na colônia, o trabalho era dividido entre trabalho masculino e feminino. Geralmente, o trabalho masculino era a parte mais pesada na lavoura. Segundo Klara, o trabalho das mulheres era “ordenhar a vaca, por o feijão na água, dessalgar a carne seca, organizar o baú, trazer água para cozinhar e lavar roupa.” (p. 212). Porém, elas ajudavam na lavoura e ainda davam conta da casa, além de, em época de colheita, trabalhar com tanto afinco quanto os homens.

Ao longo da narrativa, surgem algumas profissões desempenhadas pelos moradores da colônia. Um deles, o senhor Friedhelm, era pedreiro [*Steinmetz*] (p. 318). Outro morador, o senhor Breitner, era considerado farmacêutico, mas, na verdade, era apenas um botânico (p. 341). Além deles, é citado também o seleiro [*Sattler*], o senhor Oberländer.

Com o desenvolvimento da colônia, logo veio para a comunidade um padre católico e alguns colonos começaram a desempenhar outras funções. Esse foi o caso, por exemplo, de Antonia Schmidtbauer, casada com Konrad Oberländer. Ambos, após o casamento forçado pelos pais, abriram uma hospedaria em São Leopoldo, que prosperava. Também o morador Wolfgang Eiser, um simples agricultor do Hunsrück, acabara se tornando “uma espécie de prefeito não oficial da colônia.” (p. 94). Por ter um cavalo e conhecimentos de português, muitos dos colonos vinham até ele “quando precisavam de ajuda com os departamentos

públicos brasileiros.” (p. 95). Ele também trazia produtos de Porto Alegre encomendados pelos colonos, em troca de um bom pagamento.

Enquanto estava sob os cuidados de Raúl em Porto Alegre, Klara estranhou muito o fato de apenas os escravos realizarem o trabalho e as tarefas tanto de dentro de casa quanto de fora e do campo. Inclusive dar banho e vestir seus senhores. Porém, Klara acreditava que “com certeza, deveriam existir, também no Brasil, muitos pequenos agricultores, artesãos ou comerciantes manufatureiros, cujas famílias também precisavam ajudar no trabalho. Mas mesmo eles tinham ao menos um escravo que era responsável pelo trabalho sujo.” (p. 311).

Ao voltar à colônia, Klara foi acompanhada por Raúl e pela escrava Joaquina. Ao chegarem na casa de Christel e Franz Gerhard, os três foram recebidos por Christel, que os convida a entrar. Todos estão na cozinha, e a escrava Joaquina “se senta à mesa da cozinha, com a criança [Hilde] no colo.” (p. 479). Quando os demais também se sentam à mesa da cozinha, “no mesmo momento, Joaquina levanta em um pulo. Ela não tinha percebido que, na casa dessas pessoas, a mesa da cozinha não era destinada aos empregados, mas sim era local das refeições da família.” (p. 479). Joaquina também estranhou quando Christel saiu rapidamente da casa indo em direção ao campo para chamar seu marido Franz, pois haviam recebido visita. “Essas pessoas não tinham nem ao menos um escravo que ela pudesse mandar? A mulher não podia deixar a visita sozinha na casa. Joaquina balançou a cabeça frente a essa falta de educação e, com certeza, ela mesma fazia um trabalho de casa melhor que essa mulher.” (p. 480).

O trabalho de todos era difícil, tanto em Ahlweiler, quanto na Colônia de São Leopoldo. Esses alemães e, posteriormente, colonos alemães dependiam, de certa forma, da agricultura para sobreviver, o que exigia muito esforço e trabalho. Mesmo assim, a solidariedade estava sempre presente na vida deles.

Em Ahlweiler, o velho Ochsenbrücher “vivía sozinho e não podia mais se alimentar mesmo” (p. 79), então, cada dia, pessoas da comunidade iam até sua casa para ajudá-lo da forma que podiam. “Inclusive pessoas como nós, que não sabiam como iriam passar o próximo inverno, traziam regularmente alguma coisa para o velho” (p. 79), diz Klara.

Especialmente no Brasil, essa solidariedade precisou continuar presente na vida diária da colônia. “Para roçar um pequeno pedaço de nossa terra, os vizinhos e outras pessoas que já estavam aqui há mais tempo que nós foram muito prestativos. Da mesma forma, nós também ajudávamos na preparação da terra nas propriedades vizinhas.” (p. 205). Um trabalho tão pesado era impossível de ser realizado por apenas uma pessoa.

As habilidades individuais de cada colono também eram importantes e, graças à solidariedade, ajudaram no crescimento das propriedades, como o caso de Hannes e de Wilhelm Schmidtbauer, moradores de *Baumschneis*. “Hannes ajudou o Wilhelm Schmidtbauer na cobertura do telhado, Wilhelm, por sua vez, nos ajudou quando construímos o nosso poço.” (p. 278).

Quando Hannes ficou doente e teve sua perna amputada, ele, Klara e a pequena Hilde passaram por momentos de grande sofrimento. Eles apenas não morreram de fome, pois “fomos providos por nossos vizinhos com o mais importante.” (p. 362). Klara teve que assumir todo o trabalho da propriedade, “tanto o trabalho feminino quanto o trabalho masculino.” (p. 363). Ela ainda aconselhou Hannes, que, apesar de não ter mais uma perna, poderia continuar seu trabalho como carpinteiro: “Você poderia se dedicar ao trabalho de entalhar. [...] Todos admiram nossa bela porta, e eu tenho certeza de que alguns encomendariam algo parecido para você, se ao menos soubessem que você realizaria esse trabalho.” (p. 363). Porém, Hannes nem ao menos tenta.

Em Ahlweiler e também na Colônia de São Leopoldo, a troca de informações era importante. Na época, existia o jornal “*Intelligenzblatt für den Landkreis Simmern*” (p. 117), que circulava também em Ahlweiler, mas apenas com informações que diziam respeito à região e não aos acontecimentos diários da comunidade. Em Porto Alegre, também existia o “Jornal da Tarde” que era publicado em português e trazia informações sobre a Colônia de São Leopoldo, como o não solucionado desaparecimento de Klara e a morte de Hannes (p. 151). Contudo, era escrito em português e por isso não era lido na colônia.

Portanto, alguns locais de encontro nas comunidades eram importantes para conversar e, desta forma, ficar sabendo do que estava acontecendo no vilarejo. Em Ahlweiler, o principal ponto de encontro das mulheres era o forno coletivo [*Backhaus*], chamado por todos de *Backes*. Klara ia com frequência até o *Backes*, “onde sempre era falado e fofocado muito” (p. 77). Foi no *Backes* que Klara ficou sabendo da possibilidade de Hannes emigrar para a América, por exemplo.

Já na Colônia de São Leopoldo, as mulheres não tinham mais um ponto de encontro. Na comunidade, não havia nenhum local social como igreja ou escola, não havia “um centro da localidade, apenas as picadas” (p. 303), dificultando o encontro dos moradores. As visitas eram uma forma de interação social, mas Klara e Hannes visitavam apenas os vizinhos Christel e Franz Gerhard, com os quais tinham mais contato. Já os homens da comunidade “se encontravam uma vez por semana, sempre na casa de outro, para conversarem sobre oportunidades como essa [construção de uma igreja] e torná-la realidade.” (p. 302).

Os únicos locais que faziam o papel de pontos de encontro eram a antiga Feitoria e o pequeno porto onde a barca estava atracada. Geralmente, quem frequentava esses locais eram “os homens, que se encontravam para conversar e bater papo, pois eles eram responsáveis pela compra, venda e pelo transporte de produtos e tinham oportunidades como essas de deixar a propriedade de vez em quando.” (p. 303).

Além disso, a comunidade sentia a necessidade de se construir uma escola e uma igreja na colônia. Em um dos primeiros momentos em que Klara aparece em Ahlweiler na narrativa, ela está na escola. “Quatro [dos irmãos] iam comigo para a escola da comunidade [Volksschule].” (p. 12). O caminho até a escola, todos faziam a pé: “ao menos dez quilômetros a pé, cinco até a escola e cinco de volta” (p. 14), já que a escola ficava na localidade vizinha de Hollbach.

Isso mostra que os imigrantes tinham frequentado a escola e queriam que também os seus filhos tivessem essa oportunidade. Na carta que escreve para a irmã Hildegard, Klara expressa que, “com o crescimento do número de novos imigrantes, com certeza, teremos em breve uma verdadeira comunidade, na qual vamos providenciar a construção [da escola e da igreja].” (p. 231). Isso realmente acontece quando Klara retorna à colônia.

Seria necessário, com o tempo, construir duas igrejas, “já que nós éramos em praticamente igual número católicos e protestantes.” (p. 302). A divisão religiosa dos alemães era preocupação ainda na aldeia de Ahlweiler. Quando Klara anunciou que iria emigrar e que se casaria com Hannes, sua família foi veemente contra. “Hannes era evangélico, eu católica.” (p. 98). Para Klara, “isso tanto fazia, e para Hannes também. Nós acreditávamos no mesmo Deus e seguíamos os mesmos dez mandamentos.” (p. 98). Além disso, quando tivessem filhos, “eles seriam criados em uma crença cristã e isso bastava.” (p. 121).

Na carta que escreveu para a irmã, Klara mentiu, dizendo que, enquanto a igreja não era construída, eles se encontravam com os vizinhos aos domingos “para juntos lerem um pouco da Bíblia e orar.” (p. 231). Klara não explicou porque escreveu essa mentira para a irmã. Ao longo da narrativa, são poucos os momentos de oração. Um deles, em conjunto, aconteceu pouco antes de desembarcarem no Rio de Janeiro, quando, na véspera de Natal, “nós oramos juntos, cantamos músicas de Natal e agradecemos ao querido menino Jesus.” (p. 184).

O primeiro padre a chegar na Colônia de São Leopoldo foi um padre católico vindo da região de Schwaben. “Nós todos que éramos de orientação católica, o enchemos logo com inúmeros pedidos. Nós queríamos nos confessar, poder ir à missa de domingo, ter aula de catequese para as crianças.” (p. 317-318). Com a vinda do padre, foi realizado o primeiro

batizado na colônia, o batizado da filha de Hannes e Klara, realizado em frente à casa do padre (p. 323). Com o tempo, foi construída a igreja e, atrás da igreja, foi construído o cemitério, onde foi enterrado o marido de Klara, Hannes (p. 510).

Apesar de o governo conceder aos imigrantes o livre exercício de sua religião, conforme anunciado pelos recrutadores (p. 104), a maioria dos brasileiros era católica, como os imigrantes perceberam ao chegarem no Rio de Janeiro. “Os brasileiros, a maior parte católicos, comemoram a festa também [o Natal].” (p. 188).

Os escravos também eram batizados católicos, mas Klara observava, no período que esteve na casa de Raúl, como “sua superstição era forte e, quando necessário, eles abandonavam toda a educação cristã que tinham de fachada” (p. 375) e pediam ajuda a algum Orixá. “Na dúvida, eles acreditavam mais no poder de seus deuses pagãos do que do Deus dos cristãos.” (p. 375).

Naturalmente, as festas também fazem parte da vida das comunidades. Durante toda sua vida Klara frequentou o *Kerb* [quermesse]. Em Ahlweiler, o *Kerb* (ou *Kirmes*) era realizado sempre em julho (p. 56). “Eu já dancei muito no chão de madeira construído embaixo da Tília, geralmente com meu pai ou com um dos meus irmãos; e todos os anos eu enchia minha barriga com todos os tipos de guloseimas, para as quais eu usava o dinheiro que havia poupado.” (p. 56). A quermesse era “o ápice anual da vida social em Ahlweiler.” (p. 57).

Um acontecimento social importante na vida dos colonos alemães era o casamento. Apesar de ser realizado em alto mar, o casamento de Klara foi, de certa forma, especial, apesar de ela já desempenhar o papel de esposa do Hannes.

A cerimônia durou nem cinco minutos e foi tão pouco romântica como a compra de uma panela. Mesmo assim nós comemoramos com todos os demais passageiros. O Höhner-Heinz de Westphalen tocou em seu acordeão algumas músicas agitadas, as quais nós dançamos. De algum lugar, surgiu um barril de vinho e, mais tarde, ocorreram as primeiras brigas. (p. 162).

Também o aniversário de Klara em alto mar foi motivo para comemorar. Foi “o dia de minha maioridade” (p. 163), informou ela. Hannes foi o primeiro a parabenizá-la, “beijando-me na face e dizendo ‘Feliz Aniversário’.” (p. 163). De Hannes, Klara ganhou um pequeno vidro de cristal contendo um líquido dourado: um perfume. O perfume era “uma mistura de rosas e de lírios.” (p. 164). Também seus amigos Christel e Franz Gerhard lhe presentearam com um vidro de morcilha (p. 166).

Na Colônia de São Leopoldo, datas especiais também eram comemoradas. O batizado da pequena Hilde foi um grande acontecimento na vida da colônia, por ser o primeiro

realizado lá. Após a benção, para a qual Klara confeccionou um belo vestido de batizado para a menina, todos os participantes trouxeram para a família seus presentes, e Hannes distribuiu a cachaça feita por ele. Após os cumprimentos, todos brindaram felizes (p. 328).

Outra comemoração festejada por algumas famílias foi o aniversário do vizinho Johann Wackernagel. Em sua residência, todos os vizinhos eram esperados. Praticamente todos que moravam próximo comemoraram com ele seu aniversário de quarenta anos. O coral formado na picada cantou uma serenata, todos riram e beberam bastante. Era um dos poucos momentos em que as pessoas se reuniam, um momento de lazer. Todos queriam aproveitar ao máximo esse momento de alegria e diversão (p. 494).

Com a falta de igreja, de escola e de demais atividades sociais, foi criado na picada um coro misto como atividade de lazer.

Nós queríamos nos encontrar uma vez a cada quatro semanas, sendo que somente com o tempo nós veríamos se seria possível manter esse ritmo. Até agora, nós nos encontramos uma vez. Esse dia foi para mim o ápice de minha estadia na nova pátria. Apenas quando eu comecei novamente que pude perceber o quanto o canto significava para mim e o quanto ele me fez falta nos primeiros tempos no Brasil. Nós cantamos ao ar livre, pois nenhuma de nossas casas tinha espaço suficiente, por isso a acústica não era muito boa, mas isso para nós tanto fazia. A única coisa que contava era o prazer e a alegria [...]. Foi divino. Eu sentia como se um nó se desfazia no meu coração e, depois do ensaio, eu estava tão bem humorada como há muito tempo não estava. (p. 304).

Enquanto esteve sob os cuidados de Raúl, Klara o acompanhou até sua estância, a estância “Herdade da Araucária”, em Santa Margarida, a cinco dias de distância de Porto Alegre. Como era no mês de junho, na estância, foi realizada uma festa junina. Segundo a escrava Teresa, a festa junina era uma festa tradicional, por meio da qual se saudava a chegada do inverno em junho, com uma grande fogueira, com especialidades culinárias e, naturalmente, com música e dança (p. 357).

Klara observou como os convidados estavam vestidos para a festa: sapatos finos, mantilhas, ponchos. Para comer, eram servidos cozidos, sopas, churrasco, canjica, feijoada, bolinhos de peixe, pastéis, tortas e outros doces, além de bebidas alcoólicas. “Um grupo de música tocava tradicionais músicas gaúchas e as pessoas dançavam suas danças folclóricas.” (p. 377). Klara observava tudo atentamente, apreciando especialmente a música e a dança. O que lhe chamou atenção foi a quantidade de carne consumida.

Klara nunca tinha visto em sua vida tal montanha de carne de gado, muito menos então comido. Em Ahlweiler, de vez em quando, tinha uma galinha, já em ocasiões especiais, era carneado um porco, cujos pedaços de toucinho podiam alimentar por meio ano, e, no Natal, tinha ganso. Carne de gado era comida de pessoas ricas. Vacas produziam leite, bois puxavam arados e carroças – eram muito preciosos para

carnear. Aqui, pelo contrário, a carne de gado era parte principal do cardápio. (p. 396).

Com o tempo, alguns colonos se adaptaram aos costumes gaúchos, como por exemplo, o chimarrão. O colono Wolfgang Eiser, após trabalhar um ano na propriedade de um gaúcho próximo a Porto Alegre, aprendeu a apreciar essa bebida. Desde então, “ele raramente era visto sem sua cuia com a bomba de prata. Isso viciava.” (p. 95). Com frequência, ele ia até o mercado em Porto Alegre para providenciar sua provisão de erva mate.

#### 4.2.2.3 Indivíduos

Conforme indicado anteriormente, o romance apresenta dois tipos de narradores: um em primeira pessoa – a própria Klara – e outro em terceira pessoa, que tem acesso aos pensamentos e aos sentimentos das pessoas próximas. Com isso, todos os capítulos narrados por Klara – desde o seu aniversário de sete anos até o seu acidente – apresentam particularmente sua visão sobre as pessoas e os fatos ocorridos.

Já nos capítulos narrados em terceira pessoa – do momento em que Klara acorda com amnésia até quando consegue solucionar seu acidente –, como o narrador apresenta as impressões dos personagens próximos, em especial de Klara, Raúl e Teresa, se tem, geralmente, a visão deles sobre as pessoas e sobre os fatos narrados. Com isso, é possível observar como os personagens são construídos ao longo da narrativa.

Poucas são as descrições feitas por Klara das pessoas de Ahlweiler. Sobre sua mãe, Klara informa que

ela era uma mulher de meia idade, que, apesar dos lábios tensos, dava uma boa impressão. Suas marcas de expressão aparentavam leves com seus olhos castanhos. [...] Ela usava um lenço na cabeça, xadrez marrom e verde escuro e a touca, que era usada somente quando vinha visita ou quando ia à missa aos domingos. Ela via as mãos calejadas de sua mãe, os braços fortes, de onde apareciam as veias quando torcia as roupas ou amassava a massa. Ela via os tornozelos de sua mãe, os quais, no verão, apareciam embaixo da saia comprida sobre os quais ela usava uma meia fina azul. Nas outras estações do ano, sua mãe usava meias grossas. (p. 69).

Em raros momentos, são descritas as roupas utilizadas pelos moradores de Ahlweiler. Apenas para a quermesse, Klara podia usar “vestido comprido e touca, como as mulheres adultas.” (p. 57). A touca era uma peça importante no vestuário feminino da região. Klara estava preocupada, já que, “aos dezenove anos, [...] ainda não estava embaixo da touca” (p.

72), ou seja, ela ainda não estava casada. A expressão *unter der Haube sein* [estar em baixo da touca] significa estar casada.

O cunhado de Klara, Theo, casado com sua irmã Hildegard considerava a família Lisenfeld como “marotos, sonhadores [...], preguiçosos e matadores de tempo” (p. 73) e, por isso, a família estava sempre em dificuldade. Já os recrutadores, quando vieram até Ahlweiler, informaram que estavam convidando os alemães para emigrar, pois eles eram “trabalhadores, robustos e tinham força de vontade.” (p. 104).

Entre os jovens que moravam em Ahlweiler, segundo Theo, o Konrad “é um sujeito bom, valente [...], sincero, não bebe e segue uma vida piedosa.” (p. 73). Já Hannes, com quem Klara se casou, era alguém que “fala muito e faz pouco.” (p. 78). Quando Klara conhece Raúl, passa a observá-lo com atenção e logo chega à conclusão de que “os homens brasileiros se diferenciam pouco dos homens alemães, pois se preocupam sempre em parecer fortes e heroicos a qualquer preço.” (p. 221).

A aparência de Klara ao ser encontrada por Raúl já indica que ela não era brasileira. Raúl percebe que ela se parece “mais como um desses colonos. Não que ele já tenha visto o rosto de algum. Mas ela não parece ser daqui.” (p. 22). Ao passear junto com Teresa no mercado em Porto Alegre, todos logo percebem que ela é uma “senhorita estrangeira” (p. 106), devido à sua aparência.

Sobre o caráter de Klara, Raúl acredita que seu “jeito seco deveria ser típico dos colonos.” (p. 216). Um jornalista que escreveu sobre o caso de Klara na colônia, conta a Raúl como descobriu as informações, e acrescentou ser difícil conseguir respostas, já que “esses imigrantes se unem como pedra e cal, nunca iriam contar a um forasteiro coisas que poderiam prejudicar a um deles.” (p. 227).

Ainda em Ahlweiler, alguns dos colonos tiveram seu primeiro contato com brasileiros na praça da aldeia, quando os recrutadores anunciavam a possibilidade de emigrar. Posteriormente, ao chegar ao Rio de Janeiro, também avistaram os funcionários públicos, aparentemente portugueses, “com pele cor de azeitona e cabelos pretos.” (p. 185). Ainda em Ahlweiler, alguns alemães se consideravam melhores do que aquela “gentilha de portugueses que qualquer um aqui considerava como uma corja preguiçosa do sul.” (p. 104).

Por estar na casa de Raúl, Klara teve a oportunidade de conhecer melhor o dia a dia de Porto Alegre e a forma de vida dos moradores, em especial da classe alta portuguesa, dos gaúchos e dos escravos. O próprio Raúl – Raúl Almeida Vasconcelos – apesar de ser culto e vir de família portuguesa, tem, segundo Klara, com seus “olhos escuros, cabelos pretos, pele fortemente bronzeada” (p. 23) aparência e modo de gaúcho do campo. Quando estava em sua

estância, com frequência, Raúl vestia as roupas de montaria tradicionais usadas pelos gaúchos: bombacha, botas, ponche, guaiaca e chapéu (p. 330).

Devido à perda de memória, ao acordar na casa de Raúl, Klara acreditava que nunca havia visto escravos negros. Porém, quando ela e os demais imigrantes chegaram ao Rio de Janeiro, avistaram pela primeira vez os escravos. “Eles não aparentavam ser como ela havia imaginado. Nenhum deles estava preso a correntes ou aparentava enfraquecido. Eles vestiam roupas em bom estado, apesar de estranhas.” (p. 185).

A primeira negra que Klara viu de perto, agora sim na casa de Raúl, foi Teresa, que, “com certeza, não era da selva. [...] Ela usava um vestido de algodão simples, um avental e estava descalça.” (p. 8-9). Logo, Teresa se tornou a protetora de Klara, ajudando-a a se recuperar do acidente. Também na casa de Raúl, trabalhava a jovem escrava Aninha e, em sua propriedade, Raúl mantinha ainda alguns escravos para o trabalho no estábulo. Já na estância, “viviam cerca de cinquenta escravos, dos quais, no mínimo dez, eram escravos da casa.” (p. 308).

A compra e a venda de escravos também são citadas no romance. Teresa contou rapidamente a história de um menino escravo, Pedro, cujo pai fora vendido para uma fazenda distante (p. 65). Um dia, Raúl cogitou inclusive vender Aninha para “o senhor Fernando de Sousa e Silva se ele lhe pagasse um preço adequado.” (p. 156). Com frequência, Teresa conversava com um escravo, o qual lhe cortejava e, um dia, ele lhe pediu para perguntar se o senhor Raúl não estaria interessado em comprá-lo “por bondade, para fazer companhia a você [Teresa] quando fosse mais velha.” (p. 274).

Enquanto estavam na propriedade de Raúl, Teresa contou à Klara um pouco sobre sua vida. “Eu também já fui uma bela jovem mulher e amei um homem” (p. 354), conta ela. “Nós não podíamos casar, pois éramos escravos. Nós também não podíamos ter filhos – ou seja, nós mulheres podíamos parir, mas não poderíamos contemplá-los como nossos bebês, mas sim como nossa contribuição para o acervo de escravos de nosso dono.” (p. 354).

Por fim, outras pessoas que, até então, eram desconhecidas para os imigrantes, eram os índios. Durante a viagem de Porto Alegre a São Leopoldo, o grupo de colonos alemães no qual estavam Klara e Hannes avistou pela primeira vez índios.

Os índios nos ignoraram, o que nos permitiu estudá-los com mais precisão. Eles tinham o cabelo cortado em forma de coroa e traziam adornos nos lábios e nas orelhas. Seus olhos eram em formato de amêndoa, seu nariz achatado. O tronco era marrom, musculoso e totalmente sem pelos. Ambos aparentavam ser nem selvagens primitivos nem hostis agressores. (p. 190).

O condutor da barca, Karl Lehmann, alertou os colonos informando-os que eram índios “do grupo ‘Kaingang’ [...]. Não deixem se enganar por eles. Eles são sujeitos bem traiçoeiros.” (p. 191). Karl, que também é morador da Colônia de São Leopoldo e um dos primeiros imigrantes a chegar, informa ainda que “esses índios não têm o menor respeito por nossa propriedade. Eles roubam nossos animais e saqueiam nossas casas.” (p. 191).

Posteriormente, Klara e Hannes passaram pela situação descrita por Karl Lehmann. Uma noite, Klara avistou um índio roubando a porca que criavam. Apesar de correr atrás, Klara não conseguiu alcançar o índio na escuridão da noite no meio da floresta (p. 368). Em outro momento, ao amanhecer, Klara avistou uma índia fora de sua casa. “Sua dentadura era horrível, pois seus dentes eram pontudos, como de um peixe voraz. Todo o mais na mulher aparentava não ser muito diferente de nós brancas, a não ser a cor da pele, do cabelo e dos olhos, naturalmente.” (p. 451).

Aparentemente, a relação entre os imigrantes e o governo brasileiro sempre foi boa. Klara informa que “sua experiência com os funcionários públicos brasileiros, até agora, lhe mostrou que essas pessoas eram complacentes e pacientes e sempre recebiam os imigrantes alemães com braços abertos e os tratavam com grande respeito.” (p. 177).

No entanto, em uma conversa com o jornalista Paulo Inácio da Silva, este informou seu amigo Raúl que

lá fora na colônia, predomina uma situação que não se pode imaginar. Essas pessoas nunca viram em suas vidas banana, cobra e tatu. Eles estão pasmos de medo, pois eles não conhecem nossa flora e nossa fauna. E ninguém explica nada a eles. Eles são simplesmente soltos e os pobres diabos estão tão desesperados, que eles ainda se sentem agradecidos por tudo. [...] Mas a eles não sobra nada mais, além de fazer disso o melhor [...]. Voltar eles não podem. (p. 224).

Ele continuou dizendo que

precisamos tratar os colonos bem, especialmente na imprensa. Ordens de cima. Nosso chefe redator e o governador da Província do Rio Grande do Sul são ... deixamos assim. Dona Leopoldina não quer confiar apenas nos recrutadores [...]. Ela pode calcular o que aconteceria, se nós, os brasileiros de origem portuguesa, não tratarmos bem os novos colonos. (p. 226).

Terminando a conversa, o jornalista ainda alertou que

o verdadeiro escândalo consiste em que buscamos agricultores famintos no exterior para tornar nossa terra cultivável e povoar as regiões de fronteira [...]. Em contrapartida ao fato de que eles, sem saber, foram instalados como escudo contra agressões dos argentinos, é dado a eles um pedaço de terra sem valor e uma vaca. Isso é criminoso, meu caro senhor Almeida, criminoso! (p. 223).

As relações entre os homens e as mulheres em Ahlweiler e na Colônia de São Leopoldo nem sempre eram muito boas. A mãe de Klara já dizia para a filha quando pequena

que “os homens ganham sempre o melhor, nós [mulheres] somente os restos.” (p. 17). Em uma carta, a irmã de Klara informa que sua outra irmã, Ursula, foi espancada quase até a morte por seu marido e procurou abrigo na casa de seus pais em Ahlweiler, porém, Theo, o marido de Hildegard, a mandou embora de volta para o seu marido “pois lá é seu lugar e pois é direito do homem castigar sua esposa indisciplinada.” (p. 360).

Também Klara era agredida por Hannes. “Ele me bateu no rosto, tão forte que meu nariz começou a sangrar. Eu estava perplexa. Eu estava tão apavorada que não conseguia nem chorar.” (p. 388).

Naturalmente não ficou em somente uma vez. Ele me batia com mais frequência e cada vez mais brutal. Os ataques eram causados pelo álcool e por futilidades [...]. Uma vez foi por uma comida muito salgada, uma outra por uma mancha em sua camisa [...]. Poderia ser por minha falta de vontade de dormir com ele [...]. (p. 406).

Klara tinha a esperança de que, “um dia, tudo estaria novamente em ordem.” (p. 407). Por sua vontade, ela teria fugido, mas sabia bem que, na colônia, ela não poderia viver sozinha e, “fora da colônia, [...] não teria nenhuma chance sem conhecer o país, seus costumes e sua língua.” (p. 407).

Durante o período que esteve com Raúl, Klara se via muitas vezes como uma escrava, como uma “negra do campo, apenas com pele branca.” (p. 396). Nenhuma das pessoas do círculo de conhecidos de Raúl sabia “quão duro ela e os outros colonos trabalharam e ainda trabalham, e nenhum deles iria considerar isso possível [...]. Um branco que faz trabalho de campo? O qual, na falta de um boi, talvez se colocasse puxando mesmo um arado?” (p. 396).

Entre os brasileiros, Klara sentia que seria “para sempre uma estrangeira.” (p. 517). Ela tinha aparência diferente dos brasileiros, ela falava diferente, ela sentia talvez também diferente, apesar de aprender o idioma português e, em pouco tempo, já falar com certa fluência. Falar português, para os imigrantes, era importante e, de certa forma, demonstrava certo valor, como no caso do imigrante Wolfgang Eiser, que, por ter conhecimentos de português, era procurado por muitos colonos para trazer alguns produtos de Porto Alegre (p. 94).

Klara anotava todas as palavras novas que aprendia em português em um pequeno caderno de anotações (p. 82). Em pouco tempo, “ela tinha preenchido vinte páginas do seu caderno de anotações com uma sequência de palavras, conforme surgiam no dia a dia da casa.” (p. 112). Klara não conhecia a ortografia correta do português, por isso, anotava “a palavra em transcrição fonética.” (p. 112). Para cada palavra, Klara colocava o significado correspondente em alemão e, na falta dele, desenhava o objeto. Algumas palavras anotadas

por Klara: *abackaschieh*, *manga*, *mamaun*, *papagaio* e *assuhkar* (p. 112-113). Futuramente, Raúl dá a Klara um pequeno dicionário português-alemão de presente (p. 116). Quando volta à colônia, todos ficam impressionados com a facilidade e a fluência que Klara já apresenta na língua nacional.

## 5 ANÁLISE CONTRASTIVA DAS OBRAS

Tanto o romance *Menschen im Aufbruch* quanto o romance *Das Mädchen am Rio Paraíso* foram escritos por autores alemães contemporâneos. O primeiro foi publicado em 1998 e o segundo, em 2010, ou seja, 174 e 186 anos, respectivamente, após ter início a emigração alemã para o Rio Grande do Sul. A publicação de ambas as obras ocorreu na Alemanha, sendo que o romance de Hans Weber foi publicado por uma editora regional e não teve uma reedição, apesar de os exemplares estarem esgotados. Já o romance de Ana Veloso foi publicado por uma editora maior, a nível nacional, e teve mais de uma edição.

Sendo os dois textos escritos em língua alemã e lançados apenas na Alemanha, entende-se que o público alvo dessas obras sejam os alemães. Em relação à primeira obra, devido à abrangência apenas regional da editora, o público alvo fica restrito, teoricamente, a leitores da região e a pessoas que estão em contato com o autor ou à procura de obras com essa temática. Já a segunda obra, devido à maior abrangência da editora, é divulgada em todo o país, ou seja, não se limita a moradores do Hunsrück e/ou interessados no tema. Porém, como a temática é bem restrita – emigração do Hunsrück para o Rio Grande do Sul –, é possível que o público alvo também fique restrito a pessoas interessadas nesse assunto.

Ambos os autores não são nascidos no Hunsrück. Hans Weber nasceu em Luxemburgo, mas se mudou para o Hunsrück ainda criança, onde vive ainda hoje. Contudo, a partir de então, ele teve contato constante com a história da região. Ana Veloso é nascida em Koblenz, distante cerca de sessenta quilômetros de Simmern, maior cidade do Hunsrück, e teve contato também, desde criança, com a história da região. No período em que morou no Brasil, ela teve a oportunidade de se aproximar também da história dos alemães que emigraram para o Brasil, entre eles os grupos que foram para o Rio Grande do Sul.

É importante destacar que nenhum dos dois romances tem a intenção de apresentar dados históricos precisos e possíveis de serem conferidos em obras de história da imigração alemã no Rio Grande do Sul ou em obras de história da emigração alemã para o sul do Brasil. Pelo contrário, Ana Veloso, ao fim de seu texto, informa que, para evitar que o livro fosse lido como fonte de informações históricas, criou livremente os personagens, a localidade de Ahlweiler, o Rio Paraíso e as datas registradas. Já Hans Weber não faz nenhuma observação sobre o fato de os personagens e as informações que apresenta serem reais ou não, mas, ao se analisar as listas de passageiros e as datas, por exemplo, percebe-se que não há

correspondência. Além disso, o autor não apresenta o nome da localidade de origem da família Teis no Hunsrück.

A partir da exposição acima, é possível relacionar ambas as obras à classificação proposta por Stüben (2013). Tanto *Menschen im Aufbruch* quanto *Das Mädchen am Rio Paraíso* são obras que se encaixam no conceito de literatura regional proposto por Stüben (2013), segundo o qual, ela é, “por um lado, o conceito geral para a literatura de uma região relativamente fechada e, por outro, o termo técnico de gênero que descreve obras individuais com relação especial a peculiaridades regionais”. Ou seja, a partir do momento que essas obras provêm de uma determinada região ou falam de uma região específica, elas podem ser consideradas também literatura regional.

Em sua classificação, Stüben (2013) complementa ainda que a literatura pode ser *em* uma região (devido à recepção), *de* uma região (corresponde à literatura surgida em uma determinada região) ou *sobre* uma região (relacionada à temática do texto literário). No caso das obras que compõe o *corpus* deste trabalho, acreditamos que elas sejam literatura regional uma vez que também abrangem os três critérios indicados por Stüben (2013).

Ambos os romances, devido à temática que apresentam, são literatura *sobre* uma região. A obra *Menschen im Aufbruch* também pode ser vista como literatura *de* uma região, já que foi escrita e publicada no próprio Hunsrück, e como literatura *em* uma região, pois grande parte de seu público alvo está naquela região. Já sobre a obra *Das Mädchen am Rio Paraíso*, não foram encontradas informações do local de escrita, mas, de acordo com a origem da autora, é possível relacioná-la com o local de escrita da obra, ou seja, também é possível considerar o romance como literatura *de* uma região. Além disso, o público alvo, apesar de o livro estar disponível em todo o país, se encontra possivelmente no Hunsrück e nas regiões próximas, sendo assim, literatura *em* uma região.

Por fim, é importante destacar que, escritas em um momento posterior à época em que ocorreu de fato o movimento migratório da Alemanha para o Brasil, ambas as obras são também espaços de recordação. Assmann (2011) ressalta que grandes feitos precisam ser documentados para, posteriormente, serem lembrados. A experiência vivida pelos colonos alemães no Rio Grande do Sul, em especial os pioneiros, pode ser considerada como um grande feito. Com isso, é necessário que ela seja documentada, não só de forma histórica, como já foi e está sendo feito, mas também registrada pela literatura. O surgimento de ambas as obras propicia a lembrança desse grande feito.

Marinho Antunes (2010, p. 190) destaca que “recordar é fazer viver na memória, tornar quase palpável no presente um passado que é a melhor garantia de futuro.” A literatura

pode ser considerada, assim, como uma forma de memorial. *Menschen im Aufbruch* e *Das Mädchen am Rio Paraíso* são uma forma de memorial permitindo que as imagens do passado venham novamente à tona no presente.

## 5.1 CULTURAS EM MOVIMENTO

Conforme apontado anteriormente, o romance de migração permite perceber os movimentos realizados por um grupo de pessoas durante o ato de migrar. Na literatura, esses momentos não são cenas estanques ou isoladas, mas sim uma sequência de fatos e de acontecimentos que permitem perceber e identificar como ocorre esse movimento, indo além da simples viagem.

Retomando a proposta inicial de Ette (2001), esse movimento compreende cinco locais: (1) a decisão, (2) a despedida, (3) a viagem, (4) a chegada e (5) o novo começo. Da mesma forma, esses locais não são estanques e independentes, mas fazem parte do processo todo que envolve a migração.

Em ambos os romances, o *primeiro local* – “a decisão” – inicia a partir da presença dos recrutadores enviados pelo governo brasileiro para o Hunsrück, quando os personagens ficam sabendo sobre a possibilidade de emigrar. A proposta feita era tentadora: receber, além de animais e ferramentas, também grandes propriedades de terra fértil em um país, cujo clima permitia duas colheitas ao ano. Para esses camponeses, que viviam praticamente na miséria e não viam chances de melhora, a única saída seria emigrar.

Porém, a decisão de emigrar não é simples e não é tomada rapidamente. Em *Menschen im Aufbruch*, ela envolve, inicialmente, o casal Hannespeter e Regina, depois os filhos e, em seguida, também os pais de Regina, já que eles ajudariam financeiramente a família da filha. Por outro lado, em *Das Mädchen am Rio Paraíso*, primeiramente Hannes decidiu que iria emigrar, o que fez com que Klara também se sentisse motivada a tomar a decisão, já que Hannes havia providenciado parte da documentação e pago a passagem para duas pessoas. Por fim, apesar da negativa inicial de sua família, Klara estava decidida a emigrar junto com Hannes para o Brasil.

O *segundo local*, “a despedida”, é um dos processos mais carregados de emoção nas duas obras. Esse processo inicia com a seleção dos pertences a serem deixados e a organização dos objetos que seriam levados na viagem. Para a família Teis, isso envolve a

venda da casa e de seus móveis, deixando para trás o que já haviam construído até então. Inclusive as crianças da família Teis deram seus brinquedos para seus amigos, na esperança de que, futuramente, fossem lembrados por eles.

A emigração envolvia toda a localidade. Todos se reuniam para se despedir dos emigrantes. Em *Menschen im Aufbruch*, mais famílias da mesma comunidade estavam emigrando. Por isso, a despedida ocorreu na igreja, logo após o culto. Era um clima de comoção muito grande. Por outro lado, em *Das Mädchen am Rio Paraíso*, apenas Hannes e Klara estavam abandonando Ahlweiler para tentar uma vida nova no Brasil. Klara acreditava que nem todos estavam ali para se despedir de fato, mas sim para ter assunto para falar depois. Apesar de todos estarem muito tristes com a despedida, Klara ainda observou que nem toda a família de Hannes estava presente para se despedir deles. Para os personagens de ambas as obras, a despedida da família foi um dos momentos mais difíceis de todo o processo.

Porém, a despedida não era somente da família e das pessoas queridas. Os emigrantes também estavam olhando pela última vez a paisagem da antiga pátria. Hannes e Klara, no caminho até Bacharach, observavam com atenção o caminho, em especial o caminho que fizeram inúmeras vezes até a escola quando crianças e o cemitério onde estava enterrada a mãe de Klara. Ao chegarem em Bacharach, sabiam que, no dia seguinte, deixariam para sempre o Hunsrück. A família Teis também observava toda a paisagem por onde passavam. Eram locais que nunca haviam conhecido antes e sabiam que seus familiares nunca conheceriam. No porto de Bremerhaven, já a bordo do navio, Hannespeter e os filhos olharam pela última vez e se despediram da antiga pátria Alemanha.

Durante a despedida, os personagens refletiram sobre a decisão tomada e, comovidos pelos momentos de emoção e tristeza, já sentiam muita saudade da família e de tudo que deixaram para trás. Os emigrantes também ficaram apreensivos, pois percebiam que, após a despedida, a decisão não teria mais volta. Apesar da tristeza, estavam também esperançosos, pois relembavam as dificuldades pelas quais passaram e sabiam que, no Brasil, teriam condições de prosperar.

O *terceiro local* é “a viagem”. Aqui, não é apenas a viagem marítima, mas o processo que compreende a saída da aldeia onde moravam os emigrantes até a chegada deles na colônia. Em *Menschen im Aufbruch*, a viagem foi realizada de carroça: saindo da pequena aldeia, passando pela cidade de Kastellaun, até chegarem em Oberwesel, de onde partiram de navio até a cidade de Köln. O trajeto seguinte, entre Köln e Hannover foi feito em carroças seguindo uma das estradas do correio [*Postlinie*]. O caminho entre Hannover e o porto de Bremerhaven foi percorrido do mesmo jeito. No romance *Das Mädchen am Rio Paraíso*,

Hannes e Klara foram levados de carroça de Ahlweiler até Bacharach por um dos irmãos de Klara. De Bacharach, o casal foi de navio até Köln, de onde seguiram viagem até o porto de Antwerpen, na Bélgica, mas a viagem não é descrita na obra.

Tanto em Bremerhaven quanto em Antwerpen, a família Teis e Hannes e Klara, respectivamente, se juntaram a grupos maiores de emigrantes e foram colocados a bordo dos navios transatlânticos. Em *Menschen im Aufbruch*, o navio Piet van Daig partiu com os emigrantes em direção ao Rio de Janeiro em 30 de abril de 1827. Em *Das Mädchen am Rio Paraíso*, o navio Victoria partiu do porto de Antwerpen no dia 8 de outubro de 1824, também em direção ao Rio de Janeiro.

A viagem do Piet van Daig transcorreu tranquila e todos os emigrantes estavam bem. O único momento mais tenso foi uma tormenta que fez o navio balançar muito, causando pânico entre os passageiros. A família Teis estava toda molhada e Regina estava muito descrente de que tinham tomado a decisão certa ao escolher emigrar para o Brasil. Já a viagem do navio Victoria não foi tão tranquila. O navio também passou por uma forte tormenta e o balançar deixava as pessoas muito enjoadas. Além disso, as condições do navio eram péssimas, segundo Klara, o cheiro era insuportável, e as cabines eram sujas e desconfortáveis. Apesar de tudo isso, Klara ainda teve alguns momentos de felicidade e esperança dentro do navio. Primeiro, foi celebrado e comemorado o casamento dela e de Hannes, depois, foi comemorado seu aniversário e, no mesmo dia, ela percebeu que estava grávida.

Os passageiros ficavam ociosos por muito tempo. Enquanto que no Piet van Daig os emigrantes procuravam sentar para conversar, jogar cartas, orar, cantar, fazer trabalhos manuais, observar o mar e pescar, no navio Victoria, a situação era diferente. Os emigrantes estavam entediados e logo iniciavam as brigas e as discussões, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Klara chegou a citar que parecia que estavam se tornando animais.

Com a aproximação do Rio de Janeiro, os passageiros de ambos os navios estavam mais aliviados e impressionados com a bela paisagem que a cidade proporcionava. Do Rio de Janeiro, os emigrantes seguiram viagem em outro navio até Porto Alegre. Em ambos os romances, esse trecho da viagem não é descrito, apenas é informado que foi uma viagem tranquila.

De Porto Alegre, os imigrantes vindos com o navio Piet van Daig seguiram até São Leopoldo em carroças (*Menschen im Aufbruch*), sem maior descrição de como transcorreu a viagem. Já os passageiros do Victoria (*Das Mädchen am Rio Paraíso*), seguiram até São Leopoldo de barca. Já durante essa viagem, os imigrantes puderam perceber o que os aguardava na colônia: isolamento e uma floresta totalmente desconhecida.

O *quarto local* é “a chegada”. Assim como o local “a viagem”, “a chegada” não corresponde a apenas um momento. Em especial nesses dois romances, a chegada ocorre em três momentos: a chegada ao Rio de Janeiro, a chegada em Porto Alegre e a chegada em São Leopoldo.

É importante observar que os locais aqui analisados não começam necessariamente onde o anterior termina, mas, muitas vezes, eles se sobrepõem, como ocorreu com os locais “a despedida” e “a viagem”, nos quais, mesmo com a viagem já iniciada, ocorreram momentos de despedida; e com os locais “a viagem” e “a chegada”, nos quais a viagem não estava ainda no fim, apesar de terem chegado ao Rio de Janeiro, por exemplo.

Assim, a primeira chegada ocorreu no Rio de Janeiro. Representantes do imperador receberam os dois grupos de imigrantes recém-chegados com anúncio de boas vindas. Todos ficaram impressionados com a beleza da cidade, e foi o primeiro momento em que muitos deles estiveram na presença de brasileiros de origem portuguesa e de escravos. As instalações oferecidas aos dois grupos eram consideradas por eles boas. Os imigrantes na obra *Das Mädchen am Rio Paraíso* ainda tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais da então capital do Império brasileiro, a qual julgaram muito quente, barulhenta e caótica.

A segunda chegada foi em Porto Alegre, a qual agradou mais, uma vez que a capital da Província do Rio Grande do Sul era menor, porém, tão imponente quanto o Rio de Janeiro. O período em que os imigrantes de ambos os romances ficaram em Porto Alegre foi breve, pois logo foram transportados para a Colônia de São Leopoldo.

A terceira chegada, o destino final dos imigrantes, foi a Colônia de São Leopoldo. No romance *Menschen im Aufbruch*, a chegada ocorreu no dia 11 de agosto de 1827 e os imigrantes ficaram alojados durante os primeiros dias nos antigos abrigos dos primeiros colonos. Eram ranchos sujos e abandonados. Já os imigrantes do romance *Das Mädchen am Rio Paraíso* chegaram à colônia em 1º de janeiro de 1825 e ficaram hospedados no prédio da Feitoria, que estava desativada. Naquele local, todos os imigrantes recém-chegados eram alojados até receberem sua porção de terra. Mesmo nos abrigos provisórios, os imigrantes de ambos os romances perceberam que estavam em meio à floresta selvagem, praticamente isolados de todo o mundo. Para muitos, foi um momento de sentimentos confusos, já que estavam felizes por terem chegado e porque logo receberiam suas propriedades, mas, ao mesmo tempo, estavam tristes por verem as situações que teriam que enfrentar e sentiam saudade de casa.

É interessante observar que ambos os romances marcam um dia específico para a chegada dos imigrantes alemães à Colônia de São Leopoldo. Contudo, conforme já anunciado

pela autora Ana Veloso, por exemplo, as datas não coincidem com acontecimentos reais. Em 1824, a última leva de imigrantes a chegar foi em 6 de novembro e, em 1825, a primeira a chegar foi em 12 de fevereiro (HUNSCHE, 1975), ou seja, antes e depois da data de chegada dos imigrantes em *Das Mädchen am Rio Paraíso*. O mesmo ocorre também na obra *Menschen im Aufbruch*, no qual as datas mais próximas de reais chegadas de famílias de imigrantes alemães à Colônia de São Leopoldo são 19 de maio e 1º de outubro (HUNSCHE; ASTOLFI, 2004). Essas informações permitem perceber que ambos os romances trazem como pano de fundo histórico as primeiras levadas da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Trata-se, portanto, de dois romances que fazem o mesmo recorte temporal migratório.

Por fim, o *quinto local* é “o novo começo”. O sentimento predominante no início do processo do novo começo é o de esperança. Ao receberem suas terras nas picadas, os colonos mal podiam acreditar no tamanho de suas propriedades. O que tinham era muito maior do que as propriedades no Hunsrück. O trabalho inicial, em ambas as obras, era pesado, pois, primeiramente, era preciso derrubar a floresta e, depois, preparar a terra para o cultivo. É interessante observar como o trabalho coletivo está registrado nos dois romances, pois ele foi importante para esse novo começo, já que o trabalho era difícil e pesado para ser realizado sozinho. Através desse trabalho conjunto, se reforçaram os valores de solidariedade e de comunidade, valores que serão importantes para o desenvolvimento das colônias alemãs do estado.

As propriedades estavam espalhadas ao longo de picadas abertas para os colonos, e cada um era responsável por construir sua casa, cuja construção foi bem descrita em *Menschen im Aufbruch*, envolvendo todos os moradores da picada em um trabalho coletivo. Depois, cada um ficou responsável por terminar sua casa e providenciar seus móveis. Para isso, tanto a família Teis quanto os Wagner tiveram sorte, já que Hannes Wagner era carpinteiro, assim como o amigo da família Teis, Friedrich Gewehr.

Dentro de pouco tempo, a propriedade e a colônia começaram a prosperar. Mesmo assim, em alguns momentos, os personagens manifestavam muita saudade da antiga pátria e também arrependimento de ter abandonado tudo, especialmente quando passavam por situações de dificuldade. A família Teis perdeu seus dois filhos: o mais velho lutando como soldado durante a Guerra dos Farrapos e o mais novo morto mais tarde por uma picada de cobra. Além disso, a família sofreu um ataque de índios. Já o marido de Klara ficou doente e teve sua perna amputada. Com isso, todo o trabalho que haviam realizado na propriedade se perdeu. A partir de então até a morte de Hannes, Klara teve que trabalhar muito para conseguir ao menos alimentar sua filha, seu marido e a si mesma.

A narrativa do romance *Das Mädchen am Rio Paraíso* termina por volta de junho de 1827. Assim, não há um registro de como a Colônia de São Leopoldo se desenvolveu nos anos seguintes. Aparece apenas a esperança de Klara de que, um dia, a colônia prospere, especialmente para o futuro de sua filha. Já em *Menschen im Aufbruch*, há um extenso relato sobre o desenvolvimento da Colônia de São Leopoldo nos anos seguintes, principalmente em relação à família Teis, já que a narrativa termina com informações dos anos de 1870 e 1875 com o falecimento dos personagens Hannespeter e Regina Teis, respectivamente.

## 5.2 O TERCEIRO ESPAÇO

É importante retomar que a literatura proporciona a articulação de experiências de diferença cultural. Dessa forma, a teoria pós-colonial proposta por Bhabha (2013), por exemplo, pode ser aplicada também à literatura em língua alemã, no caso, na literatura aqui em questão. Leem-se, nessas obras, diversas questões passíveis de análise a partir das teorias de Bhabha (estereótipos, construções sociais, etc.).

Para essas análises, é necessário perceber como se formam os sujeitos – figuras complexas de diferença cultural – nos entre-lugares proporcionados a partir do contato entre os extremos. Bhabha (2013) aponta ainda que a diferença cultural surge quando um dos elementos de uma comunidade a observa de fora.

No romance *Menschen im Aufbruch*, esse afastamento da comunidade para observá-la é construído pela opção por um narrador onisciente e onipresente em terceira pessoa. Essa escolha permite que o narrador, que conhece todo o enredo, o antes e o depois, e tem acesso aos sentimentos e pensamentos dos personagens, possa observar e analisar os acontecimentos enquanto narra. É possível perceber isso nas passagens em que o narrador compara as condições no Hunsrück com o que os alemães encontrariam na Colônia de São Leopoldo, focando em informações como qualidade do solo, clima, aspectos da propriedade rural, produtos, entre outros.

Em *Das Mädchen am Rio Paraíso*, apesar da narração ser feita, em parte, também por um narrador onisciente e onipresente em terceira pessoa, o afastamento ocorre com mais intensidade na própria personagem Klara. Em diferentes momentos, Klara se mostra diferente das pessoas da sua família e da sua comunidade. Um exemplo disso é quando, ainda criança, ela pensa consigo mesma que já sabia que o seu destino seria diferente das pessoas de

Ahlweiler, em especial da sua mãe e da sua irmã Hildegard (p. 38). Na obra, o narrador onisciente e onipresente em terceira pessoa também permite um afastamento, em especial nos momentos em que são narradas situações com Raúl, Teresa ou Klara, representando, respectivamente, os brasileiros de origem portuguesa, os escravos e os imigrantes alemães.

O contato entre diferentes culturas, como por exemplo, as culturas do Hunsrück e a do Brasil, abre espaço para a criação de um hibridismo cultural, que acolhe as diferenças. Em ambos os romances, não é no tema central que serão encontrados esses contatos entre os extremos, mas sim nas situações que surgem ao seu redor.

Ainda na Alemanha, o grupo de pessoas do Hunsrück pode ser considerado uma minoria. São pessoas pobres, sujeitadas às condições proporcionadas, de um lado pelas condições climáticas, mas de outro, também pelo governo. São pessoas que se encontram à margem. A eles é dada uma opção de deixar essa margem e melhorar suas condições de vida: emigrar para o Brasil. Porém, ao chegarem ao Brasil, especialmente à Colônia de São Leopoldo, eles continuam sendo um grupo minoritário. As condições de vida no Brasil não são muito diferentes, pois passaram a viver isolados em meio à selva. Era necessário construir, inicialmente, uma propriedade e, em seguida, uma comunidade para, posteriormente, prosperarem dentro do novo país.

Conforme apresentado no romance *Das Mädchen am Rio Paraíso*, os imigrantes que viviam na Colônia de São Leopoldo foram praticamente abandonados pelos governos imperial e provincial sem ao menos receberem orientações sobre a selva, as plantas e os animais. Eles não receberam, ainda, qualquer tipo de apoio básico como de um médico, um professor, um religioso e ajuda para a segurança, em especial para a proteção contra os ataques dos índios. Apesar de terem melhores condições climáticas para a produção agrícola, esses alemães saíram de uma comunidade instituída há muitos anos e com todos os recursos necessários para uma vida modesta, contando, inclusive, com eventos sociais para, de repente, estarem isolados no meio da floresta com as mínimas condições de sobrevivência.

O mundo de experiências de um migrante, a partir do confronto com outro – o morador do país para onde emigra –, faz com que exista a necessidade de se traduzir as situações e as experiências vividas, superando qualquer forma de hierarquização. No caso dos imigrantes do Hunsrück, foi necessário que eles, inicialmente, compreendessem as condições que encontraram na Colônia de São Leopoldo para, então, se unirem com o objetivo de fazer a colônia prosperar. Apesar de ser a única saída para sobreviver, essa também é uma forma de expressão de resistência para impor também sua autoridade cultural.

Dessa forma, conforme é possível verificar em ambos os romances, as colônias prosperaram graças ao trabalho de cada um dos colonos, que, com o tempo e com muito esforço, conseguiram construir novamente escolas, igrejas e locais sociais. É também possível analisar o abandono do governo imperial brasileiro como a oportunidade encontrada pelos colonos para criarem um espaço no qual passaram a ser agentes, ou seja, no qual puderam decidir a forma que viveriam na colônia, mantendo seus costumes e, em especial, seu idioma.

Bhabha (2013) indica que o Terceiro Espaço não corresponde a um espaço físico, mas sim a um espaço crítico, onde identidades são construídas. Os colonos representados em ambas as obras não são mais alemães do Hunsrück, porém ainda não são brasileiros. Eles não são mais alemães do Hunsrück, pois deixaram para trás uma série de costumes e de atividades sociais que os constituíam como alemães do Hunsrück e, ao mesmo tempo, ainda não são brasileiros, pois as adaptações que fizeram para a sobrevivência diária estão longe de serem parecidas com o dia a dia dos demais brasileiros moradores da Província.

É esse espaço que propicia o surgimento da hibridização cultural, na qual, há um lugar para a diferença sem uma hierarquia imposta. Os colonos passam a constituir uma cultura diferente da cultura dos alemães na Alemanha e diferente da cultura dos brasileiros na Província. A essa diferença não é imposta nenhuma hierarquia e nenhuma forma de poder. Apesar de não ser terra de ninguém, pode-se perceber, devido ao acidente sofrido por Klara em *Das Mädchen am Rio Paraíso*, por exemplo, que mesmo a polícia não tem um livre e absoluto acesso à colônia, uma vez que, para entender o que havia acontecido, os policiais tiveram que usar praticamente gestos por causa das limitações linguísticas e não conseguiram solucionar o caso por falta de maiores informações.

A partir de então, percebe-se que a preocupação principal dos colonos alemães não era de se tornar brasileiros. Pelo contrário, a preocupação inicial, que era de sobreviver, passou agora a ser o de construir uma comunidade com as necessidades básicas para qualquer grupo de pessoas: a construção de uma escola e de uma igreja.

Devido à necessidade de estar em contato com brasileiros, principalmente para vender os produtos excedentes da colônia e para comprar os produtos que não eram produzidos por lá, os colonos passaram a perceber a importância de dominar a língua portuguesa. Apenas os colonos que tinham conhecimentos na língua saíam da colônia para realizar os negócios necessários. Saber português também significava não ser passado para trás nas transações comerciais realizadas.

A partir da leitura inicial de ambos os romances, é possível perceber que alguns personagens são caracterizados como estereótipos, como por exemplo, os alemães que são

trabalhadores, ordeiros e piedosos, os portugueses que são preguiçosos. No entanto, ao longo da leitura das obras, verifica-se que esses estereótipos apresentam fissuras. Cada personagem apresenta diferentes qualidades, vontades e interesses. Verifica-se logo que nem todos os alemães são trabalhadores, ordeiros e piedosos, assim como nem todos os portugueses (e descendentes de portugueses) são preguiçosos. Essas fissuras permitem também que as diferenças sejam percebidas e aceitas.

Com isso, a construção discursiva dos personagens procura superar a polarização entre eu/outro, entre alemão/brasileiro, por exemplo. Os personagens de ambas as obras, de acordo com o grupo ao qual pertencem, apresentam uma aparência semelhante, talvez até estereotipada, mas o que apresentam internamente é revelado no discurso, sendo diferente de um personagem para outro.

Faz parte também dessa construção discursiva o anúncio da própria identidade de cada indivíduo. Apesar de, em *Menschen im Aufbruch*, Regina comentar que, cada vez mais se sentiam como brasileiros (p. 176) e, em *Das Mädchen am Rio Paraíso*, Klara dizer que, com o nascimento de Hilde, “nós os ‘brasileiros’ estávamos aumentando” (p. 301), em todo o restante dos dois textos, os imigrantes alemães se afirmam como colonos [*Kolonisten*]. A identidade de “colono” ou “colono alemão”, não é mais a identidade do alemão e, ao mesmo tempo, ainda não é a identidade do brasileiro. Trata-se de uma identidade que está em contato com esses dois extremos e que convive a partir da diferença. É, de certa forma, a relação entre passado e presente não como lembrança nostálgica, mas como algo que é necessário para que o indivíduo possa viver (BHABHA, 2013), naturalmente em uma convivência com perdas e ganhos que ocorrem sempre de ambas as partes envolvidas no processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o Hunsrück, a vinda dos recrutadores enviados pelo governo brasileiro não poderia ter sido em melhor hora. A situação de miséria enfrentada não só pelos alemães no Hunsrück, mas conforme visto, em várias outras regiões do território que hoje forma a Alemanha, fazia com que a única perspectiva que tinham era continuar vivendo em meio à pobreza. A oportunidade oferecida pelo Império brasileiro, a promessa de uma nova vida em uma terra onde tudo floresce, pareceu ser um milagre. Porém, nenhum dos emigrantes tinha a real noção do que os esperava no Brasil.

Embora os primeiros imigrantes aparentemente tenham realmente recebido o que fora prometido (terras, animais e ferramentas), eles foram instalados em uma extensão de terras no meio da selva, sem as mínimas condições de sobrevivência. Contudo, na época, estavam muito agradecidos, pois finalmente tinham terra própria e poderiam produzir para si. Mesmo com todas as dificuldades que enfrentavam, não perdiam a esperança de prosperar. Ver que o trabalho árduo que realizavam diariamente, praticamente sem descanso, dava resultado, os mantinha perseverantes e lhes dava forças para continuar, superando a tristeza e a saudade.

Esse grande acontecimento também teve seus reflexos na literatura. É interessante verificar que, no fim do século XX e no início do século XXI, uma temática tão restrita como a imigração alemã do Hunsrück no Rio Grande do Sul ainda é presente na produção literária de língua alemã. Dessa forma, percebe-se o valor que deve ser dado à literatura regional. Durante o trabalho, não foram discutidas questões relativas à qualidade literária das obras. O objetivo principal era verificar como a cultura do colono alemão foi construída nos dois romances, e não mensurar sua qualidade ou não.

Os resultados encontrados a partir da análise das obras permitiram observar que os dois romances considerados literatura regional apresentaram elementos ricos para se estudar o processo de constituição dos sujeitos híbridos e de construção da cultura híbrida dos colonos alemães. É importante ressaltar que as obras literárias regionais se mostraram adequadas para tal estudo.

O movimento inicial dos emigrantes alemães e, posteriormente, dos imigrantes alemães, permitiu contemplar os cinco locais propostos no trabalho e que representam o processo desencadeado pelo ato de migrar. Em ambos os romances, foram identificados elementos semelhantes, comprovando que a proposta teórica apresentada é realmente possível

de ser encontrada na prática, ou seja, que o modelo desenvolvido realmente é possível de ser relacionado ao processo de emigrar/imigrar na literatura de migração.

Como foi chamada a atenção já na introdução deste trabalho, a teoria pós-colonial, a princípio, não foi pensada para as obras de literatura de migração aqui analisadas. Porém, o novo olhar dado por esta pesquisa, a partir da teoria em direção aos textos estudados, permitiu que importantes elementos fossem encontrados, auxiliando a destacar, ao longo das narrativas, o processo de construção da cultura dos colonos alemães. Esse novo começo na nova terra representou uma série de experiências que precisaram ser vistas, traduzidas e somente então entendidas pelos alemães para, posteriormente serem absorvidas ou não.

Seria presumível, por exemplo, que os colonos, isolados em meio à floresta, criassem novas regras na comunidade ou passassem a viver da maneira como os índios da região viviam. Tudo isso era possível, afinal, o meio em que se encontravam e os contatos que estavam fazendo permitiam e propiciavam isso. Porém, não é simplesmente por estarem naquele meio que precisariam viver do mesmo jeito que os nativos ou, então, da maneira que viviam os moradores da campanha ou ainda de Porto Alegre.

A presente análise tentou mostrar e entender como as escolhas feitas pelos colonos e as situações que encontraram e vivenciaram fizeram com que eles se constituíssem como sujeitos e com que fosse construída uma cultura híbrida, uma vez que, por um lado, eles não eram mais alemães, mas por outro, ainda não eram brasileiros. Eles eram colonos alemães em solo brasileiro.

Certamente, se alguns desses elementos referidos acima fossem diferentes, como por exemplo, se a colônia alemã estivesse inserida em uma área de terras vizinha a Porto Alegre, com uma infraestrutura completa, encontraríamos sujeitos diferentes constituídos por essa nova combinação e interação de elementos. Não se quer dizer que o meio forme o sujeito, mas sim que toda a relação de poderes e a gama de contatos entre as culturas influenciam a constituição dessas culturas híbridas, como se pode verificar na análise dos dois romances.

Pelo disposto acima, acredita-se que este trabalho seja uma contribuição importante para os estudos de literatura acerca do tema da (i)migração no Brasil, uma vez que, diferentemente de outros trabalhos que identificaram a cultura teuto-brasileira ou então teuto-gaúcha em obras literárias, o que foi feito aqui foi ir além da representação, procurando verificar e entender como ocorre a relação entre os sujeitos, o contato entre as culturas e o que faz com que uma cultura nova seja criada. A presente pesquisa permite que seja dado um novo enfoque às pesquisas realizadas sobre a presença do imigrante alemão na literatura brasileira, assim como a presença da emigração alemã na literatura de língua alemã.

A análise realizada das duas obras literárias ainda não se exauriu. Certamente, existem novos elementos a serem identificados e alguns dos aspectos aqui apresentados ainda podem e precisam ser aprofundados em pesquisas próximas, o que não foi possível devido à delimitação do trabalho.

Por fim, possivelmente, a presente dissertação poderá contribuir não só para os estudos literários na área de literatura de migração, mas poderá despertar a atenção também dos interessados em história da imigração alemã no Rio Grande do Sul. As duas obras que constituem o *corpus* do trabalho trazem detalhes ricos e outros olhares que permitem futuros trabalhos interdisciplinares envolvendo a literatura e a história.

Além disso, é importante citar também o filme *Die andere Heimat – Chronik einer Sehnsucht* [A Outra Pátria – Crônica de um Desejo], do diretor alemão Edgar Reitz, lançado em 2013. Tendo como plano de fundo parte da primeira metade do século XIX, o filme tematiza a onda de emigração do Hunsrück para o Brasil. Devido à delimitação do trabalho, o filme não pôde ser explorado como *corpus* e objeto de análise, o que ainda precisa ser feito em pesquisas próximas.

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação*. Formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BABKA, Anna; POSSELT, Gerald (Org.). *Über kulturelle Hybridität*. Wien, Berlin: Verlag Turia + Kant, 2012.

BABKA, Anna; MALLE, Julia; SCHMIDT, Matthias (Org.). *Dritte Räume*. Homi K. Bhabhas Kulturtheorie. Kritik. Anwendung. Reflexion. Wien, Berlin: Verlag Turia + Kant, 2012.

BACHMANN-MEDICK, Doris. *Cultural Turns*. Neuorientierungen in den Kulturwissenschaften. Reinbek: Rowohlt, 2009.

\_\_\_\_\_. Kulturanthropologische Horizonte interkultureller Literaturwissenschaft. In: WIERLACHER, Alois; BOGNER, Andrea (Org.). *Handbuch interkulturelle Germanistik*. Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2003.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

\_\_\_\_\_. *Die Verortung der Kultur*. Tradução de Michael Schiffmann e Jürgen Freudl. Tübingen: Stauffenburg Verlag, 2007.

BOHN, Selbrício. *Os Imigrantes do Hunsrück (Alemanha)*. Nossos antepassados: sua partida, sua viagem e chegada em São Leopoldo. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 2004.

CAMPIGOTTO AQUINO, Ivânia. *A Representação da Etnia Alemã no Romance Sul-Rio-Grandense*. Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2007.

CHIAPPINI, Ligia. Regionalismo(s) e regionalidade(s): trajetória de uma pesquisadora brasileira no diálogo com pesquisadores europeus e convite a novas aventuras. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (Org.). *Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EducS, 2013.

CUNHA, Jorge Luiz da. Os Alemães no Sul do Brasil. In: CUNHA, Jorge Luiz da. (Org.) *Cultura Alemã 180 anos*. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

DREHER, Martin Norberto. *190 Anos de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

EAGLETON, Terry. *Was ist Kultur?* Tradução de Holger Fliessbach. Berlin: C. H. Beck Verlag, 2001.

ERLL, Astrid. Erinnerungshistorische Literaturwissenschaft: Was ist... und zu welchem Ende...? In: NÜNNING, Ansgar; SOMMER, Roy (Org.). *Kulturwissenschaftliche Literaturwissenschaft*. Tübingen: Günter Narr Verlag, 2004.

ETTE, Ottmar. Einleitung – von „Literaturen ohne festen Wohnsitz“. In: STURM-TRIGONAKIS. *Global playing in der Literatur*. Ein Versuch über die Neue Weltliteratur. Würzburg: Verlag Königshausen & Neumann, 2007.

\_\_\_\_\_. *Literatur in Bewegung*. Raum und Dynamik grenzüberschreitenden Schreibens in Europa und Amerika. Göttingen: Velbrück Wissenschaft, 2001.

\_\_\_\_\_. *Überlebenswissen*. Die Aufgabe der Philologie. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2004.

GEERTZ, Clifford. Dichte Beschreibung. Bemerkungen zu einer deutenden Theorie von Kultur. In: KIMMICH, Dorothee; RENNER, Rolf Günter; STIEGLER, Bernd (Org.). *Texte zur Literaturtheorie der Gegenwart*. Hg. und kommentiert von Dorothee Kimmich, Rolf Günter Renner und Bernd Stiegler. Stuttgart: Reclam, 2004.

GRYWATSCH, Jochen. Literatura na região e o conceito de espaço. Tradução de Gerson Roberto Neumann. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (Org.). *Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EducS, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Vorträge und Aufsätze*. Teil II. Pfulingen: Neske, 1967.

HOFMANN, Michael. *Interkulturelle Literaturwissenschaft*. Eine Einführung. Paderborn: Wilhelm Fink Verlag, 2006.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: A nação, 1975.

HUNSCHE, Carlos Henrique; ASTOLFI, Maria. *O quadriênio 1827-1830 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: G&W, 2004.

KIMMICH, Dorothee. Kulturwissenschaft. Einleitung. In: KIMMICH, Dorothee; RENNER, Rolf Günter; STIEGLER, Bernd (Org.). *Texte zur Literaturtheorie der Gegenwart*. Hg. und kommentiert von Dorothee Kimmich, Rolf Günter Renner und Bernd Stiegler. Stuttgart: Reclam, 2004.

KNOLL, Ursula. Von unmöglichem, Nazis und Feuchtgebieten: 3 Fragen an Wolfgang Müller-Funk. In: BABKA, Anna; MALLE, Julia; SCHMIDT, Matthias (Org.). *Dritte Räume*. Homi K. Bhabhas Kulturtheorie. Kritik. Anwendung. Reflexion. Wien, Berlin: Verlag Turia + Kant, 2012.

LANDAU, Michael; MERKS-KRAHFORST, Martina. *Abenteurlust – Mut der Verzweiflung?* Wanderungsbewegungen im Saarraum nach dem Dreißigjährigen Krieg bis Ende des 19. Jahrhunderts mit Schwerpunkt Kreis St. Wendel. Sankt Wendel: Eigenverlag, 1995.

LEHMANN, Emil. *Die deutsche Auswanderung*. Berlin: Verlag von Georg Reimer, 1861.

MARINHO ANTUNES, Luísa. A construção da memória cultural por meio da literatura: alguns aspectos. In: CARVALHO LAMAS, Nadja de; RAUEN MORAES, Taiza Mara. *(Pro)Posições Culturais*. Joinville: Editora Univille, 2010.

MECKLENBURG, Norbert. Regionalismo literário em tempos de globalização. Tradução de Ana Helena Krause. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (Org.). *Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EducS, 2013.

MOMBACH, Clarissa. *A representação da cultura brasileira teuto-gaúcha na literatura sul-rio-grandense contemporânea*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MÜLLER, Telmo Lauro. *1824 Antes e Depois*. O Rio Grande do Sul e a imigração alemã. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 1999.

MÜLLER-FUNK, Wolfgang. Alterität und Hybridität. In: BABKA, Anna; MALLE, Julia; SCHMIDT, Matthias (Org.). *Dritte Räume*. Homi K. Bhabhas Kulturtheorie. Kritik. Anwendung. Reflexion. Wien, Berlin: Verlag Turia + Kant, 2012.

NEUMANN, Gerson Roberto. *Brasilien ist nicht weit von hier!* Die Thematik der deutschen Auswanderung nach Brasilien in der deutschen Literatur im 19. Jahrhundert (1800 - 1871). Frankfurt am Main: Peter Lang, 2005.

NÜNNING, Vera. Literaturgeschichte nach dem ‚*Cultural Turn*‘: Auswahlprinzipien und Konzepte einer kulturwissenschaftlichen Literaturgeschichtsschreibung. In: HANENBERG, Peter et al. (Org.). *Rahmenwechsel Kulturwissenschaft*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2010.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Volume 1. Tradução de Emery Ruas. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RÖSCH, Heidi. *Migrationsliteratur im interkulturellen Diskurs*. Dresden: Technische Universität Dresden, 1998.

RUTHNER, Clemens. Homi Bhabha & the 40 thieves. Zur Kulturwissenschaftlichen Konzeptualisierung nationaler Stereotypen. In: BABKA, Anna; MALLE, Julia; SCHMIDT, Matthias (Org.). *Dritte Räume*. Homi K. Bhabhas Kulturtheorie. Kritik. Anwendung. Reflexion. Wien, Berlin: Verlag Turia + Kant, 2012.

SCHREINER, Renate. *Entre Ficção e Realidade: a imagem do imigrante alemão na literatura do Rio Grande do Sul*. Lajeado, Santa Cruz do Sul: FATES, UNISC, 1996.

SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

\_\_\_\_\_. A Identidade Teuto-brasileira numa Perspectiva Histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira (org.). *Os Alemães no Sul do Brasil*. Canoas: Editora ULBRA, 1994.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. Tradução de Thiago Benites dos Santos. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto (Org.). *Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EducS, 2013.

TSCHINAG, Galsan. *Die graue Erde*. Frankfurt: Suhrkamp, 2001.

VELOSO, Ana. *Das Mädchen am Rio Paraíso*. München: Knauer, 2010.

WEBER, Hans (Uhlendorf). *Menschen im Aufbruch*. Simmern: Böhmer Druckerei GmbH, 1998.

WIRTH, Uwe. Zwischenräumliche Bewegungspraktiken. In: WIRTH, Uwe (Org.). *Bewegen im Zwischenraum*. Berlin: Kadmos, 2012.